

*Sriyam*

# *Não estava só - 1º -*

*Sabedorias para um coração simples*



*1º Volume*

*Sriyam*

*Não estava só - 1º -*

*Sabedorias para um coração simples*

*1º Volume*

## *Para minha mãe*

*Era um menino quando  
regressaste na Luz.*

*Obrigado por teres sempre  
apertado a minha mão.*

*Procurando-te, redescobri  
o teu Mundo de Luz e Amor,  
e a minha Essência Divina.*

*Obrigado por teres-me carinhosamente acompanhado  
a regressar a ser um menino simples.*

*Agora, como menino, vivo sereno,  
caminhando feliz em direção à Luz,  
abandonado entre os braços dos Anjos.*

*Quero-te bem mãe.*

# *P*remissa

De repente, vejo-me trancado no meu quarto sozinho e desesperado.

Disseram-me: *“Steven, a tua mãe foi para o Céu.”*

Olho para o céu por um tempo mas não a vejo...

*“O que foste lá fazer? Porque deixaste-me aqui sozinho?”*

O pai está longe a trabalhar:

*“Porque é que não vens trabalhar aqui perto para eu poder estar contigo?”*

Em casa apenas está a minha madastra:

*“Por que é que estás sempre tão séria e sempre em silêncio? O que vieste aqui fazer se não gostas de mim e da minha irmã?”*

Tanta dor, tantos “porquês” sem respostas.

Sinto-me “diferente” de todos e ninguém consegue me entender...

*Escuto uma voz que diz-me:*

*“Olá Steven, chamo-me Dave, sou teu amigo, quero-te bem.  
Estou ao teu lado e estarei sempre ao teu lado.  
Sentirás a minha voz no teu coração.”*

Dia após dia vou descobrindo que Dave não é apenas um amigo que me ama e me entende em tudo, mas que é também um grande “sábio” que me explica tudo, que me ajuda a compreender os meus relacionamentos, tudo que eu vivencio, as coisas que acontecem e responde a todos os meus “porquês”.

Com ele ao meu lado aprendo a como apresentar-me e como viver a vida.

Ele me faz o presente mais bonito, o maior presente:  
Isso ajuda-me a sentir no coração a voz da minha mãe!

-----

Chegam os vinte anos: mergulho-me no mundo...

Tenho tudo o que um jovem sonha, vivo intensamente todo o divertimento possível, “gerindo” todos os meus relacionamentos.

Não me dou conta que o barulho do mundo e este meu modo de viver afasta-me de mim mesmo:

Já não sinto a voz de Dave, a voz da mãe.

Mas agora eu tenho tudo, estou cercado de muitas pessoas, tenho dinheiro, divirto-me muito... faço o que eu gosto, sou livre, não paro um instante.

-----

De repente encontro-me novamente sozinho, desesperado...

“Mas o que aconteceu?”

Sinto-me mais uma vez “diferente” e tudo o que eu fazia não me diverte mais, nada mais faz sentido.

Volta a dor e a angústia.

Inicio a viagem mais difícil: aquela para nos encontrarmos a nós.

Mas não sinto mais Dave, não sinto mais a minha mãe...  
o coração permanece vazio.

-----

Um encontro fez-me fazer o meu primeiro *channeling* onde falo com a minha mãe.

Ela fez-se reconhecer com tantos detalhes que só eu conheço.

Ela explica-me o que aconteceu desde o momento em que eu acreditava que me tinha abandonado.

Disse-me que estava sempre perto de mim, que permanecerá perto de mim e que realmente falou comigo no coração.

Ela me faz o presente mais bonito, o maior presente:  
Isso ajuda-me a sentir no coração a voz de Dave!

Com ela descobro que Dave é na realidade o meu Anjo e que ele também esteve sempre perto de mim.

Na realidade: Não estava sozinho - Nunca estive sozinho!

-----

Continuei intensamente a viagem em direção a mim mesmo, percorrendo um Caminho de crescimento, de evolução, acompanhado, apoiado, guiado, protegido, ajudado e infinitamente amado pelo meu Anjo, pelos Anjos e pela minha mãe.

Vivo agora novamente de maneira simples, em um lugar onde a vida tem-se mantido como há 60 anos, entre as pessoas simples. Aqui posso novamente estar em contato com a natureza, cercado de muitos animais que amo.

O meu Anjo, os anjos e a minha mãe fizeram-me, uma vez mais, o presente mais bonito, o maior presente: ajudaram-me a voltar a ser um bebê, a viver perdido nos seus braços.

-----

Agora sei viver sozinho e não me sentir mais sozinho.



# *I*ntrodução

*Esta é a história de Steven,  
um menino bom e valente como tu,  
nascido há 60 anos.*

*O mundo de então era muito diferente  
do que é hoje.*

*Talvez você se surpreenda com a enorme simplicidade de  
Steven, mas antes as crianças eram assim.*

*Agora as crianças crescem muito rápido,  
e conhecem mais cedo muito mais coisas.*

*Mas os corações são sempre os mesmos.*

*Neles estão os mesmos sentimentos,  
as mesmas emoções que Steven conta-te neste livro.*

*Também tu tens ao teu lado um amigo,  
que pode ler o teu coração,  
como Dave lê o coração de Steven.*

*Quero-te bem.*

*Sriyam*

## *Nota do autor*

*Os eventos narrados reportam fielmente a realidade, por isso os nomes dos personagens foram alterados.*

*Steven é uma criança e, como tal, pensa, fala e exprime os seus sentimentos e emoções.*

*Conserva esta linguagem ainda crescido.*

*Foram utilizadas letras maiúsculas para realçar o valor intrínseco.*

- *Olá Steven, o que fazes sozinho no teu quarto? Porque estás assim tão triste? O que aconteceu?* -

- Deixaram-me aqui sozinho, tenho tanto medo!

A minha mãe não está mais aqui. Eu não sei porquê, não sei o que aconteceu... ninguém me diz nada, ninguém me diz para onde se foi a minha mãe...

Tenho tanto medo de não voltar a vê-la mais!

A minha irmã Susan chora.

Todos que vêm cá a casa estão tão sérios e olham para mim de uma maneira estranha. Alguém até chora...

A avó adoeceu, chamaram o médico...-

- “Mãe, mãe, onde estás? Para onde foste?

Mãezinha, tenho tanto medo, volta para mim!” -

- *Pequeno Steven, vem para aqui, para os meus braços. Quero-te bem.* -

- Não, não! Não te quero a ti, quero a minha mãe! -

-----

- “Mãe, mãe! Um senhor disse à Susan que estás morta... que foste ao Céu... que não poderemos ver-te mais...” -

- “Mãezinha, diz-me que não é verdade!  
Diz-me que não foste embora sem mim! Como faço para viver  
sem ti?  
Eu quero os teus beijinhos, os teus carinhos!  
Mãe, não me deixes aqui sozinho...” -

*- Pequenininho Steven, sinto muito que tu já não tens aqui tua mãe.  
Sem a mãe sofre-se muito, e tudo fica mais difícil.  
Sei que agora estás muito triste e que sentes muita falta de  
alguém que te prenda em seus braços, te aperte, te dê carinhos,  
te encha de beijos e de mimos.  
Eu não posso trazer a tua mãe de volta, meu bem, mas posso  
estar ao teu lado.  
Vou ajudar-te a viver este momento em que te sentes perdido,  
como se ficaste perdido numa floresta. -*

- “Mãezinha, desce do Céu! Desce, vem ter comigo, o que fazes  
lá?  
Preciso de ti...  
Em breve tenho de ir à escola, como faço sem ti?  
Mas porquê não me dizem mais nada de ti?  
Pai onde foste? Fique perto de mim!  
Tenho tanto medo, pai! Não me deixes sozinho com os outros!  
Eu quero a ti, quero a minha mãe!” -

*- Steven, eu quero-te muito. Estarei sempre ao teu lado. -*

- Mas tu, quem és? -

- *Eu sou Dave, o teu novo amigo.*

*Sei o que estás a sentir no teu coraçõzinho. Eu estarei sempre por perto e gosto muito, muito mesmo de ti. Estou aqui para te ouvir, e tentarei ajudar-te no que for possível. -*

- *Mas por que é que a minha mãe se foi embora sem mim? Não sou um bom menino? Fiz algo que a machucou? Cansou-se de mim? -*

- *Não, não, meu bem! Não aconteceu nada disso, fique descansado.*

*És uma criança tão boa e comportada. Não desta nenhuma mágoa à mãe, e ela não se cansou de ti.*

*Não penses mais nessas coisas.*

*Tu és tão doce e sensível, gosto muito de ti.*

*Quero-te muito bem, Steven. -*

-----

- *“Mãezinha, sinto tanto tanto tua falta!*

*Mãe, há uma coisa que me faz sentir ainda pior e me faz chorar tanto.*

*Não sei como dizer-te, tenho medo que fiques mal se te digo..*

*Mãe, ajuda-me! Estou a esquecer as coisas que fizemos juntos...*

*Como é que eu faço agora?” -*

- *Desculpa-me, pequeno, por não recordares os momentos belos vividos com a tua mãe, mas não te preocupes com ela.*

*A tua mãe não está mal por causa disso. Ela sabe que isto pode acontecer quando a pessoa que amamos nos deixa, e sabemos que não voltaremos a vê-la mais.*

*Ficamos tão mal, que não sabemos mais o que fazer.*

*Sentimos que devemos, de alguma forma, proteger o nosso coraçãozinho porque, caso contrário, sofreremos mais.*

*Então, sem se dar conta e sem escolher fazê-lo, tentamos esquecer o mais rapidamente possível as pessoas que nos deixaram e todas as coisas que fizemos com elas.*

*Assim, parece que sofremos menos, e encontramos força para continuar a viver. -*

- Mas eu não quero esquecer-me da minha mãe!

Eu quero os seus beijinhos, os seus carinhos, quero prender-me nos seus braços à noite e adormecer junto a ela!

Ela deve também acompanhar-me à escola daqui a pouco!

Ela prometeu-me! -

- “Mãe, não quero me esquecer das coisas boas que fizemos juntos, eu e tu!” -

*- Pequeno Steven, eu sei que agora não queres ouvir mais nada, mas desejaria dizer-te uma coisa: mesmo que não a vejas, a tua mãe estará sempre perto de ti, acompanhar-te-á para onde quer que vás, não te deixará nunca sozinho. -*

-----

- “Mãezinha, desde que não estás, ninguém olha para mim, ninguém me prende nos braços!  
O pai vai embora sempre, vai trabalhar para longe, e agora trouxe à nossa casa, para viver connosco, um senhor e uma senhora, para tomar conta de mim e da Susan.  
Eles são casados, mas não têm filhos.  
Ajudam-nos um pouco, mas não como tu.  
E depois, nunca nos prendem nos braços, nunca nos dão a mão, não nos dão carinhos.  
Mãe, eu sinto tanto tua falta...” -

-----

- “Mãe, hoje foi o meu primeiro dia de escola e tive tanto medo. Eu chorei tanto!  
Então, a professora chamou Susan, que sentou-se no banco comigo.  
Mas tive medo à mesma! Era tudo novo e, à minha volta, havia muitas crianças e pessoas que eu não conhecia.  
O que me fez estar mal é ver todas as crianças com as suas mães perto delas, e eu não!  
Tive tanto, tanto medo, mãe, senti-me muito sozinho!  
Tenho até vergonha. Sou a única criança que não tem por perto nem o pai, nem a mãe.  
Se alguém me pergunta porquê, o que eu digo?  
Fico sempre com vontade de chorar, não tenho vontade de falar.  
Também em casa, ninguém mais me fala de ti.  
Mãe, desce... Não me deixes sozinho...” -

-----

- Dave, tenho uma coisa no meu coraçãozinho que me faz muito mal.

Uma senhora chegou em minha casa. Disseram-me que é a nova companheira do pai.

O que queres dizer?

Chama-se Adele, mas eu devo chamá-la de tia. Porquê?

É uma prima da mãe e trouxe também o seu filho.

Chama-se Flavius, e é um pouco maior que eu.

Disseram-me que agora somos uma nova família...

Mas eu não quero uma nova família, eu quero a minha mãe!

Quero que a minha mãe me tenha nos braços e me aperte forte, forte...

Eu não quero aquela senhora! Não é boa, nunca fica perto de mim!

Quando saímos, para comprar algo, ela me faz andar na calçada sozinho, sem me dar as mãos.

Desde que aqui está connosco, nunca me deu um beijinho, nem um carinho e não fala comigo.

Parece sempre zangada comigo, e eu tenho tanto medo de ser repreendido por ela.

Com seu filho, pelo contrário, fala muito e dá-lhe carinhos. Com ele é sempre doce.

Não a vi a dar-lhe um beijinho, mas de certeza dá-lhe quando eu não estou por perto.

Como faço para dizer ao meu pai que essa tia não gosta de mim?-



*- Caro Steven, eu entendo-te sabes! Eu sei que tu sofres muito porque não recebes amor que tanto desejas, de quem tanto necessitas.*

*Disseram-te que essa senhora é a nova companheira do pai, porque casou-se com ela, como antes se tinha casado com a tua mãe.*

*O teu pai não tem coragem de te dizer que, em casa, tomou o lugar da tua mãe.*

*Mas em seu coração tem sempre também a tua mãe.*

*O teu pai trouxe para casa a tia Adele, propriamente para que tu possas receber agora muitos beijinhos, mimos, carinhos, e palavras de amor que a mãe dizia a ti e a Susan.*

*O teu pai também sofre muito porque a tua mãe já não está, e espera que a tia Adele vos possa dar pelo menos um pouco de amor que vos dava a mãe. -*

*- Não é verdade! Ele já não gosta da mãe, não fala mais dela comigo...*

*Apenas nos leva ao cemitério aos domingos.*

*Susan chora, mas eu não, mesmo que tenha muita vontade de fazê-lo nos braços do pai.*

*Se ainda gostasse da mãe, falava-nos mais dela...*

*Eu gostaria de fazer isso!*

*E para cuidar de nós, ele chamaria uma senhora boa e doce, como a mãe, não uma assim má! -*

*- Steven, creio que o teu pai ainda gosta muito da tua mãe, mesmo que não fale dela contigo.*

*Não é fácil para ele fazer isso. Quando ele fala da tua mãe, recorda-se dos momentos belos que viveu com ela, e o seu coraçõzinho sofre muito mais.*

*O pai e a mãe gostavam muito um do outro! Eles queriam ficar juntos para sempre. Agora, também ele sente muita falta dela, como tu sentes.*

*Ele pensa que, se te fala da mãe, tu possas sentir ainda mais a sua falta, e que assim sofrerás muito mais, como está a acontecer com ele.*

*É convicto que, estando silencioso, tu fiques melhor, e que, aos poucos, tu possas voltar a estar sereno.*

*Sabes Steven, o teu pai, quando era pequeno, não tinha por perto o seu pai, porque também ele foi ao Céu, como a tua mãe. Sofreu muito com isso, como agora tu sofres.*

*Também a mãe dele não lhe falou mais do pai e, por isso, ele pensa que seja melhor fazer a mesma coisa.*

*Fique tranquilo, pequeno Steven, o pai quer-te muito bem. -*

-----

- Dave, essa nova senhora é antipática comigo!

Também ela está como meu pai, não fala!

Está sempre a discutir com a minha irmãzinha, não sei porquê...

Eu não gosto dessa senhora!

Nunca olha para nós, nunca fala connosco, não nos deu nunca um carinho, não nos diz que nos quer bem!

O que está então a fazer aqui? -

- “Mãe, eu preciso de ti! Peço-te, por favor, que voltes, não me deixes aqui...” -

-----

- Sabes Dave, que a tia Adele nunca sorri?

É pequena, gorda e feia.

Disseram-me que tem a mesma idade do meu pai.

Sei pouca coisa dela, porque nunca fala comigo de nada.

Quando o meu pai volta à casa ao final do dia, ela é tão boa e obediente com ele: faz tudo que ele lhe pede, e faz de comer todas as coisas que ele gosta.

O meu pai gosta tanto de comer!

Quando estamos à mesa já não se fala mais, mas pode-se ver a televisão.

Gosto de ver a televisão, mas iria gostar ainda mais de ficar a conversar com o meu pai e Susan.

A tia Adele nunca me pergunta o que gosto de comer, e eu estou cansado de comer sempre as mesmas coisas!

O meu pai gosta que todas as coisas estejam boas, e reclama com a tia se alguma coisa não está do seu jeito, mas não lhe elogia quando algo lhe agrada...

Reparei que, quando o pai toma banho, ela traz- lhe a camisa e as meias.

A tia Adele tem de lhe colocar as meias, porque o pai tem um barrigão grande grande e, sozinho, não o consegue fazer. Não consigo deixar de rir quando os vejo.

Mas o meu pai nunca lhe diz que é boa e obediente quando faz as coisas para ele... -

*- Caro Steven, não te surpreendas se o pai nunca diz à tia Adele o quanto ela é brava a fazer tudo.*

*Também o pai quando era novo nunca lhe disseram que era bravo, e agora ele também não diz à tia.*

*Para ele é difícil exprimir o seu amor por palavras.*

*Pensa que comprar muita coisa para casa, e dar à tia Adele dinheiro para ir às compras seja suficiente para a fazer entender que ele gosta muito dela.*

*Imagino, Steven, que como ele não diz brava à tia, que também não o diz a ti, e ninguém sabe o quanto tu desejas isso... -*

- Sim, é verdade, nunca me disse!

Não me diz sequer que me quer bem!

Talvez seja por eu ser menos bom de todos, e erro em tudo o que faço! -

- Não Steven, tu és muito bravo e não fazes nada de errado.

-----

- Na escola dá-me vontade de chorar quando a professora me interroga, ou faz-me alguma pergunta sobre a minha família. Choro também quando uma pessoa adulta olha para mim de maneira séria, ou pede-me qualquer coisa, porque tenho medo e parece que está a gozar comigo... -

- Pequeno Steven, essas pessoas não querem gozar contigo, e muito menos fazer-te sofrer.

*Estás mal porque sentes falta da tua mãe, do seu amor, dos seus carinhos, e seus beijinhos.*

*Sentes falta de palavras de afeto do teu pai e, por isso, é natural que chores, não poderia ser de outra maneira.*

*És muito bravo, pequeno Steven!*

*Sofre-se muito viver sem amor, como estás a viver tu.*

*É uma dor muito grande, que permanece mesmo quando se torna adulto.*

*Aconteceu também com teu pai, e é por isso que não te diz que gosta de ti. -*

-----

- Na escola tenho sempre medo de errar e de ser gozado. Tenho vergonha de dizer que não tenho mãe, porque sou a única criança que não tem uma mãe. -

- *Eu sei que tu te sentes diferente das outras crianças porque já não tens a tua mãe, mas não debes sentir vergonha por causa disso. Ninguém pode fazer nada quando uma pessoa está no Céu, e muito menos ter culpa disso. -*

-----

- É mesmo muito difícil estudar sozinho. Gostaria de ter alguém que olhasse os meus trabalhos, que me ajudasse um pouquinho, como fazem os pais dos meus colegas de escola.

A tia não me ajuda, e Susan é muito pequena para fazê-lo.  
O meu pai está fora a trabalhar e, por isso, não me ajuda. Mas não me ajuda mesmo quando regressa à casa! -

-----

- Estou cansado de estar sempre fechado em casa!  
A tia não me deixa ir para o quintal. Diz que tem medo que eu me machuque, e não quer ser repreendida pelo pai que a deixou responsável por tomar conta de mim.  
Mas, depois, deixa-me sempre sozinho em casa à tarde!  
Então ela não tem medo de ser repreendida...!  
Diz-me que vai ter com a sua irmã, e leva também Flavius.  
Mas mesmo assim, mesmo quando está em casa, não fala comigo e nem posso jogar com Flavius.  
Não tenho sequer um brinquedo! Gostaria de ter uma bola...  
Então, fiz uma bolinha com o lenço!  
Finjo que a porta da cozinha é a baliza de um campo de futebol: lanço a bolinha contra a parede e, quando ela volta, arremesso para a baliza sem a bola tocar ao chão... Muitas vezes faço golos.  
Assim as tardes parecem menos longas...  
Felizmente, no sábado à tarde irei à casa da avó, no campo, e lá ficarei até domingo à noite. -

-----

- Estão a chegar as férias de Natal, e poderei ir à casa da avó e ficar mais alguns dias.

Papá disse-me que passarei todas as férias em casa da avó.  
Mas que bom! Estou muito feliz! Gosto de estar com ela.  
Assim, fico longe daquela senhora... e não vou à escola! -

-----

- É muito mau ficar fechado em casa, sozinho, todas as tardes!  
Flavius vai sempre à casa da tia com a sua mãe.  
Fica ali quase todo o dia, porque joga com o primo e com um  
belo cão.  
Também eu queria ter um cãozinho! Gosto muito de todos os  
animais!  
Quase sempre, Flavius fica em casa da tia para comer, mesmo  
se a tia Adele volta à casa para nos fazer de comer, porque lá  
come muitas coisas boas.  
Quando me conta as coisas que come na sua tia, fico com uma  
vontade...! Espero que, antes ou depois, me leve para comer  
todas aquelas coisas boas e a jogar com o cãozinho... -

-----

- Seria tão bom se a tia Adele de vez em quando falasse comigo...  
assim poderia pedir-lhe de me ajudar a fazer os trabalhos de  
escola.  
Sozinho não consigo fazê-los, e por isso, não estou bem na  
escola.

Mas não tenho coragem de a pedir, porque, quando volta à casa, não me pergunta se estudei, se fiz os trabalhos da escola, se preciso de ajuda. Nunca sequer viu o meu caderno!

Não me acompanha à escola, e nem vai falar com a minha professora, como fazem as mães dos meus colegas.

Tenho muita vergonha por causa de todas essas coisas! -

*- Não sintas vergonha, Steven: os professores conhecem muito coisa, mesmo as histórias de família de cada criança.*

*Eles sabem que não tens a tua mamã, e sabem também que não podem dizer à tia Adele de ir falar com eles, muito menos podem dizer algo a ela.*

*Compreendo que te sintas mal que a tia não se interesse com a escola e não te ajuda a fazer os trabalhos da escola... -*

- Ela não se interessa por nada!

Quando volto à casa depois da escola, como sempre, não me pergunta o que quero comer e coloca em cima da mesa aquilo que tiver preparado.

Tenho que comer tudo, mesmo se não gostar.

São sempre as mesmas coisas e, às vezes, fico assim mal, que me vem a vontade de vomitar. Mas como à mesma, porque não tenho coragem de dizer nada.

Também Susan fica sempre calada: tem medo da tia como eu! -

- À Flavius, pelo contrário, a tia pergunta sempre o que quer comer, e ele pode apanhar o que quiser. Ela fica feliz em ajudá-lo a escolher e gosta de agradá-lo.



A ele, oferece sempre a coxa de frango, que tanto eu como Susan gostamos, mas a nós nunca nos oferece.

Flavius, quando à tarde regressa à casa, faz o lanche com os sumos de fruta e a geleia, e come as laranjas que compra o meu pai, sem pedir permissão à sua mãe.

A mim e à Susan, a tia nunca pergunta se queremos lanchar, e nós não temos coragem de pedi-la. Por isso, nunca o fazemos! E vem ainda mais vontade vendo o que Flavius come.

“Por que é que ele pode comer as laranjas, mesmo se quem as comprou foi o meu pai, e nós não?” -

-----

- Tia Adele gosta de ordem e me proibiu de andar pela casa, porque tem medo que a deixe suja.

Eu me canso muito quando ela está em casa! Não sei o que fazer, porque não me posso mover.

À noite, depois de terminarmos de comer, obriga-me a mim e à Susan de permanecermos sentados à mesa, sem fazer nada, até que chegue o meu pai.

Eu quero levantar-me, jogar à bola e fazer muitas coisas... ela não quer: diz que se eu me sujar é ela quem vai ter de lavar!

Quando o meu pai não volta à casa, depois de pouco tempo de terminarmos de comer, ela nos manda ir deitar. Eu gostaria de ver televisão... -

-----

- Nunca posso também ligar a televisão.

Espero sempre que Flavius retorne à casa cedo, porque ele sim pode ligá-la quando quiser, e assim, posso também eu ver o canal infantil.

Gostaria de ver o jornal desportivo que está em cima da mesinha em baixo da televisão, mas nem nisso posso tocar.

Mas, quando está o pai, tenho coragem de apanhá-lo, e ninguém me diz nada.

Gosto muito do futebol, e tudo o que leio, fica guardado na minha mente.

Quiçá acontecesse a mesma coisa com os livros da escola!

Mas é já alguma coisa... ninguém vê os meus trabalhos de escola, nem mesmo se os faço ou não! -

-----

- Com a minha irmãzinha falo pouco, tenho medo da tia!

Susan chora muitas vezes...

A tia a repreende sempre, e tenho medo de também ser repreendido se ir ter com ela...

Tenho sempre medo que me aconteça alguma coisa, ou de ser repreendido.

Ninguém fala, e agora eu estou mal e tenho medo.

Assim, tenho sempre cuidado em me mover e a falar.

Sinto-me sempre que estou a mais!

Estou seguro que é também assim para Susan. Ela nunca me disse isso, mas eu vejo que tem medo, e está atenta a tudo, como eu.

Susan é muito boa, mas, desde que a mãe foi ao Céu, está sempre triste e chora muito. Faz com que eu não a veja, mas eu noto, porque tem os olhos sempre vermelhos e molhados.

Sinto-a a chorar no seu quarto, sozinha!

Mesmo a tia Adele a sente chorar, mas nunca a vai ver, e deixa-a a chorar sozinha...

Também eu tenho muita vontade de chorar pela mãe!

Antigamente eu e Susan dormíamos juntos na mesma cama, mas agora a tia colocou-a a dormir sozinha num outro quarto, e colocou-me a dormir num quarto com Flavius, com duas camas. Não gosto de dormir com ele, e queria estar perto da minha irmãzinha.

Assim, poderia falar com ela, sem ser repreendido pela tia Adele. Susan fica connosco somente para comer, e depois escapa para o seu quarto.

Também eu gostaria de ir, para estar perto dela, mas não tenho a coragem de pedir isso à tia.

À tarde permanece na escola das freiras até ao final do dia, e, assim, fico pouco tempo com ela. -

-----

- Quando não vamos à escola, Susan vai comigo à casa da avó Celestine, e conta-lhe todas as injúrias que a tia Adele lhe faz: chora muito!

Então a avó abraça-a e dá-lhe carinhos, assim, passado depois um pouco, volta a sorrir.

Um dia perguntei-lhe:

“Susan, por que é que não dizes ao pai que a tia te maltrata?”

Ela respondeu-me:

“Steven, o pai nunca fala comigo, mesmo sabendo que a tia Adele maltrata-me e faz-me sofrer. É isso que me faz sentir assim tão mal.”

Ainda bem que a avó gosta muito de nós! -

-----

- Avó Celestine é muito boa e simpática. É a mãe da minha mãe. Só tem um dente, à frente. Não é muito alta, nem magra e nem gorda.

Os seus cabelos são longos longos, cinzentos e brancos. Tem-nos sempre penteados em cima, e prende-os com ganchos.

Tem os olhos um pouco verdes e um pouco cinzentos. É muito bonita!

Comigo e com a Susan sorri muito, mas com os meus tios, pouco.

Vamos sempre à casa da avó quando não temos escola.

O meu pai leva-nos, sem que nós lhe pedirmos, porque sabe que gostamos muitíssimo.

Mas, faz-nos descer para o quintal da casa, e parte sem ao menos se despedir da avó...

Não sei por que é que faz isso, e não tenho coragem de o perguntar, mas lamento... -

-----

- A avó vive no campo. Disse-me que eu nasci perto de sua casa, porque, naquela época, o meu pai e a minha mãe viviam ali, e foram morar na cidade passado pouco tempo.

Com a avó vivem os tios Roland, Francis, Victor e Valerius.

O meu avô faleceu já faz muito tempo: eu não era ainda nascido.

Estava muito doente porque foi à guerra.

Gostaria que estivesse aqui, comigo! Quicá quantas coisas me teria contado...

Eu garanto que seria muito bom, como a minha avó e os tios.

Também a avó está muito doente, tem problemas no coraçãozinho.

Quando eu a perguntei por que é que o seu coraçãozinho estava doente, ela me disse:

“Sabes, Steven, o teu avô não andava mais. Assim o carregava sobre os ombros. Era muito difícil, mas eu ficava contende em ajudá-lo. Fiz isso por muito anos, e os esforços fizeram adoecer o meu coração.”

Era tão forte a minha avó, que conseguia levar o avô até abaixo no quintal e depois trazê-lo de volta à casa, mesmo que tivesse de subir uma escada de madeira tão comprida e íngreme...

Eu, para subir, tenho de segurar-me firme num grande pau de madeira que na parede.

Mesmo estando doente e muitas vezes estiver cansada, faz comida para os tios. Eles são um pouco resmungões, mas a avó tem sempre uma resposta para os fazer calar.

Pergunta-me sempre como está a tia Adele. Quando a digo as coisas que a tia me faz, suspira e diz-me:

“Steven, tem paciência se a tia não fala contigo e não te deixa jogar. Tu apenas precisas correr para mim!”

E mostra-me sorrisos belíssimos.  
Com ela sinto-me seguro e não tenho medo.  
Fico tão feliz quando estou na avó: aqui todos falam comigo e gostam de mim.  
Aqui posso estar fora...!  
E, ainda, posso jogar o quanto quiser, mesmo todos os dias! -

*- Vês Steven, se a avó e os tios gostam muito de ti, isso quer dizer que és um bom menino. E eu sei que gostariam de fazer por ti muitas coisas que não podem fazer.  
Mesmo que não te o diga, a avó sofre como tu por sentir falta da tua mãe. É por isso que te entende, e compreende tudo aquilo que está no teu coraçãozinho. -*

-----

- Gosto tanto da casa da avó, porque fica situada no meio das árvores. Na cidade, pelo contrário, à volta da minha casa só tem casas.  
A casa da avó é grandíssima.  
À frente, há um quintal largo, com muita relva. Os meus tios cortam-na sempre, porque cresce, fica alta e fica difícil para andar.  
Além do quintal há uma vala que eu consigo saltar com muita dificuldade.  
Depois, há apenas as árvores de maçã e de ameixas. São muitas, todas colocadas em filas, uma perto da outra, e com os ramos cheios de maçãs e ameixas grossas, que eu gosto muito...

Para além há árvores de peras, onde no meio há um enorme lugar aberto, onde os camponeses guardam o trigo.

Por detrás da casa há uma árvore muito alta. Gosto muito de deitar-me baixo dela e olhar para o Céu.

Parece-me que os seus ramos e as folhas toquem o Céu.

Talvez, se eu pudesse subir lá em cima, poderia chegar onde está a minha mãe... -

-----

*- Não, Steven. A tua mãe está num lugar tão alto que nem os aviões conseguem lá chegar. Mas ela pode chegar rápido a ti...-*

-----

- A avó disse-me que a casa e as árvores pertencem aos senhores Pickwich.

Eles estão contentes pela casa ser habitada pela minha avó, porque a casa fica longe de outras casas.

Assim, os meus tios fazem de guarda da casa, e se alguém apanhar a fruta, eles o chamam.

A casa tem dois andares, mas nós vivemos apenas no andar superior.

Em baixo ficam os armazéns. Ali, os senhores Pickwich colocam a fruta e o trigo.

Durante o verão, em frente aos armazéns, chegam os camiões grandes. A avó disse-me que os senhores Pickwich vendem a fruta a uma aldeia longe.

Os camiões chegam à noite e os tios acendem muitas luzes.  
Gosto muito de os ver pela janela: os homens carregam as caixas cheias de maçãs e peras.  
Todos estão alegres: rindo e brincando.  
O que eu gosto mais é da escada rolante. A avó disse-me que se chama assim porque move-se sozinho.  
As pessoas fazem uma fila, passam umas às outras as caixas de fruta e, depois, metem-nas em cima da escada rolante que, girando, as transporta ao camião onde há outras pessoas que as recebem.  
Gosto de estar ali a vê-los, porque eles gostam um do outro.  
Só que trabalham até ao amanhecer, mas eu devo ir dormir antes porque sou pequeno. -

- A escada de madeira que leva à cozinha é muito comprida: tem vinte e um degraus. Eu sei disso porque contei-os.  
Os meus tios cobriram-na com um papel grosso para evitar alguém de cair.  
A cozinha é muito grande. No meio há uma mesa muito comprida.  
Há uma lareira onde se colocam dentro lenha por duas partes: em frente, numa porta pequena, e em cima, tirando placas circulares de ferro.  
Nas proximidades há duas caixas grandes cheias de água que os meus tios apanham com os baldes do poço por detrás da casa, perto da árvore alta que toca o céu. Eles devem apanhar muito, porque serve para beber, para cozinhar e também para se lavar.  
Há também um armário com pratos dentro. Em cima, há a fotografia da minha mãe que sorri.  
Como é bonita a minha mãe!



Tem um sorriso muito doce! Tem os cabelos longos, negros, um pouco ondulados.

É uma pena que apenas se pode ver metade!

Tem uma pequena écharpe com pêlo branco à volta do pescoço, que eu gosto muito.

Parece-me que está sempre a olhar para mim, mesmo se eu for à outra parte da cozinha.

Espero que seja assim mesmo... Quiça se do Céu olha por mim e me sorri sempre... -

-----

- “Mãe, vês-me de lá de cima?”

Sinto muito tua falta mãezinha!” -

*- Disto seja certo Steven. A tua mãe olha por ti do céu e sorri continuamente a ti.*

*De lá de cima, ela pode proteger-te e ajudar-te. E, em certo momento, pode vir para perto, mesmo se tu não a sentes e não a vês.*

*Ela pode fazer tudo isso porque ela queria-te muito bem.*

*Agora, gosta ainda mais de ti, porque, quando se está no céu, gosta-se ainda mais de alguém, e é-se capaz de fazer coisas que parecem magia para quem vive na terra.*

*Quando fores maior, entenderás como isto pode acontecer. -*

-De verdade? Tens certeza?

- *Sim, é mesmo assim!*

- Mas então ainda gosta de mim!

Que bom! Fiquei agora mais contente...

Se ela vier para perto de mim, uma vez ou outra, talvez a consiga ver!

- *Tenho certeza que um dia a verei...*

- Viva!

-----

- Agora eu vou contar-te mais da avó.

Ao fundo da cozinha há uma grande janela. De lá se pode ver o quintal e as árvores das maçãs.

Os meus tios são bons a fazer todos os trabalhos, e então em frente da janela colocaram um tubo muito comprido que chega até ao quintal. Dentro, eles despejaram a água suja dos pratos e aquela de quando tomam banho.

Despejaram tanta água que a terra do quintal se inflou, e formou-se uma pequena montanha.

Na cozinha há uma grande lareira.

Quando faz frio, vamos todos aquecer-nos ali.

Eu subo sobre os joelhos dos tios. Eles são tão fortes que me carregam com os braços ou com as pernas, levantam-me, e fazem-me dar cambalhotas. E eu divirto-me muito! -

- *Que bom, Steven, que tu possas brincar com os tios. São mesmo muito bons e gostam mesmo muito de ti.* -

- Sim, sou feliz por ter tios assim bons e fortes. Com eles jogo o esconde-esconde.

Perto da lareira, há feixes e pedaços de lenha para queimar, fechados com vigas de lenha.

Eu salto para dentro e me escondo entre os feixes de lenha.

Contrário à lareira, a avó colocou rádio em cima de uma prateleira alta. Eu não a consigo alcançar, mas a avó liga-a sempre.

Ao meio-dia, sinto muitos pais e mães a dizer aos seus filhos como gostam muito deles, a lhes desejar parabéns pelo aniversário, e os fazem ouvir uma música.

Também as crianças fazem isso com os pais, e muitos amigos entres eles.

Eu gosto de os ouvir: é bom sentir que todos gostam um do outro!

Gosto também das canções.

Em baixo da rádio há cadeiras de madeira e de palha. Atrás, há uma porta grande, fechada com um grande cadeado. Ali fica o celeiro da família Pickwich, mas não se pode entrar ninguém.

Entram somente os tios para fazer uma coisa que agora te conto.

Um dia eu vi chegar três pessoas que não conheço, e se puseram a falar com os meus tios. Riam, e entraram em acordo para fazer alguma coisa.

Depois, eles amarraram as calças por baixo dos pés, e apanharam uma grande pá de madeira, como aquele que os homens utilizam quando recolhem o trigo no campo para colocá-los nos sacos grandes.

Entraram no celeiro, chamaram o gatinho Berth e a sua mãe que estavam lá dentro, e fecharam a porta dizendo-me de não entrar por nenhum motivo. Eu estava curioso, por isso permaneci-me perto da porta: tinha uma grande vontade de entrar...

Após um tempo, ouvi um grande barulho: lá dentro gritavam, riam e diziam também palavrões.

Em seguida, vi pular pelas janelas do armazém ratos grandes de dar medo, grandes quase como o Barth.

Finalmente, os meus tios e os seus amigos saíram rindo: e estavam contentes por terem matado todos os ratos que comiam o trigo!

Agora eu percebo o porquê de não me terem deixado entrar... felizmente!

Mas eles divertiram-se muito a fazer aquele jogo! -

*- Mesmo se eles se divertiram, não creio, Steven, que isso seja um jogo. Eles mataram os ratos para salvar o trigo.*

*Não pode nunca ser um jogo matar os animais, mesmo se fizerem danos ou forem perigosos. -*

-----

- Sabes que o quarto da avó está sem a porta? Entra-se pela cozinha. É grande e tem uma cama enorme onde dormimos eu, Susan e a avó.

Há um guarda-roupa com as roupas dos tios e da avó, e um móvel onde estão as meias, as camisas e cuecas de todos.

O quarto tem três janelas grandes.

De uma se vê as árvores das maçãs.

Gostava tanto de ficar ali a ver, mas agora não se pode ver mais, porque vieram os senhores com máquinas grandes, e começaram a cortar as árvores.

A avó disse-me que irão fazer uma grande estrada para as pessoas que gostam de caminhar até ao mar.

Mas porquê? Com todos os lugares que há, precisavam mesmo de fazer isso ali, no meio das árvores?

Estou triste de vê-las a cair. Sinto como se estivessem a chorar e que estão mal, como o porco que os tios matam para fazer salames.

Mesmo que não tenham os olhos, a boca, o nariz, parecem-me vivas. -

*- Tens razão, Steven, todas as plantas são seres vivos, como as flores e as ervas.*

*Sentem tudo, como nós. Se partires um pequeno ramo, ou tirar uma folha, elas sofrem, e se falar com elas, compreendem o que dizemos.*

*São nossas amigas.*

*E também da mesma forma, as aves, as formigas, as borboletas, os coelhos, e todos os animais que vês.*

*Experimenta falar com eles, verás o quanto é bom! E também se pode jogar juntos. -*

-----

- Até que terminem de cortar as árvores, eu olho para fora somente através das outras duas janelas do quarto. De uma vejo a casa onde eu nasci, no meio das árvores das pêras.

Quando é verão, a avó mete-se a cozinhar em frente a essa janela.

Às vezes fico ali com ela, porque me conta o que fazia quando estava o avô, e tantas outras coisas que viu e fez.

Nesse quarto, durante o inverno, acontece uma coisa muito bonita.

A avó tem muitas galinhas, um galo e dois galeto, os quais ela gosta muito.

Quando as galinhas põem os ovos, as coloca no seu quarto, porque é mais quente.

Elas ficam contentes de estar no calor, e assim não fogem. Depois de um dia, nascem os pintainhos.

Gosto muito de ficar a ver os ovos que se abrem e ver os pintainhos a sair... Saem todos molhados, mas são muito bonitos!

Também a Susan gosta de os ver. Carregamo-los nas mãos e os acariciamos: eles gostam muito...

É muito bonito dormir com as galinhas!

Gostaria de dormir também com tantos outros animais! Assim faria uma bela família... -

- A partir desse quarto pode-se ir ao quarto dos meus tios, passando por uma porta que eles apenas fecham quando vão dormir.

Também esse quarto é grande e há quatro camas grandes. De vez em quando eu durmo com os tios.

Todos eles gostam muito de mim, e chamam-me para as suas camas.

São tão bons que me deixam levar também para a cama o Barth.-

- És verdadeiramente um sortudo por poder dormir com o teu gatinho. Faz muito bem ao coraçãozinho viver com os animais. Eles, quando estão por perto, ajudam-nos a curar das doenças. Tu agora sonhas em poder dormir com muitos animais e entre as árvores.

*Em alguma aldeia longe, as crianças podem fazer isso e, muitos anos atrás, também faziam aqui os avós dos teus avós.*

*Continua a sonhar com isso e, talvez um dia, poderás tu fazer também.*

*Também os mais velhos sonham com as coisas bonitas que desejam, porque eles aprenderam que, sonhando, é mais fácil que as coisas aconteçam. -*

- Que bom! Irei fazer isso muitas vezes, todos os dias, assim em breve poderei dormir com todos os meus amigos animais e as árvores. -

-----

- O quarto dos meus tios não me agrada mais à tarde.

Depois de terminarmos de comer ao meio-dia, a avó e os tios querem que eu vá dormir, como fazem eles, porque lá fora faz muito calor. Dizem-me que não faz bem jogar em baixo do sol. Todos os dias respondo:

“Mas não tenho sono agora... Eu não fico com calor a jogar! Se não durmo o que faço eu na cama...!

Fico aborrecido de estar ali. Deixem-me ficar no quintal!”

Mas ninguém me ouve, e os tios levam-me para cama com eles.

Por sorte, quase sempre, não estão todos os tios, e agora vou dormir sozinho, numa cama vazia. Assim, quando estiverem a dormir, fujo para fora.

Vou com cautela porque a avó está a dormir, e ando perto à parede, devagar devagar, porque o pavimento é feito de madeira e faz barulho.

Mas, muitas vezes, a avó acorda, e grita:

“Steven volta para a cama, não é hora de tu te levatares!”

Eça, aborreço-me a esperar que a hora de sair chegue! -

-----

- De vez em quando, à noite, quando durmo com os tios, entram os morcegos. Fazem-me muito medo! Escondo-me em baixo do lençol.

Susan disse-me que os morcegos ficam presos nos cabelos, e eu tenho também medo que me mordam. Os tios por sua vez continuam a dormir.

Os morcegos entram somente no quarto dos tios, porque têm as janelas sempre abertas, mesmo no inverno.

Eles são muito fortes, nunca têm frio, e não têm medo dos animais.

Quando durmo com a avó nunca tenho medo, porque ela, no verão, tem as janelas meio fechadas e, ao inverno, as fecha completamente. -

-----



- Todos os quartos da casa da avó são altíssimos, e têm vigas de madeira muito grossas.

O quarto de dormir dos tios tem também dois postes pendurados no alto, longos como o quarto. Os tios penduram ali os salames. Quando vou para cama divirto-me a contá-los.

O tio Valerius trabalha no campo, mas quando faz frio, vai também ajudar os camponeses a matar os porcos para fazer salames, presuntos, torresmos, salsichas e muitas coisas boas. Eu e os tios os comemos muito!

À avó, pelo contrário, o médico disse para não o comer, porque fazem mal à barriga e ao coraçãozinho. Mas, enfim, não os comeria à mesma: como poderia mastigá-los com apenas um dente? -

-----

- O tio Valerius é o tio que me conta mais coisas e sorri sempre. É bravo também a cantar e a assobiar. Ensina-me as canções e a ler as horas do relógio.

Disse-me que na noite que eu nasci, foi ele quem foi à aldeia chamar a senhora que ajuda as mães a dar à luz.

Como não podia estar em casa com a minha mãe, aquela noite dormiu no quintal, em baixo de uma árvore. E quando de manhã me viu, ficou muito contente.

Disse-me que eu era um bebé muito bonito, e que ele me carregava sempre nos braços.

Muitas vezes, leva-me a pescar com a sua bicicleta.

Partimos quando ainda está escuro. Vamos em grande macerador, onde também existem os patos.

É um buraco muito fundo e largo, pleno de água. Ali dentro, os camponeses colocam o cânhamo para molhá-lo.

O tio consegue sempre apanhar muitos peixes! Depois, em casa, é ele quem os limpa e cozinha.

Divirto-me muitíssimo com ele! Quando à noite me diz que de manhã iremos à pesca, permaneço acordado toda a noite, porque fico muito contente.

Vi que todos vão falar com o tio Valerius, e também a avó lhe pede conselhos.

Ele é muito gentil e nunca brigou com ela.

Quando os outros tios se zangam com a avó, ela diz que contará ao tio Valerius.

Quando depois o tio Valerius fala com eles, bufam um pouco, mas ficam todos calados, e fazem as coisas que ele diz.

Em breve o tio Valerius vai se casar, e irá viver com a sua noiva. Ela vive em uma casa grande com dois irmãos. Também ela não tem mais a sua mãe e também não o seu pai. Tem um irmão doente, e o tio Valerius ajudará com os trabalhos do campo.

Tenho pena que se vai casar, porque não irei mais pescar com ele, e não poderei mais falar com ele de muitas coisas. Mas, estou também contente porque disse-me que gosta muito da sua noiva, e também ela gosta muito dele. -

-----

- Durante as férias de Natal, o tio Valerius também mata o porco da avó.

Eu não olho quando ele faz isso, porque fico mal quando o vejo a preparar as facas.

Mesmo que eu goste muito dos salames, sinto pena que matem o porco, porque ele é muito bom.

Durante o verão, a avó ensinou-me a preparar-lhe a comida e a levar até ele. Gosto muito de fazê-lo, porque, para mim, é um amigo como Barth e eu gosto muito dele. Ele deixa-se acariciar, e falo com ele como se fosse um gatinho.

Ele olha para mim... parece-me que entende aquilo que lhe digo. Não sei como fica a saber que o vão matar, mas, quando o tio prepara todas as suas facas, o porco começa a gritar forte.

Estou tão mal de senti-lo a gritar assim!

Vi que também o tio Valerius não gosta de matá-lo, porque, antes de fazê-lo, fica muito sério. Os outros tios o ajudam a ter o porco firme, e também eles ficam muito sérios e um pouco nervosos. -

*- Tens razão, Steven, os teus tios ficam mal ao matar o porco, porque são bons e sensíveis como tu.*

*O fazem porque desde que eram pequenos que veem fazer isso, e para comer os salames e todas as coisas boas que gostam.*

*E é verdade que o porco sabe que o vão matar: todos os animais sentem o perigo! -*

- Disseram-me que também as vacas da família Benet vão ser mortas para se fazer outras coisas de comer!

Olha, Dave, não se pode apanhar as frutas das plantas, tirar o leite das vacas, os ovos das galinhas, comer salada, as abóboras, os tomates e todas as outras coisas boas que estão na horta, e deixar de comer as galinhas, os porcos e as vacas? -

- *Sim que se pode fazer, Steven, alguém até já faz.* -

- Mostras-me esses senhores? Talvez eles podem ensinar aos meus tios, aos senhores Benet, e a todos.

Assim ninguém matará mais os animais. Que bom! -

- *Certamente, Steven, quando quiseres!* -

- Levarei também os tios, assim não ficarão mal por matar o porco!

Felizmente que, depois de um pouco que o porco é morto, voltam a brincar e trabalham o dia todo rindo.

Vêm outras pessoas para os ajudar. Todos fazem alguma coisa: há quem amasse a carne com o sal, quem a corte, quem gira a manivela do triturador de carne.

A essa máquina juntam-se vários instrumentos para se fazer diferentes coisas.

Eu gosto de ver quando se mete uma espécie de funil onde penduram-se os intestinos, para enchê-los de carne moída.

Ficam atentos para não se romperem, mas rompem-nas à mesma.

Então o tio puxa as orelhas a todos.

É muito bom a amarrar os salames, porque coloca a corda de muitas formas: parece um malabarista do circo... disseram-me que poucos sabem fazer isso tão bem como o tio Valerius!

Ao meio-dia almoçamos todos juntos. Os homens brincam e discutem sobre quantos presuntos e salsichas fazer.

Também a avó está muito contente. Ela, como eu, não faz nenhum trabalho, mas prepara de comer para todos.

É belo também ver fazer os torresmos. Metem a carne mais gorda dentro de um lençol e dois homens fortes a giram, um de cada lado, depois chega o homem com um alicate de lenha para apertar ainda mais a carne, e depois, a metem a assar numa panela.

À noite fazemos festa, porque há para comer coisas boas!

Estou contentíssimo de ver os tios, a avó e todos, assim contentes!

Estou feliz porque há salames e presuntos de comer para todo o ano.

Mas, há uma coisa que não gosto nada: não está mais o meu amigo porco... -

-----

- Mãe, mãe, tenho medo! Onde estás?

Há tantas facas, tanto sangue!

Mãe, mãe, carrega-me nos braços...” -

*- Acalma-te Steven. Estás na tua caminha, na casa da avó, e ninguém te quer fazer mal.*

*A tua mãe está ali, perto de ti, mesmo que não a vês.*

*Aqui, todos querem-te bem, foi tudo um sonho feio.*

*Sonhaste com as coisas que viste hoje e que tocaram no teu coraçãozinho sensível.*

*Seria melhor se as crianças não vissem certas coisas...*

*Procura não ver nunca as coisas que te fazem um pouco de medo.*

*Mas agora, abre os olhinhos. Vê que estás no teu quarto: ninguém te quer fazer mal. -*

-----

- “Sabes, mãezinha, hoje a nova professora perguntou a cada criança o nome da mãe e do pai.  
Eu não sabia como dizer que tu não estás mais aqui.  
Mãezinha, fiquei mal... O coraçãozinho batia-me forte!  
Quando a professora me perguntou isso, meti-me a chorar.  
Ela veio para perto de mim, e então eu lhe disse que tu não estás mais e que no teu lugar está a tia Adele.  
Disse-lhe isso chorando, porque não conseguia parar.  
Fiquei mal toda a manhã, e não via a hora de voltar à casa.  
Tenho medo que os meus colegas gozem comigo porque é a tia Adele quem está no teu lugar. Eu fico muito envergonhado!” -

*- Steven, não sintas vergonhas porque não tens mãe. Verás que os teus colegas não gozarão mais contigo, mas te quererão bem ainda mais. -*

- Não sei se é verdade, como faço para saber que gostam muito de mim? Nunca os vejo fora da escola, porque tia Adele não me deixa ir jogar com eles. Não me deixa nem mesmo fazer os trabalhos de escola com eles, e eu não posso chamá-los para nossa casa! -

- Steven, os teus colegas gostam muito de ti porque és bom com eles. Verás que tenho razão.

Valente Steven que conta à mãe essas coisas, continua a fazer assim: faz muito bem ao teu coraçãozinho. E asseguro-te que ela está perto de ti e te escuta. -

-----

- Hoje a avó contou-me de quando ela e o avô vieram viver aqui, muitos anos atrás.

A avó e o avô eram jovens e tinham só dois filhos: o tio Francis e a minha mãe. O tio Valerius estava ainda na barriga da avó e os tios Roland e Victor não eram ainda nascidos.

A avó disse a todos:

“Era o inverno de vinte e nove...”

E disse que, naquele ano, a ela aconteceu muitas coisas.

Nevou muito por três dias, e parecia que não ia parar mais.

Depois do primeiro dia, o avô quis retirar a neve sozinho, porque a avó tinha a barriga grande.

O avô foi muito bravo e fez uma estrada no meio da neve.

A avó disse que a neve era alta, três metros, e não podia sair de casa se o avô não a tirasse do caminho rapidamente.

O frio era tão forte, que quebrou as árvores e congelou todos os maceradores.

O grande rio, que fica perto da cidade, estava tão congelado, que os camponeses passavam em cima com bois e os carros.

A avó tinha medo que, com toda aquela neve, a senhora que ajuda a fazer nascer os bebés, não conseguisse vir até ela.

O avô era muito bom. A avó disse-me que ainda gosta muito dele, mesmo que tenha ido ao Céu muito tempo faz.

Fala-me pouco dele. Gostaria de saber tantas outras coisas, mas não a pergunto porque, talvez, depois chora.

Também eu não consigo falar da minha mãe, e vem-me sempre vontade de chorar quando me perguntam onde ela está...

Gostaria tanto que o avô estivesse aqui com nós! Se certeza que me quereria bem como a avó.

Perguntar-lhe-ia tantas coisas, mesmo de ajudar-me a fazer os trabalhos de escola...

Faria com que me prendesse nos braços... Dormiria com ele e a avó.

Faria com que me explicasse bem como fez a longa estrada no meio da neve alta. Lhe perguntaria também da guerra, porque a avó me disse que andou nela.

Foi bravo de andar na guerra, porque queria deixar a casa para a avó e os seus filhos.

Depois, faria com que me prendesse pelos joelhos e lhe pedia as coisas que não posso pedir ao meu pai.

Com ele faria todas as coisas que gostaria de fazer com o pai, mas que ele não quer fazer comigo.

Estou seguro que o avô me contaria tantas coisas, e haveria muito tempo para estar comigo, porque quando se é avô não se trabalha mais.

Seria mesmo belíssimo.

Quem sabe o posso fazer com o pai do meu pai, mas não sei onde está...

O pai nunca fala comigo dele e também não fala da sua mãe, e eu não tenho coragem de pedir-lhe. -



*- É verdade, Steven, os avós podem fazer com os netinhos aquilo que os pais e as mães não têm tempo para fazer.*

*Tendo vivido muitos anos, os avós aprenderam muitas coisas e sabem quais são as mais importantes.*

*Têm mais paciência, e compreenderam, ainda mais, quanto as crianças têm necessidades sobretudo de serem ouvidos, presos no braço, e de jogar também com os grandes.*

*Os pais, às vezes, mesmo sabendo, deixam-se prender pelo trabalho e por muitos compromissos e, assim, têm pouco tempo para os filhos.*

*E depois de terem trabalhado, quando se está muito cansado, perdem facilmente a paciência, e não escutam com atenção.*

*Frequentemente, vendo que não conseguem dar aos filhos tempo e atenção, oferecem-lhes muitas prendas.*

*Essas coisas podem fazer as crianças felizes, mas não preenchem os coraçõezinhos de amor, de calor e de tudo o que eles necessitam. -*

-----

- Hoje à tarde, sentei-me perto da avó que estava a costurar em frente à janela do seu quarto, e ela contou-me muitas coisas.

Disse-me que a minha mãe era muito boa e doce, e queria muito bem a mim e aos seus irmãos, que são os meus tios.

Trabalhava nos campos e, quando voltava, mesmo estando cansada, ajudava a avó a fazer os trabalhos da casa.

Era assim forte, que conseguia fazer os trabalhos que geralmente faziam somente os homens. Depois que o avô morreu, fazia também as coisas que primeiro fazia ele.

Os tios ficavam muito contentes com ela, porque queria bem a todos, fazia de comer, lavava, passava a ferro, e os ajudava em tudo.

Era sempre gentil e sorridente, e os tios a ouviam sempre. Se alguém fizesse coisas não boas, ela nunca os repreendia, mas dizia-lhes somente de voltar a fazer mais e de comportar-se bem. Mesmo depois de se casar com o meu pai, ia muitas vezes ter com ele e ajudava-o a consertar tudo muito bem, como quando morava com eles. -

-----

- Gostei tanto que a avó me tenha falado da minha mãe. Gostaria que também fizesse o meu pai.

Quando a avó voltou à cozinha, encontrou-me ainda ali, em frente à janela, a ver as árvores.

Pensei na minha mãe... -

- “Mãe, se fizeste todas essas coisas pelos teus irmãos e pela avó, quicá quantas coisas farias por mim e Susan!

Se quisesses assim o bem dele e de todos, quicá o quanto irias querer bem a nós... Quantos carinhos e beijinhos darias a mim e à Susan, quanto estaria nos teus braços...

Mãe, mas porquê mesmo tu precisaste ir ao Céu?” -

-----

- Durante as férias de Natal, quase sempre neva e eu estou feliz de estar na avó.

Fico contente quando chega a neve, porque todos ficam felizes de estar na avó.

Também eu me sinto melhor.

Não há barulhos e há um silêncio. Gosto quando há silêncio... fico melhor...

Vejo para fora da janela: que belo! Está tudo branco!

Quando neva, os meus tios nunca saem à noite, e sentam-se ao redor do fogo.

Eu sento-me sobre os seus joelhos e escuto aquilo que falam. Fico tanto contente de estar com eles.

Gostaria de fazê-lo também com o meu pai... mas ele nunca me abraça!

Na rádio contam belas estórias.

Não há a luz elétrica porque os tios acendem as velas para poupar as moedinhas. É ainda mais bonito ver tudo com a luz pequena das velas...

A avó prepara a panela com as brasas, com em cima um pouco de cinza, e coloca-a em baixo dos lençóis, dentro de uma peça com forma de ovo, feita com pequenas vigas de madeira curvadas.

Os tios também o têm, mas usam-no somente quando há neve, em vez de eu e a avó usamo-lo todo o inverno. Assim a cama fica sempre quente.

Quando lá fora a neve é alta, os tios tiram-na rapidamente com a pá para fazer extrazinhas que levam a uma casa de campo que eles construíram com pedaços de madeira e um plástico muito duro.

Essa casa de campo a chamamos de “a Casona”. Dentro há a lenha para queimar. Depois, os tios metem as bicicletas, as scooters e as ferramentas para trabalhar nos campos.

Na Casona, quando faz menos frio, tomamos ali banho e, quando chove fora, a avó lava as roupas.

Os tios removem a neve também na estrada que leva ao chiqueiro e à capoeira.

Mas, quando neva, os tios fazem uma coisa muito má aos pássaros. Metem-nos tantas migalhas de pão sobre a neve e, junto, metem as armadilhas.

Os pássaros, que têm fadiga em encontrar de comer porque há a neve, chegam em muitos, e assim, comendo as migalhas, jazigo presos. E depois os tios comem eles...

Essa coisa faz-me ficar triste, mas não tenho coragem de dizê-lo à avó. -

*- Steven, és um menino muito sensível e bom. Por isso fica-te difícil entender porque os homens matam os pássaros e os outros animais para comê-los.*

*Eles não pensam que seja uma coisa má. Quando eram crianças, não lhes ensinaram a amar e respeitar os animais, a lembrarem-se que são todos Criaturas de Deus.*

*Depois, quando crescem, talvez o façam sem pensar, porque veem que os outros também fazem isso.*

*Seria bem ensinar que, antes de fazer uma coisa, é necessário perguntar por que é que se faz, e depois, escutar o que diz o coraçãozinho.*

*Tu és assim doce e bom, que compreendeste sozinho quanto é belo querer bem a tudo, mesmo aos animais, às árvores e às flores.*

*Assim, mesmo que vejas os outros a fazer isso, tu não o farás.*

*E quando fores maior, terás também coragem de dizer sempre o que sentes no teu coraçõzinho. -*

-----

- Daqui a pouco é Natal. Na escola fizemos a árvore e o presépio. Cada criança levou alguma coisa para a árvore de Natal ou para o presépio.

Há bolas decorativas, estrela, fios com luzes, algodão para fazer os flocos de neve, uma grande bola com uma ponta longíssima para meter em cima da árvore, e tantas luzes que se acendem e se apagam.

Temos um belíssimo Menino Jesus, em cima da palha, dentro de uma gruta, com o boi, o burro pequeno, Maria e José. Há também muitas outras estátuas pequenas: homens que trabalham, todos diferentes, muitas ovelhinhas e outros animais. Há a lagoa, o moinho e, sobre um papel muito grande, foi desenhado o céu pleno de estrelas.

Em seguida, colocamos o musgo recolhido nos prados.

Eu não levei nada, porque na minha casa não se faz nem a árvore de Natal, nem o presépio.

Não se fazem também na avó.

Eu pedi à tia Adele se podia ir procurar o musgo para a escola, mas ela disse-me que nos prados pertos não havia.

Por isso, fui a única criança a não levar nada!

Não queria ir à escola, porque tinha vergonha por não ter levado nada. Felizmente a professora não me disse nada e, assim, senti-me um pouco melhor.

Descobri também que a tia Adele disse-me uma outra mentira: os meus colegas encontraram o musgo mesmo perto da nossa casa... ela me tinha dito que não havia...  
Queria tanto dizer-lhe, mas nem tenho a coragem! -

-----

- “Mãezinha, é muito triste saber que não estás nem mesmo no Natal!

Se tu estivesses aqui, faríamos um belíssimo presépio junto com o pai e Susan, e divertiríamos a fazer também uma belíssima árvore.

Mãe, é muito mal também que a tia Adele me diga sempre mentiras! Assim, sinto-me sozinho ainda mais!

Sabes, mãezinha, não tenho a coragem de explicar à professora e aos meus colegas o porquê de não levar o musgo, Tenho vergonha de dizer que essa senhora não me deixa sair de casa, não quer que nenhuma criança venha me encontrar, e diz-me também mentiras.” -

*- Entendo, Steven, o quanto estás mal por não poder ter também o teu presépio e a árvore de Natal, como todos os teus colegas. Sei que tu irias gostar de fazê-lo pelo menos na avó, junto com os teus tios, porque isso é uma coisa muito bela para todos, ainda mais para as crianças.*

*Compreendo o quanto te sintas envergonhado em frente aos teus colegas por não ter levado ao menos o musgo, e sei que a coisa que te fez sofrer mais foi a mentira da tia.*

*As mentiras fazem sofrer sempre porque sentes que quem te as contou não te quer bem e que não podes mais confiar naquela pessoa.*

*As mentiras fazem mal também aos grandes, mas estas são ditas igualmente. -*

-----

- A professora disse-nos para levar uma cartinha para se escrever as felicitações natalinas para os nossos pais.

Eu pedi ao pai dinheiro para comprá-la, e ele me o deu.

Disse à professora que não podia escrever a carta para o meu pai, porque no dia de Natal irei estar na avó.

Ela disse-me de escrever para os tios e ajudou-me a fazê-lo. Mas não me perguntou por que é que não estarei com o pai no dia de Natal, como fazem as outras crianças.

Somente eu não escrevi a carta para o pai! Somente eu não estarei com os meus pais no dia de Natal!

Tenho medo que os meus colegas gozem comigo também por isso.

“Mas por que é que eu não posso nunca fazer aquilo que fazem os meus colegas de escola? Por que é que o meu pai não está comigo e Susan nem no Natal?”

Gostaria que estivéssemos juntos, nós os três sozinhos, e falar de tudo. Ele poderia contar-nos da mãe e fazer coisas connosco. Eu sei que o pode fazer, porque no Natal não vai trabalhar...

“Mas por que é que está com aquela senhora e Flavius e não com nós dois?”

É o nosso pai, não o pai de Flavius!” -

*- Pequeno Steven, o pai sabe que a tia não vos quer bem como ele desejaria e está muito triste por isso.*

*Assim, pensa que vocês estarão melhor na avó porque ali todos vos amam.*

*Ele sabe que não pode obrigar a tia Adele a gostar de vocês porque isso é algo que nasce do coração.*

*Seu que o pai, antes de se casar com ela, havia pedido à tia Adele de querer-vos tanto bem, e de fazer-vos todas as coisas que vos fazia a mãe.*

*A tia Adele havia-lhe dito que sim, mas agora não faz isso.*

*Tem sempre esperança que vai mudar e que mantenha a promessa feita.*

*Tem de ir trabalhar longe e não sabe com quem deixar-vos.*

*Também ele sente muita falta da tua mãe, e queria passar o Natal todos juntos. -*

-----

- Estou contente de também eu ter feito a carta para os meus tios. É muito bonita, desenharam as árvores de Natal cobertas com pontos brancos que brilham.

Hoje é Natal, voltei da Missa e perguntei à avó em baixo de qual prato meter a carta, ela disse-me em baixo do prato do tio Roland.

Apenas o tio se sentou à mesa e deu logo conta: fui perto dele e li em voz alta a carta para ele.



Todos os tios ficaram contentes e também a avó, porque escrevi que gosto muito de todos.

Bateram as palmas para mim, dizendo-me:

“Bravo, Steven. Que bela surpresa nos fizeste! É uma carta belíssima. Foste muito bravo, estamos muito felizes. Também nós gostamos muito de ti.”

E depois, deram-me dinheiro.

Estou feliz por tê-los deixado contentes, porque são bons comigo e gostam muito de mim. -

-----

- “Mãezinha, estou contente de ter estado na avó, com Susan e os tios, no dia de Natal, mas senti muita falta do pai...

E depois, senti mais ainda do que os outros dias que tu não estás connosco, e senti ainda mais vontade de abraçar-te e de dar-te beijinhos.

Mãe, sinto-me tão sozinho!” -

-----

- Hoje é o dia da Epifania e voltei à casa na cidade, porque terminaram as férias de Natal.

Esta noite vi que Flavius tem belíssimos jogos novos. Perguntei-lhe quem os ofereceu de prenda e respondeu-me:

“A epifania!”

E, imediatamente, a tia Adele acrescentou:

“Não deixou nada para ti e Susan porque vocês estavam na avó!”

Deu-me logo vontade de chorar:

“Mas por que é que a Epifania não foi ter até a casa da avó? Ao menos ela gosta de mim? Ou talvez seja porque não sou bom ou bravo como não sou na escola?”

Flavius não me deixa nunca jogar com os seus brinquedos, e agora está a prepará-los para levá-los à sua tia para jogar com o seu primo.

Vi que tem ele tem muitos e que os escondeu. Não sei por que é que fez isso, eu nunca perguntei isso a ele!

Susan não disse nada: foi logo para seu quarto, e agora está a chorar... -

*- Sei que sofres, caro Steven, vendo Flavius com os brinquedos que la Epifania lhe trouxe.*

*Não penses que a Epifania não gosta de ti ou que não és uma criança brava.*

*Aconteceu porque a tia Adele é assim atenta com o seu filho, que, algumas vezes, esquece-se de ti e Susan.*

*Não fiques chateado com ela. Faz isso porque perto dela não está mais o pai de Flavius, e agora pensa somente nele.*

*Prometeu ao teu pai de cozinhar e de fazer todos os trabalhos domésticos.*

*E vês que faz tudo bem, mas não consegue sentir vocês como a sua família.*

*Também ela sofre porque não têm mais o pai de Flavius com eles. -*

-----

- Hoje recebi o boletim escolar: tenho tanto medo de mostrar ao pai porque nunca fala comigo e não vê os meus trabalhos de escola!

Uma vez assinou-a em silêncio, e disse-me somente que não estava a ser bravo.

Eu empenho-me a sério, mas há muitas coisas que não compreendo!

Quando faço os trabalhos de escola em casa, quase sempre não consigo terminá-los porque não sei a quem pedir ajuda.

Os meus colegas são ajudados pelos seus pais. Há quem vá também a um outro professor que lhes explica as coisas que não entendeu na escola.

E depois, eles fazem os trabalhos juntos!

Iria gostar também de fazer os trabalhos com os meus colegas e ter um professor que me ajudasse! Mas tenho medo de pedir isso ao pai, porque ouvi dizer na avó Celestina que alguém havia aconselhado ao pai de colocar-me num colégio.

É melhor eu não lhe pedir nada: se se chatear comigo por causa da escola, pode repensar nisso!

E eu num colégio não quero estar. Também porque, depois, não poderia ir na avó Celestina! -

-----

- “Mamã, como faço sem ti?

Mãezinha, tenho certeza que se tu estivesses aqui comigo, eu serei bravíssimo, tu me ajudarias a fazer os trabalhos da escola, para me explicares as coisas que não compreendo.

Contigo poderia ir brincar, depois que fizesse os trabalhos da escola, e assim haveria muitos amigos.

Convidá-los-ia para vir à casa brincar comigo, e tu oferecia-os também o lanche bom.

Mãezinha, volta para mim, quero que me abrases, quero os teus beijinhos e teus carinhos.

Volta mãe! Sinto-me tão sozinho!” -

-----

- Dave, mas a pessoa que chama para ir ao Céu, não vê que eu quero estar junto da minha mãe? Que tenho muita necessidade dela?

Que a amo?

Estou muito chateado com quem a chamou no Céu, sem primeiro perguntar-me isso!

Agora, aqui, não tenho mais ninguém que me queira bem!

Dave, não podes dizer-lhe que me a envie já? -

*- Desculpa-me, pequeno Steven, mas eu não posso fazer isso, e ninguém também o pode fazer.*

*Agora não sentes os seus abraços e nem mesmo os teus carinhos, mas esteja seguro que a tua mãezinha vem para perto de ti muitíssimas vezes, mesmo que tu não a vejas.*

*E enquanto dormes, ela acaricia o teu rostinho e dá-te muitos beijinhos. -*

-----

- Finalmente a escola terminou!

Estou contente que tenha terminado, mas eu tenho vergonha: reprovei na escola!

O pai não me disse nada! Também a avó e os tios ficaram calados, mas eu sei que não estão contentes comigo, e isso me entristece muito.

Agora que não vou à escola tenho menos medo, e tenho também menos dor de barriga que me faz ir a correr à casa de banho.

Acontece-me sempre isso, quando devo ir a qualquer lugar, ou quando me levam a para ver alguém.

Estarei aqui com a avó e os tios por muitos dias! Que belo!

O tio Francis está a ensinar-me a andar de bicicleta. Leva-me para o campo, coloca-me uma corda por baixo do braço e mantém-na esticada, assim não perco o equilíbrio, e aprendo rapidamente.

O tio Francis tem uma barriga grande, e fala pouco com os outros tios e a avó, mas comigo brinca muito.

Agora divirto-me a andar com a bicicleta em cima do monte de terra feita com água suja que vem da casa, do tubo colocado pelos tios. Arranco rápido, subo e, depois, lanço-me no prado sem pedalar. -

- Nem mesmo na avó tenho amiguinhos com quem posso jogar...

Mas, há uma menina que mora aqui perto, e eu posso ir à sua casa para brincar com ela.

Chama-se Wilma, e mora com o pai, a mãe, os avós e uma tia que se chama Maryn.

Maryn é muito boa, e conversa muito com Susan. Frequentemente, fazem passeios juntas, em aldeias vizinhas.

Maryn gosta muito também de mim. É sempre gentil comigo e, quando estou em sua casa, pergunta-me se quero qualquer coisa para comer ou para beber.

Eu e Wilma divertimo-nos tanto, porque a sua casa é grandíssima.

É alta como a casa da avó, mas mais comprido. Há uma adega com muitíssimos barris cheios de vinho, e nós divertimo-nos a brincar às escondidas entre os barris.

Há ainda um forno: ocasionalmente fazem pão, e doces boníssimos, que gosto tanto!

Brincamos também na horta, onde estão as verduras. Gostamos de trepar sobre as árvores de damasco e de ameixas que ficam lá, e a comer a fruta.

Na horta está sempre o senhor Adam, o avô de Wilma. Também ele é bom e gentil comigo.

O pai de Wilma trabalha nos campos e apanha a fruta.

Gosto de ver quando faz o vinho: coloca todos os cachos de uva em um grande barril, tira os seus sapatos, salta para dentro junto com os amigos, e com os pés esmaga todos os grãos, cantando e brincando.

Um dia colocou no barril também eu e Wilma, e nós divertimo-nos muito.

Wilma é uma menina muito doce. É mais pequena do que eu, assim ajudo-a a fazer as coisas que não é capaz de fazer sozinha, porque eu sou mais forte...

Ela tem os belos cabelos loiros e longos, e está sempre vestida com vestidos lindos, porque a tia Maryn costura.

É bom brincar com ela e gosto muito dela. -

-----

- Hoje eu chorei!

Amanhã devo retornar à cidade, porque recomeça a escola.

A avó disse-me que fiquei aqui muitos dias: a mim parece que a escola acabou de terminar...

A avó, vendo-me a chorar, explicou-me:

“Steven, sinto-me mal que tu fiques assim, mas aqui não podes ir à escola, porque fica muito longe da casa.

Não chores assim, verás que Natal chega rápido, e estarás aqui de novo.”

Mas eu não quero voltar para junto da tia Adele! -

*- Steven, eu sei que desejas aprender muitas coisas, mas que não preferes ir da tia Adele a, nem mesmo ir à escola.*

*A escola é importante porque aprendes as coisas que irão servir-te quando cresceres.*

*Sabes, existem crianças que não podem ir à escola porque vivem em aldeias onde não há escolas ou não têm dinheiro para comprar os livros e batas escolar. E eles gostariam tanto de poder ir...*

*Pensa neles e vê que és uma criança um pouco mais sortuda.*

*Vá, faz um esforço. Recorda-te que do Céu a tua mão te ajuda.-*

-----

- A escola recomeçou já faz dois meses, mas eu não faço para ser bravo.

Quando a professora me faz pergunta nunca consigo responder, porque tenho medo de errar.

Como sempre, estou sempre sozinho na casa. O pai vejo-o pouco, vai sempre para longe com o camião. E Susan, vejo-a somente à noite, enquanto jantamos.

Por sorte que no Natal retorno à avó!

Quando vou dormir, antes de adormecer, falo sempre com a mãe e faço as orações que me ensinaram as freiras.

Faço em baixo dos cobertores porque não quero ser visto nem ser escutado pelo Flavius.

O padre ensinou-me a fazer as orações somente para a minha mãe: depois que disse isso fiquei mais contente! -

-----

- Chegou o carnaval!

Hoje, a professora disse-nos de prepararmos os trajes de carnaval, porque em poucos dias haverá uma festa.

No ano passado o pai comprou-me traje de indiano.

É azul, e tem muitas plumas coloridas que coloquei na cabeça, é mesmo belíssimo.

Pedi à tia Adele se também este ano posso colocá-lo, e ela disse-me que sim. Não vejo a hora! -

-----



- Estou muito triste, continuo a chorar... Hoje é o dia de carnaval e Tia Adele disse-me que o traje de indiano já não há. Deitou-o fora porque estava todo estragado.

É uma outra mentira da tia Adele! Eu não o estraguei. Estava ainda belo!

E agora que traje coloco?

Vendo Flavius com o seu traje de *cowboy* com as pistolas, vêm-me vontade de chorar ainda mais.

Poderia ter-me dito antes, a tia Adele! Podia pedir ao pai de comprar-me outro...

Como faço para ir à festa sem o traje?

Porque a tia é assim maldosa comigo?

Eu não a fiz nada! -

-----

- Na festa as freiras colocam-nos a fazer muitos jogos, e trazem os doces e o chocolate para beber.

Diverti-me à mesma.

Mas, fiquei muito triste por não ter o meu traje como tinham todas as crianças...

Como sempre, era a única criança que não tinha! -

*- Coragem, pequeno Steven. Sei o quanto sofres pelas mentiras da tia Adele e também porque não tens o teu traje. Sei que te sentes atrapalhado.*

*Gosto tanto de ti, pequeno. -*

-----

- A escola terminou novamente: tenho que fazer exame de recurso em setembro.

Fiquei muito triste e envergonhado. A coisa boa é que vou ficar na avó por todo o verão, e poderei brincar. -

-----

- Ontem, eu vi os meus tios a brigar: fiquei muito assustado! Todos gritavam, o tio Francis apanhou uma faca e apontou-a contra os outros tios.

Vendo-o, os tios acalmaram-se, e tudo acabou rapidamente.

Por sorte!! –

*- Não fiques assustado, Steven, os teus tios, como todos, de vez em quando ficam chateados e discutem, mas o tio Francis nunca tinha levantado aquela faca contra os tios. Talvez tenha visto isso em um qualquer filme.*

*Tu, talvez, nunca venhas a brincar com facas ou outras coisas perigosas, porque, sem se aperceber, poderias fazer mal a ti ou fazer mal a alguém.*

*Muitas vezes acontece que as crianças fazem mal umas às outras fazendo brincadeiras perigosas.*

*É melhor brincadeiras alegres e que fazem rir. -*

-----

- Estou contente porque entre os meus tios não aconteceu nada de grave.

Percebi que estão bem como antes, mesmo que tenham brigado. Com ele falo muito e brinco: são bons e simpáticos!

Gostaria de fazer essas coisas também com o meu pai, mas ele está pouco comigo, e quando estamos juntos, nunca fala comigo, e não brinca comigo.

Pelo menos me carregasse nos braços!

Neste verão veio encontrar-me na avó somente duas vezes, e permaneceu pouco tempo...! -

-----

- Regressei à casa antes de ter iniciado a escola para fazer o exame de melhoria, mas aconteceu-me uma coisa estranha que não entendi, e que ninguém quis me explicar.

No dia do exame, a tia Adele acompanhou-me à escola, mas voltou de súbito à casa, e eu permaneci ali, sozinho.

O vigilante fez-me entrar numa sala de aula, e disse-me para esperar a professora.

Esperei por um tempo, mas a professora não chegou!

Estava sozinho! Depois de um pouco fiquei mal: não vi chegar ninguém! Depois, tive medo...

Depois de muito tempo, entrou o vigilante e disse-me de voltar para casa.

Voltei sozinho à casa. Quando entrei em casa, a tia Adele não me perguntou nada, nem mesmo se tinha feito o exame.

Tinha medo de falar com ela, mas queria saber por que é que não fiz o exame, e se devia fazê-lo no dia seguinte. Disse assim para ela:

“Tia, a professora não foi... não fiz o exame... Deixaram-me todo momento sozinho na sala de aula... devo retornar amanhã?”

Não me respondeu! -

-----

- Hoje a tia disse-me que reprovei.

“Mas por que é que reprovei se nem perguntas me fizeram?

Desta vez não tive culpa, eu fui à escola!

Por que é que me fizeram isso? Por que é que ninguém me quer explicar?” –

- “Mãe, mãe, ninguém gosta de mim, ninguém se interessa por mim.

Mãe, onde estás?” -

-----

- Este ano na escola há uma professora muito boa. Colocou-me para sentar na primeira carteira, em frente dela, e de vez em quando senta-se perto de mim e faz-me carinhos.

Com ela tenho menos medo de falar, e assim vou à escola de bom grado, mesmo que não veja a hora de chegar sábado à tarde para ir à casa da avó. -

-----

- As férias de Natal chegaram rapidamente.

Caiu a neve. Eu e Susan divertimo-nos a fazer bonecos de neve e a atirar as bolas de neves.

Hoje a avó disse-nos:

“Steven, Susan, descem, tenho uma surpresa para vocês. Vistam-se bem porque está frio.”

Nós olhamos um para o outro maravilhados, e depois, olhamos para a avó que sorria para nós: entendemos que não disse nada, porque queria fazer-nos uma surpresa!

Há muita neve lá fora, está tudo belo.

Fiquei feliz de ir passear com a avó e Susan. Ela deu-nos as mãos e sorria para nós.

Levou-nos à igreja para ver o presépio e falou-nos do Menino Jesus e dos seus pastores.

Que bom ouvir a avó contar tantas coisas belas!

Disse-nos que Mãe de Jesus está no Céu...

Talvez então conheça a minha mãe... -

- “Mãe de Jesus, também tu gostavas muito de Jesus, e viste que as crianças têm necessidade da mãe...

Então, podes dizer à minha mãe para vir um pouco aqui junto de mim e Susan? Talvez, pudesses vir junto...” -

- A avó chama-me:

“Steven, vá lá, anda, agora voltamos para casa. Gostas do presépio de verdade? Vejo que ficaste encantado...”

“Sim, avó, aqui tudo é belo...”

Não lhe disse que estava a falar com a mãe de Jesus...

“Obrigada avó, fizeste-nos uma belíssima prenda. Obrigada por gostares assim de nós.”

Estou a voltar para casa feliz: quiçá que a mãe de Jesus me possa ajudar...! -

-----

- Terminaram já as férias de Natal, mas retorno à escola mais tranquilo, porque sei que tenho uma professora boa.

Finalmente agora eu estou bem! Assim o meu pai ficará contente por mim e faço feliz também a avó e os tios... -

-----

- No domingo o pai nos fez uma surpresa.

Fomos visitar um amigo seu que conheceu quando era militar.

Vive numa cidade muito distante.

Foi a primeira vez que fizemos uma viagem todos juntos. Antes de chegarmos no seu amigo, ficamos num restaurante a comer.

Nunca estive num restaurante!

Quando chegou o empregado, todos dissemos o que queríamos para comer.

Eu não sabia o que pedir, permaneci calado.

Susan não disse nada, mas pai, tia Adele e Flavius ficaram a rir.

O pai disse-me:

“Vá lá Steven, o que queres para comer!”

Fico nervoso para falar quando estou em lugares que não conheço e com pessoas novas, e fico todo vermelho...

Então o pai me disse:

“Steven, aqui fazem bifos grandíssimos e muito bons, são a especialidade deste lugar.”

Mas eu não tinha vontade de comer o bife, e permaneci ainda calado.

Por fim, disse ao pai:

“Quero feijões.”

Pai, tia Adele e Flavius voltaram a rir-se.

Eu não entendia por que é que se riam...!

Felizmente, Susan sentou-se perto de mim, e deu-me um sorriso.

Assim, comi somente os feijões.

Terminado de comer, fomos encontrar o amigo do pai e depois voltamos à casa.

Após alguns dias, fui com a tia Adele comprar-me uma camiseta.

Antes de volta à casa, foi até à casa da sua irmã para buscar Flavius.

Estava também o tio e o primo de Flavius.

Tia Adele contou da viagem que fizemos no domingo.

No meio do discurso disse:

“Querem saber uma coisa? Quando fomos ao restaurante, Steven, em vez de pedir o bife, preferiu comer os feijões. Imaginem: ir a um lugar como aquele para comer os feijões...”

Todos começaram a riram.

Eu fiquei todo vermelho, e senti um grande calor.... Não disse nada! Desde então, de vez em quando, sinto que Flavius ri com tia Adele quando fala de feijões...

Ela faz um sorrisinho. Eu finjo que não vejo, mas fico mais envergonhado.

E também fazem isso com outras pessoas... –

*- Steven, não te envergonhes, não fizeste nada de errado.*

*Não entenderam que és tímido e que no restaurante estavas com dificuldades.*

*Sei o quanto sofres: nunca se deve gozar com ninguém, muito menos com crianças...*

*Gosto muito de ti, pequeno! -*

-----

- Vim à casa da avó para passar as férias da Páscoa, e encontrei uma surpresa belíssima.

Todos as árvores estavam cheias de flores de muitas cores, e tinham um perfume muito bom.

Gosto de ficar ali a vê-las... são tão belas...!

Quando vejo as árvores e as flores, fico contente como quando brinco. Disse-o também à avó.

Ela deu-me um sorriso:



“Steven, também eu quando vejo as flores e as árvores sinto aquela coisinha no coraçãozinho... chama-se alegria.”

Que bom! Eu e a avó sentimos as mesmas coisas no coraçãozinho!

Estou tão feliz que ter a avó e os tios que gostam muito de mim e que vivem no campo! Assim posso ver todas as árvores e flores, e sentir tantos perfumes.

Na cidade há pouquíssimas árvores.

“Mas por que é que não fazem as casas no meio das árvores, como aqui na avó?” -

*- Estou feliz, Steven, de sentir que amas assim tanto as árvores e as flores.*

*Quando vejo para elas ouço sempre o teu coraçãozinho, verás quantas coisas belas sentirás!*

*As flores, os prados, o céu, os mares todos fazem parte da natureza.*

*Essa é como uma grande mãe, e oferece muitas coisas belas a todas. Os coraçãozinhos doces e sensíveis como o teu, sabem apreciá-los mais.*

*Quando estás nos prados e entre as árvores, podes descobrir coisas belíssimas.*

*Continua a querer bem à natureza, como fazes agora, e teu coraçãozinho estará sempre contente e belo.*

*E quando fores maior, entenderás as coisas muito importantes, passando mesmo muito tempo na natureza.*

*Para além de ser vivos, as árvores sabem falar também, mas os adultos têm dificuldades em perceber.*

*Muitas vezes, não se escutam as vozes que se possam sentir na natureza, e não se a ama.*

*Aqui está o porquê, que depois, cortam-se as árvores para construir-se cidades.*

*A cidade é uma coisa útil, porque oferece às pessoas a comodidade e lugares para se divertir, mas se a constroem deixando mais árvores e mais parques, como se diz, os homens estariam melhor e viveriam mais felizes. -*

-----

- Viva, a escola terminou! E passei de ano! Estou tão feliz! Não vejo a hora de dizer à avó e aos tios: ficarão felizes e orgulhosos de mim! Que bom! -

-----

- Aqui, na avó, vou à Missa todos os domingos com Susan. Gosto de ir, porque vejo muitas pessoas. Às vezes vem a avó. Os tios nunca vêm, porque vã à uma casa que chamam ‘Casa do Povo’, onde há muitos jogos e um grande bar. Às vezes, vou ali para chamar os tios, quando a avó precisa deles, e vejo muitíssimos homens que bebem vinho, jogam e divertem-se.

A igreja fica perto de casa.

O padre chama-se Raffael, e é muito bom. Gosta de mim e da Susan, e pergunta-nos sempre como estamos.

Disse-me para ir jogar com ele, no prado em frente à igreja, com as outras crianças.

Que bom! Finalmente não jogo mais sozinho! Tenho muitos amiguinhos... divirto-me muitíssimo a jogar juntos!

Se o pudesse fazer também na cidade...!

Quando pode, Raffael deixa-nos jogar com a sua bola, e fazemos belas partidas de futebol.

O meu pai ofereceu-me uma bicicleta nova: é belíssima e tem também o guidão de corrida!

Com a bicicleta nova, vou comprar o pão e tantas outras coisinhas para ela. Estou contente de poder fazer isso para a avó... gosto muito dela...!

Com os amigos vou dar voltas pelas estradas do campo. Descobri campos novos onde há o milho, alguns maceradores grandes que nunca tinha visto, e belíssimos prados cheios de flores.

Às vezes, ficamos no meio dos campos a comer uva grossa e as melancias.

Às vezes entre os meus amigos apanhamos a fruta, eu divirto-me a ver as papoilas. São muitíssimas e belíssimas!

Com os meus amigos falo de tantas coisas e fazemos muitíssimos jogos

É mesmo belo ter amigos! -

*- É verdade, Steven. A amizade é uma coisa belíssima: é um dos tesouros mais preciosos.*

*Com os amigos, além de jogar e divertir-se, podes contar aquilo que tens guardado no coraçãozinho, sejam as coisas que te fazem feliz, sejam aquelas de que não gostas, sem haver medo de não ser compreendido, ou de ser gozado.*

*Quando alguém é teu amigo diz-te sempre aquilo que pensa e não te diz nunca mentiras.*

*Diz sempre aos teus amigos aquilo que sentes no teu coração, o que pensas, o que entendeste, o que não entendeste, o que gostas ou não gostas. Isso é ser amigo de verdade.*

*Se um teu amiguinho não está de acordo contigo sobre alguma coisa, nunca fica com zangado contigo. Talvez ele tenha razão. Mas se aquilo que diz, para ti não está nada bem, tu escutas o teu coraçãozinho e fica sereno.*

*Se uma criança faz alguma coisa que, segundo ti, não está bem, faz como fazia a tua mãe: não o critiques, e com delicadeza diz-lhe que, talvez, não é bom fazer assim.*

*Se depois o faz à mesma, continua a querer bem a ela e fica tranquilo.*

*Mas se faz coisas não boas, ou que fazem mal a alguém, diz sempre aquilo que pensas, diz que quer-lhe bem à mesma, mas que não podes mais estar junto com ela.*

*Quando se é amigo entende-se tudo, não se deve julgar, não se deve gozar com o outro, e respeita-se sempre aquilo que o amigo escolhe fazer.*

*Mas não se pode fazer as coisas não boas por amizade. -*

-----

- Hoje veio visitar-nos Mathilde, a irmã da avó.

Trouxe-me chocolates e disse-me que sou um menino bravo e belo.

Como é bom ouvir essas coisas!

Conversaram tanto, como sempre.

Colocaram-me perto deles a jogar com as figurinhas de jogadores de futebol e ouvia o que diziam... -

- “Sabes, mãezinha, quando a avó contava à senhora Mathilde que tu ias trabalhar em casa de pessoas importantes, lembrei-me que me levavas a aquelas senhoras com a bicicleta. Deu-me vontade de chorar... corri para o quintal. Sentei-me sobre a grande árvore perto do poço, e chorei... Queria ter-te aqui... sinto muita falta de ti, mãe! Lembro-me que me colocavas no assento, preso ao guidão da bicicleta. Andando, acariciavas-me, davas-me tantos beijinhos e dizias-me que era um belo menino, que gostavas tanto de mim e outras coisas belas. E depois cantavas... Mãezinha, não podes pedir à Jesus e aos outros Anjinhos, que façam com que tu voltes aqui para perto de mim, de vez em quando? Dave disse-me que vens, mas eu não te vejo nem te sinto. Não sinto nem mesmo os teus beijinhos. Tu pedes-lhes se podes vir até mim, se me podes carregar um pouco nos braços. Pedi isso também à Dave: disse-me que ninguém o pode fazer! Mas eu creio que o podes fazer, porque vives onde vive Jesus...-

*- Caro Steven, seguramente a tua mãe de lá em cima pode fazer tantas coisas que não se pode fazer aqui, na Terra. Agora não a podes ver porque o seu corpinho é diferente do teu: é feito todo de Luz. Mas talvez um dia a poderás ver igualmente, e também a ouvis falar. -*

- Esperemos... talvez amanhã...!  
Quem sabe o quão bela a minha mãe ficou, feita de Luz...! -

-----

- Vivo numa pequena cidade, mas a equipa de futebol joga com as equipas das grandes cidades da Primeira Liga. Eu torço por ela, assim como o meu pai.

Ele leva-me muito poucas vezes para ver os jogos, mas eu sei tudo desta equipa e dos seus jogadores: leio sempre o jornal desportivo que compra o pai!

Quando a vejo jogar, fico todo agitado: como é belo o estádio, com tanta gente e tantas cores!

Fico feliz de ir ao estádio, também porque, assim, posso estar junto com meu pai.

Vamos no seu belo carro, e antes, passamos no bar onde o pai tem tantos amigos.

Quando estou no carro com ele, espero sempre que fale comigo da mãe, dele, das coisas que faz, e que me pergunte como estou com a tia Adele.

Gostaria de dizer-lhe que a tia não gosta de mim, que eu e Susan não estamos bem com ela.

Gostaria de dizer-lhe que me conta mentiras, que faz muitas coisas que nos faz sentir mal.

Gostaria de dizer-lhe todas as coisas que não gosto.

Gostaria de contar-lhe da escola e de tantas outras coisas.

Mas não tenho coragem de dizer-lhe nada se não me pergunta: está sempre assim sério...!

Quando estamos no automóvel, fala-me somente do futebol e da nossa equipa.

Mas eu já estou feliz assim, porque é bom. Sinto que gosta um pouco de mim, mesmo se nunca me diz.

No bar o pai joga cartas com os seus amigos, conversa com todos, e é aquele que faz mais confusão.

Divirto-me a ver aqueles senhores que brincam, gritam, batem os punhos sobre a mesa, e fazem um grande barulho como nós crianças.

Quando terminam de jogar, andamos todos juntos ao estádio com o carro do pai.

É belo estar com o pai e os seus amigos, porque fazem tantos belos discursos sobre minha equipa.

Estou contente que também eles gostam da minha equipa como eu! -

- “Sabes, mãe, estou certo que, se tu estivesses aqui, comigo, me farias ser um jogador de futebol. Gosto tanto do futebol e sei jogar bem, mesmo se jogo sozinho quando vou à avó: na casa, a tia nunca me deixa ir ao quintal...

Felizmente que o pai, às vezes, leva-me ao estádio! Talvez, vendo, aprendo...

Mãe, poderias dizer ao pai de levar-me a uma escola onde se ensina a ser um bom jogador?

Não sei se de onde tu estás há os jogos, mas são mesmo belos! Se Susan fosse mais pequenina, poderia jogar futebol com ela, mas é maior do que eu, e depois é uma menina...” -

- No estádio sento-me perto do pai e escuto aquilo que ele e seus amigos dizem sobre os jogadores.

Quando as equipas entram no campo, o meu coração bate forte por alegria.

As cores dos equipamentos são belíssimas, o campo tem relva bem cortada, tudo igual, e é sempre verde, mesmo no inverno.

Lembra um grande tapete!

Como gostaria de correr ali e dar cambalhotas!

Quando a minha equipa faz golos, ficamos todos em pé e gritamos de alegria.

Às vezes, olho o meu pai que grita, salta e está feliz.

Como é belo assim o meu pai! Mas porquê não está sempre assim alegre?

Estou seguro que se jogasse a bola comigo, divertir-se-ia tanto e seria feliz. E eu saltaria de alegria! -

- “Mãe, podes dizer ao pai de jogar a bola comigo quando está em casa?

Assim, estaríamos juntos, divertiríamos e me tornaria num bravo jogador!

Feria-o rir... E não estaria mais sempre sério...” -

-Depois do jogo, o pai leva-me à casa, e depois volta ao bar com os seus amigos.

Espero sempre que esteja muito transito, assim fico um pouco mais com ele, e posso ouvir outros comentários sobre o jogo.

Felizmente, isso acontece quase sempre!

Chego em casa feliz, porque fiz as coisas que gosto mais: estar com o meu pai e ir ao estádio.

Esteve bom e gentil comigo. Gostei muito de vê-lo rir, saltar, gritar com os seus amigos, mesmo como faço eu.

É fantástico assim o meu pai!

É belo ir ao estádio e ver o jogo, mas gosto ainda mais de poder estar com o pai e vê-lo assim alegre! -

- *Caro Steven, é belo que tu estejas contente em ver o teu pai feliz.*



*No estádio deixa ver toda a sua alegria, porque, naquele momento, volta a ser uma criança como tu, e as crianças saltam, riem, cantam.*

*Em casa, ao contrário, o pai não consegue exprimir-se assim, porque sente tanta responsabilidade de ser o chefe de família.*

*Ensinaram-lhe que, quando se torna chefe de família, deve-se ser sério, demonstrar ser forte e não falar muito.*

*Pelo contrário, pode-se fazer as coisas importantes e permanecer um pouco criança, conversar, cantar e jogar. -*

- Gostaria que também Susan pudesse ver o pai assim belo!

Por algum tempo, fica ainda triste e chora muito.

Hoje, chorando, contou à avó que a tia a fez uma coisa horrível: não a inscreveu na sexta classe. Assim, agora não pode mais ir à escola e deve ir trabalhar

Quando perguntou à tia Adele por que é que ela não o fez, a tia respondeu que se esqueceu...!

Essa é outra mentira! Não se pode esquecer de uma coisa assim importante!

Como é que nunca se esqueceu de inscrever Flavius?

Terminou o quinto ano com Susan, e lembrou-se bem de inscrevê-lo ...!

A tia é mesmo má!!

Fez uma coisa horrível, porque Susan é muito boa aluna. Reprovou apenas uma vez, porque chorava muito.

Esperava também que me pudesse ajudar a fazer os trabalhos de escola, mas não! Assim, a verei ainda menos, e isso faz-me chorar...

Pobre Susan! Não é justo! Ela é muito boa e brava!

Estou um pouco chateado com o pai:

“Porquê deixas a tia fazer essas coisas horríveis e contar mentiras?”

Também Susan está chateada com o pai, porque se a tia não a inscreveu, ele podia fazer isso! E depois, nem ao menos repreendeu a tia!

A avó disse à Susan para não chorar, para ter paciência, e que irá tentar falar com o pai e com a tia Adele. Esperemos que o possa fazer, porque o pai nunca fala com ela, e nem mesmo a cumprimenta quando me leva à sua casa.

Mas agora Susan não pode ir à escola...

Eu sinto muito, porque, agora, Susan está ainda mais triste!

Ela queria ir à escola, em vez disso, deve ir trabalhar na fábrica. Esperemos que, quando eu terminar o ensino básico, a tia não se esqueça de inscrever-me também na sexta classe...! -

-----

- Desde que Susan contou o que a lhe fez a tia, avó Celestine está ainda mais sorridente conosco.

É muito bela e boa a minha avó! Fala comigo sempre com doçura e dá-me muito carinhos.

Comigo zanga-se poucas vezes, só quando faço asneiras.

Nunca a vi zangar-se com Susan, mas ela nunca faz asneiras... ela é sempre boa e brava.

Susan ajuda a avó a fazer todas as tarefas de casa, e conversam muito juntas.

Às vezes sinto-as a falar também de mim...

Susan faz somente as coisas que fazem os adultos. Nunca a vejo a brincar com outras crianças.

Tem apenas uma amiga, a tia da minha amiguinha Wilma, mas é maior que ela e, assim, não podem brincar juntas.

Quando estamos na avó, Susan lava as minhas roupas. Diz-me que devo estar sempre em ordem, e coloca-me para tomar banho. A mim parece-me que estou limpo, mas ela insiste. Assim, coloca-me numa banheira e lava-me.

Ela fica contente de ver-me belo, limpo e em ordem. Gosta tanto de mim...! -

-----

- O tio Valerius casou-se.

Estou contente porque ele está feliz, mas lamento um pouco porque agora não vive com a avó.

Felizmente que os tios Roland, Francis e Victor não têm noiva! Gosto de ver-lhes todos juntos, sobretudo à mesa, porque são grandes comilões.

Tio Francis é aquele que come mais que os todos! Tem uma barriga assim grande que lhe pesa muito, e o coloca para cima com um grande cinto.

Também tio Roland e Victor são comilões, mas não têm barriga assim grande.

Todos os meus tios são gordos e muito altos. Têm os cabelos negros e são peludos. Têm a pele escura, porque apanham muito sol trabalhando no campo. Fazem lembrar os chimpanzés... mas são belos e muito fortes.

Também eu tenho a pele escura e os cabelos negros como os tios e, talvez quando eu crescer, terei pelos no peito e nas costas, como eles.

Muitas vezes, quando encontro pessoas que não conheço, perguntam-me:

“Mas tu és da família Finlay?”

Eu respondo que sim e eles dizem:

“Vê-se...!”

Fico contente em assemelhar-me com os tios!

Tem alguém, no entanto que me diz também:

“És o filho da coitada Florence?”

Eu respondo que sim, mas fico triste.

A primeira vez que me disseram assim, corri para a avó e disse-lhe:

“Avó, o que quer dizer “coitada Florence”? Eu não gosto, e faz-me ficar mal.”

Ela respondeu-me:

“Steven, é uma forma de falar. Quando uma pessoa vai ao Céu, diz-se “coitada”. Significa que quem está a falar queria-a muito bem e ainda lhe quer bem.” -

- Dave, mas se no Céu estão todos contentes porque dizem “coitada” à minha mãe? Ela lá de cima está feliz, sou eu que estou sozinho cá em baixo!

Ou talvez a minha mãe chora como eu? -

- Steven, a tua mãe lá em cima não chora.

*Quando aqui, sobre a Terra, alguém é bom como ela era, no Céu não se está mal, por nenhum motivo, e é-se somente feliz.*

*Certamente ela gostaria de ver-te também sempre feliz, mas não sofre quando não estás, porque lá de cima compreende-se todos os motivos porque acontecem as coisas.*

*Compreende-se que também as coisas que sobre a terra doem ao coraçãozinho, podem servir para aquela “coisinha luminosa” que fica dentro do coração, que se chama Alma.*

*E de lá de cima, pode-se ajudar muito, muito mais quem ficou cá em baixo.*

*E também isso traz felicidade.*

*Tens razão, pequeno, não se deve dizer “coitada” a quem vive na Luz do Céu e é feliz. Mas isso é apenas uma forma de falar.*

*Tu não gostas porque estás sempre contente quando vês que alguém também fica e, dado que no Céu a tua mãe sorri e está feliz, não pode dizer-lhe ‘coitada’ ... Mas tu podes também não o dizer.*

*E depois, a morte não é uma coisa assim horrível.*

*Certo, faz sofrer a quem fica na Terra, mas é sempre uma coisa bela para quem está lá em cima.*

*Em outros países, quando uma pessoa sobe ao Céu, dança-se e canta-se. As pessoas ficam felizes, porque sabem que lá em cima está-se bem.*

*O Céu é a nossa verdadeira Casa. Lá fica-se por um tempo, para vir à Terra, porque aqui aprende-se muita coisa. Imagina que seja uma viagem... Depois, quando isso termina, retorna-se à Casa.*

*Agora que és pequeno e sentes tanta falta tua mãe, não é fácil para ti compreender essas coisas, mas quando fores maior compreenderás melhor tudo isto. -*

-----

- Os meus tios trabalham nos campos da família Pickwich e também nos campos de outras pessoas.

Eles conduzem muito bem os tratores sobre lagarta. Os tratores não são dos tios são de uma senhora que vive perto de nós.

Quando aram os campos, começam a trabalhar à noite e trabalham por toda a noite até ao amanhecer, porque durante o dia faz muito calor.

Quando à noite acordo ouvindo o barulho dos tratores, tenho tanta alegria no meu coraçãozinho, e imagino que estou lá, em cima do trator, com eles.

Pedi muitas vezes aos meus tios de levar-me com eles, mas dizem-me sempre que é perigoso e que ficarei muito cansado. Eu, no entanto, nunca parei de pedir-lhes, e assim, e hoje, deram-me permissão.

O tio Roland foi nos campos depois que o sol se pôs. Eu e o tio Victor saímos quando ficou escuro. Ele fez-me subir na sua scooter, atrás dele, e fomos...

Segurei-me firmemente a ele. Estava muito feliz que o coraçãozinho batia forte forte!!

Parecia que eu estava a fazer uma aventura como aquelas que eu vi na televisão...

Fizemos caminhos pequenos no meio de duas valas e de grandes e altíssimas árvores.

Explicou-me que são árvores muito antigas, talvez algumas com mais de cem anos...

Disse-me que, entre as folhas, nos ramos mais altos, encontram-se os ninhos de pardais. Certamente naquele momento estariam a dormir com os seus pequenos...

Fiquei sempre atento para poder conhecer bem a estrada: assim posso voltar com a minha bicicleta, e subir nas árvores para ver os ninhos que eu gosto tanto.

Atravessamos também os prados e passamos no meio das árvores de fruta.

Que belo ver tudo iluminado pelo farol do scooter!

O meu coraçãozinho batia cada vez mais, e então fiquei mais perto do tio.

Não sabia se o coraçãozinho batia assim forte porque estava muito feliz, ou porque eu tinha um pouco de medo por causa de todo o barulho que estava à minha volta...

Depois, vi as luzes do trator e ouvi o seu barulho: deu-me vontade de gritar de alegria! Quando desci da scooter tremia-me as pernas... Depois, vi as luzes do trator e senti o seu barulho: queria gritar de felicidade!

O trator estava na metade do campo e vinha contra nós: era grandíssimo e belíssimo! Fazia um barulho que parecia a explosão dos fogos de artifício. O campo ficou todo iluminado pelos seus faróis.

O tio Victor ficou contente de ver-me assim feliz.

Quando o tio Roland veio para perto de nós, desligou o trator e desceu.

O Tio Victor deu-lhe um saco com das coisas para comer e beber preparadas pela avó.

Depois, subiu no trator, no seu lugar, e disse-me:

“Vá lá Steven, sobe aqui comigo, conduziremos o trator juntos.”

Sentei-me entre as suas pernas e partimos.

Que belo!

Por detrás do trator havia o arado que escavava um buraco e levantava a terra ao ar.

Eu senti perfumes que nunca tinha sentido: gostei muitíssimo!

À minha frente havia três grandes alavancas de ferro: quando os tirava, pararam perto das minhas pernas.

Ao fundo do campo fizemos um círculo ao meio e eu ri-me: lá em cima sentia-me tão forte!

Lavramos a terra até que o tio Roland terminasse de comer, e paramos apenas quando ele os fez um sinal com a mão.

Descendo do trator, dei-lhe um beijinho e disse-lhe:

“Tio, é belíssimo conduzir o trator, diverti-me muitíssimo, deixas-me conduzir mais uma vez?”

Ele sorriu para mim:

“Sim, Steven, um outro dia. Agora é tarde e deves ir dormir. Estou contente de ver-te assim feliz.”

Dei-lhe um outro beijinho e montei na scooter do tio Victor.

Abracei apertado o tio e arrancamos rápidos para voltar à casa.

O coraçãozinho batia forte, mas de outra forma: talvez antes tinha um pouco de medo...

Diverti-me muitíssimo, e eu também estava feliz porque, agora, também eu tinha uma aventura para contar aos meus amigos!

Já imagino o quanto ficarão contentes amanhã, quando eu disser:

“Descobri novos lugares para explorar.... Vamos?”

Não consigo dormir... e penso nos tios que passam toda a noite sozinhos, longe de casa... são mesmo muito fortes e corajosos!

Estou contente por serem os meus tios! -

*- Que bela aventura fizeste, Steven!*

*Podes ficar muito orgulhoso dos teus tios, são verdadeiramente muito fortes e corajosos, são muito bons e gostam muito de ti.*

*Steven, não penses que somente as crianças têm medo do escuro: também muitos adultos têm medo...*



*Esse medo é natural porque quando está escuro não se vê ao longe e também, não se pode ver bem os obstáculos que se podem encontrar a andar ou os perigos que podem estar.*

*Com a escuridão também os animais ferozes se aproximam mai. Por esse motivo os homens que dormem a céu aberto acendem fogueiras e assim os animais permanecem longe.*

*Quando está escuro tem-se mais medo, também porque sabe-se que há quem quer roubar ou fazer coisas não boas, na escuridão esconde-se melhor.*

*Steven, seja sempre cauteloso: enquanto fores pequeno nunca deves sair sozinho à noite. -*

- Mas eu tenho medo da escuridão também quando estou em casa... -

- Também isso é normal quando somos pequeninos.

*Se quiseres, agora ajudo-te a não ter mais medo da escuridão.*

*Sabes, Steven, perto de ti há sempre um amigo que não consegues ver, assim como não consegues ver a tua mãe quando ela vem perto de ti.*

*Esse amigo é um Anjo! Tem asas grandes e é envolto de Luz. Ele sempre é perto de ti, de quando nasceste.*

*Morava onde mora agora a tua mãe. Veio para a Terra para ficar contigo, ajudar-te e proteger-te.*

*Na Terra, todos têm um Anjo por perto.*

*Ele pode ajudar-te a fazer todas as coisas, e a fazê-las com menor esforço, mesmo os exercícios da escola. E se tu lhe perguntares, pode ajudar-te ainda mais. Podes pedir-lhe assim como fazes com os teus tios.*

*Mesmo que agora não o consegues ver, fala com ele assim como falas com a tua mãe. Garanto-te que sempre vai ouvir-te.*

*Então, quando ficar escuro, chama a tua mãe e o teu amigo Anjo, e peça-lhes para ficarem perto, de ajudar-te e de proteger-te.*

*Isso podes fazer sempre, não só quando tens medo da escuridão. Quando sentes vontade de chorar, ou não consegues fazer algo, ou estás doente, ou sentes sozinho, chama por ele: Ele sempre ajudar-te-á com qualquer coisa.*

*O teu Amigo Anjo é ainda mais forte do que os teus tios e quer-te bem assim como te quer a tua mãe.*

*Ele pode fazer mais coisas daquelas que os adultos fazem.*

*Os Anjos sabem fazer mesmo tudo.*

*Mas nem sempre podem fazer o que pedimos, pois, algumas situações devem ser vividas para se aprender algumas coisas. -*

- Dave, agora lembro-me que, quando tinha a minha mãe, eu vi algumas pessoas assim, como tu estás a dizer. Lembro-me pouco... eram tão belas e sempre sorriam para mim. Havia também muita luz...

Acreditava que tinha sonhado com isso, mas não... as tinha visto de verdade...! Mas não era apenas uma, eram muitas...

Então, eram todos Anjos? Todos amigos que me querem bem? -

- Sim, Steven, perto de ti podem estar muitos Anjos.

*Quando somos pequeninos é mais fácil ver os Anjos, mas há também pessoas adultas que os veem e os conseguem ouvir falar.*

*Os Anjos falam ao coração e sugerem as coisas belas para fazer e para dizer.*

*Ensinam tantas coisas, sobretudo a querer bem a todos, a serem felizes com tudo aquilo que temos e que podemos fazer.*

*Sabes Steven, para além dos Anjos, há também outros amigos que não se consegue ver facilmente. Vivem nos prados, nas florestas, no campo, e todos querem-lhes muito bem. São bem pequenos.*

*Eles gostam muito de rir, jogar e brincar.*

*Estão sempre alegres e cantam felizes.*

*Quando estás no campo, entre as árvores, se quiseres, podes fazer um belo jogo. Chama esses amiguinhos, e imagina que eles vêm ter contigo, felizes, sorridentes, cheios de alegria e que fazem uma dança de roda onde tu ficas no meio.*

*Com eles podes falar, jogar, cantar, correr, fazer tudo o que quiseres. Verás quanto é belo!*

*E quando está escuro, mesmo que tu fiques dentro ou fora de casa, podes falar em voz alta com a tua mãe, com o teu amigo Anjo, e com esses amiguinhos. Assim não sentirás medo porque sentirás que eles estão lá, perto de ti, para te protegerem.*

*Isso podes fazer sempre, também quando tens medo de outras coisas, não apenas da escuridão. Assim verás que todos os medos irão desaparecer.*

*E se o fazes também quando estás triste ou tens vontade de chorar, voltarás a ficar contente. -*

-----

- Disseram-me que na escola este ano, a minha professora não estará mais. No lugar dela haverá um professor. Espero que seja bom e carinhoso como ela!

Na escola tenho dificuldade em ser um bom aluno, mas agora já não choro. -

-----

- Viva, o professor é bom! Faz-nos cantar as músicas da aldeia onde ele nasceu.

Ele gosta de colocar-nos para fazer ginástica. Eu também gosto muito! Assim, fico menos mal quando regresso à casa e não posso mover-me mais.

Que pena que fizemos apenas duas horas por semana!

O professor organizou um torneio de futebol juntamente com outras escolas primárias.

Quando perguntou quem gostaria de ficar na equipa, queria levantar a mão também... Mas não o fiz: a tia Adele não me deixa sair!

E, de certeza, nunca me acompanharia ao campo de jogo, que fica situado num outro bairro.

E também não tenho botas e nem o equipamento completo de futebol.

A tia Adele sempre deixa-me entender que se esforça muito para lavar a minha roupa.

Continua a repetir-me para eu ficar o mais limpo possível: acredito que nem tem vontade de lavar a meu uniforme!

Poderia perguntar ao pai se pode comprar-me as botas e o equipamento completo de futebol, e de dizer à tia Adele para lavá-lo.... mas como posso pedir-lhe? Nunca fala comigo, está sempre serio...

Ao professor disse que não tinha vontade de jogar...

Desta vez, porém, chorei! Fi-lo quando estava sozinho, sem que ninguém me viesse.

Gostaria muito de ir... seria belíssimo fazer parte de uma equipa de futebol...

Quando os meus colegas me contaram dos jogos, deu-me vontade de chorar, mas consegui aguentar.

“Porque eles podem ir e eu não posso?” -

- “Mãe, volta cá...

Mãe, se tu estivesses cá, eu também iria...” -

-----

- Hoje há o jogo mais importante, pois a minha turma joga com a equipa que está no primeiro lugar.

O professor pediu a quem não joga de ir torcer. Pedi à tia Adele para deixar-me ir pelo menos desta vez, mas: como sempre disse não.

Agora saíu para ir à casa da irmã: tenho vontade de chorar... e estou muito zangado com ela.

É uma mulher muito má! –

-----

- Também este ano passei: no ano seguinte irei para o segundo ciclo.

Devo ficar atento para a tia inscrever-me... É capaz de fingir que se esqueceu, assim como fez com Susan...! -

- O pai ficou muito contente quando lhe disse que passei de ano, e manteve a promessa feita: dar-me de presente um equipamento completo de futebol.

Veio buscar-me à casa da avó, e juntamente fomos numa grande loja de desporto, no centro da cidade.

Subi feliz no belo carro dele, e fui ainda mais contente quando vi o pai feliz e que me deu um beijinho.

Desta vez, enquanto guiava, sorria. Assim pude olhá-lo sem ter medo: é tão bonito e forte!

Também ele é grande e forte como os meus tios. Ele tem os cabelos pretos, sempre limpos, penteados para trás, e põe em cima um creme para torná-los brilhantes.

O pai quando não trabalha, sempre está muito bem vestido.

Veste a camisa branca, a gravata, e coloca um lenço branco no bolso do peito do casaco.

Os sapatos são sempre novos e mesmo brilhantes.

Quando lhe dou beijos no rosto, sinto a sua pele bela e lisa, sem barba e toda perfumada. Parece mesmo uma pessoa importante e rica!

Logo que entramos na loja, um senhor veio ao nosso encontro, e o pai disse-lhe:

“Quero um equipamento completo de futebol para o meu filho, pergunte para ele qual ele gosta”

Nem parecia verdade! Era a primeira vez que não dizia o que tinha que fazer!

Nem conseguia escolher o equipamento:

“A camisola da minha equipa ou aquela de uma equipa importante?”

O senhor mostrou-me muitas. A final, escolhi aquela da equipa que ganhou mais torneios, e que Susan também gosta. Assim ela também ficará feliz.

E os meus amigos também irão gostar, pois todos falam dessa equipa tão forte.

Quando o experimentei, senti logo que me tornava mais bom no futebol...

Depois o pai disse ao senhor de dar-me mais um equipamento igual, para poder trocar, e as botas. Não acreditava! E depois quando me deu também uma bola de couro, parecia-me de sonhar.

Enquanto experimentava o equipamento, o pai continuava a falar com o senhor da loja.

Ele fala muito com todas as pessoas, mesmo sem conhecê-las. Mas era a primeira vez que o ouvi falar de si próprio.

Contou que quando era pequeno, nunca teve algo, e ninguém lhe deu algo de presente.

No fim disse:

“Agora faço tudo para os meus filhos, e procuro dar-lhes tudo o que posso.”

Quando ouvi isso, o coração começou a bater forte: mas então o meu pai quer-me bem e quer bem à Susan também! -

- Dave, tu disseste-me! Eu nem acreditava... devido a todas as coisas que te contei... -

*- Veja, Steven, é muito difícil entender o que se passa no coração de uma pessoa!*

*Por esta razão, nunca podemos julgar as pessoas.  
Não sabemos o que aquela pessoa viveu, se sofreu, se foi amada  
ou não, o que não tem tido e o que não consegue expressar. -*

- Sim, tens razão..., fiquei feliz em ouvir o pai dizer aquelas coisas!

Porém, logo a seguir, senti-me triste, e não percebia porquê.  
Depois, em casa, quando fiquei sozinho, entendi que teria gostado que aquele discurso fosse dirigido antes de todos a mim.  
Porque, antes de dizer-me, foi contá-lo a alguém que nem conhece?

Porque o pai nunca me disse:

“Steven, quero-te bem?”

Porque nunca me segurou nos seus braços? Nunca me contou dele e da minha mãe? -

*- Steven, há coisas que deixa-nos sentir que somos amados.  
Chamam-se ‘expressões de amor’.*

*Podem ser palavras, carinhos, beijinhos, sorrisos, abraços.*

*Podem ser ações com as quais cuidamos da pessoa que amamos,  
ajudando-a e tornando-a feliz.*

*Quando uma criança não recebe essas expressões, não vê estas  
ações, sente não ser amado, assim como aconteceu contigo e  
com o teu pai.*

*Este é o sofrimento maior que pode existir porque para todos os  
homens grandes e pequenos, o amor é a coisa mais importante  
de todas e ele é indispensável para se poder viver felizes.*

*Esses sofrimentos são tão grandes que fazem surgir muitos  
medos, fazem sentir-nos inseguros, francos, e muito mais.*



*Quando ficamos adultos, sente-se vergonha de sentir-se assim. Então esconde-se o que se sente, de mil formas, também fingindo ser fortes e seguros.*

*E fica-se com tanto medo de sofrer novamente que se recusam todas as expressões de amor, mesmo querendo-as muitíssimo. E mais, para as mesmas razões, nem se consegue dá-las.*

*Ao teu pai aconteceu isso. Tenta entender, ele quer-te bem.*

*Agora percebes que a força maior é aquela do coração, aquela que faz-nos dar e receber as expressões de amor, que ajuda a dizer todas as coisas que sentimos no coração, que chamamos emoções. -*

- Porém Dave, eu mesmo não recebi todas estas coisas, as expressões de amor, como tu as chamas, mas mesmo assim eu conto-te tudo o que sinto no coração. E também digo a minha avó que lhe quero bem! -

- Sim, tens razão. E és muito bravo em fazê-lo.

*Mas, lembra que, também tu, tens medo de dizer aos teus amigos, ao teu pai, e à professora, as coisas que contas para mim e para a mãe... vê que nem sempre é fácil, Steven...*

*Mas agora, não fiques preocupado: devagar ajudar-te-ei a fazê-lo sempre com todos.*

*E quando o teu coraçãozinho estiver cheio de amor, saberás fazê-lo muito bem. -*

-----

- Este ano iniciei o segundo ciclo.

A escola é a mesma de Flavius. Fica longe de casa, para chegar lá preciso de quase uma hora.

Fico contente que a escola fique longe, assim cruzo toda a cidade e vejo tantas pessoas e todas as lojas mais lindas.

O primeiro dia fui juntamente com Flavius.

Pensava que assim fosse cada dia, mas, o segundo dia, Flavius disse-me que preferia ir com um colega de escola: já tinha combinado passar em casa dele.

Respondi-lhe que sabia do caminho e que podia ir sozinho.

Fingi que não fosse nada, mas dói-me muito que Flavius não goste da minha amizade.

Ele fala pouco comigo, e faz sempre mistério sobre tudo.

Nem na hora de comer, fala comigo!

Se estiver o meu pai, ele fica calado, como todos, as outras vezes fala apenas com a sua mãe. Eu tento falar com ele quando estamos sentados à mesa, mas ele não me responde, e nem a tia Adele. Assim fico sempre calado, mas sinto vontade de chorar... Apenas quando vamos dormir, conta-me sobre os jogos que fez à tarde com os amigos dele, e de quanto divertiu-se com os brinquedos que ele tem...

Eu não tenho brinquedos, nem amigos para brincar!

Eu e Flavius continuamos a vermo-nos pouco mesmo agora que frequentámos a mesma escola, porque ele regressa à casa em horários diferentes que os meus e, depois, como sempre, passa a tarde em casa da tia.

Já tinha percebido, faz algum tempo, que não quer ser amigo meu, porque nunca me perguntou de brincarmos juntos.

Agora já tenho a certeza: nem sequer quer ir à escola juntamente comigo!

Não sei porque não gosta de mim...

Nunca lhe disse algo mau, nem lhe fiz nada! -

*-Nem sempre, Steven, quando uma pessoa não fica connosco é porque não quer ser nosso amigo ou recusa-nos.*

*Podem existir outras razões que a pessoa não pode dizer-nos ou dos quais sente vergonha de falar.*

*Quando não sabemos a verdade é melhor não imaginar nada porque pode-se sofrer ser razão ou pode-se dar a culpa a quem não tem responsabilidade.*

*Não fiques mal com Flavius, ele quer-te bem mesmo que não o demostre. -*

-----

- Na escola está tudo novo: colegas novos, muitos professores, e muitas coisas para estudar. Mas já não tenho muito medo.

Na sala estou sentado no ultimo banco, porque assim posso falar mais, e fica mais fácil copiar os exercícios dos meus colegas.

No boletim escolar do primeiro trimestre os professores escreveram que sou um pouco indisciplinado.

Lamento que escreveram isso, porque gostaria de fazer feliz o pai, a avó e os tios, mas não consigo ficar quieto.

Há um tempo sinto-me muito nervoso e não sei o que fazer –

*- Estás a crescer, Steven. No teu corpo vão mudando muitas coisas, e isso põe-te irrequieto e um pouco esquisito.*

*Também no coraçãozinho podes sentir sentimentos confusos. -*

- Verdade, Dave, e tenho um pouco vergonha em contar-te.  
Estou confuso: sinto que quero bem ao pai, mas ao mesmo tempo estou zangado com ele. Tenho muita raiva da tia Adele! Porém, não quero falar disso agora... estou mal e tenho vontade de chorar...  
Estou cansado de chorar! -

*- Eu sei, Steven. Sabes que quando quiseres sempre estarei pronto para ouvir-te.  
Tenta não colocar nada no coração que te faz estar mal porque depois, aquelas coisas tornam-se maiores e criam problemas. -*

-----

- Susan trabalha numa fábrica de calças, numa aldeia longe de casa.  
Vai de bicicleta logo cedo, quando ainda é noite e está frio, e vai até à estação, onde apanha um autocarro que a leva até à fábrica. Ela não está bem: está pálida e ficou mais magra.  
À noite regressa tarde do trabalho, janta de pressa, e logo vai para o seu quarto.  
Mesmo que ficando bem, limpa o seu quarto e lava as coisas dela.  
Ela e a tia Adele nem se olham.  
De vez em quando brigam, porque a tia quer que ela faça também a limpeza da casa.  
Então, Susan desata a chorar e fecha-se no quarto.

A tia é mesmo má! Não lhe chega que a Susan limpa o seu quarto, lava e passa a ferro a sua roupa, prepara a comida, depois de trabalhar o dia inteiro!

Gostaria de ajudar a Susan e dizer-lhe que lhe quero bem, mas, quando brigam, eu também fico mal, e fico com ainda mais medo da tia Adele: depois da briga, volta para a cozinha mais séria e silenciosa que nunca! –

-----

- Faz algum tempo, as vezes à noite, vou ao quarto da Susan e falo com ela.

Foi a Susan a pedir-me e logo eu fui, mesmo se tinha medo da tia.

Susan é muito carinhosa, mesmo que não esteja bem.

Muitas vezes faz-me carinho como se fosse uma mãezinha, e dá-me também beijinhos. Diz-me que me quer muito bem e que gostaria de ver-me feliz.

Recomenda-me de dizer-lhe sempre se a tia Adele fizer algo que não esteja correto.

Antes de sair do seu quarto, trocamos beijo de boa noite.

Uma noite disse-me:

“Steven, não te preocupes se me vires chorar.

Tenho muita falta da mãe...!

Sinto-me sozinha: o pai nunca fala comigo! Nunca me segurou nos seus braços, nunca me deu mimo.

Também eu, como tu, gostaria que nos falasse da mãe, que ficasse um pouco connosco.

Ele sabe que a tia Adele não se comporta bem connosco, mas não lhe diz nada!

Ele deveria proteger-nos, é o nosso pai!

É isso que me põe zangado com ele”

Não sabia o que dizer-lhe e tinha vontade de chorar.

Ele abraçou-me bem apertado...

Ficamos a chorar os dois, abraçados.

Depois que saí, senti vontade de chorar novamente...

Quanto seria diferente se a mãe estivesse connosco...!

Tenho muito medo que Susan fique doente e morra, assim como com a mãe! -

- “Mãe, ajude-nos! Faça que a Susan não fique doente... ajuda-a a ficar melhor.

Imploro-te, mãe, ajude-nos!” -

-----

- Muitas vezes quando saio do quarto da Susan, tenho mesmo vontade de chorar e gostaria de ir no meu quarto e ficar um pouco sozinho

Mas tenho que fingir que não se passa nada e voltar para a cozinha e olhar a televisão, até não chegar a hora de ir dormir.

A tia Adele é muito séria: tenho tanto medo que me repreenda, que até prendo a respiração!

Susan, depois de um tempo, volta para a cozinha para preparar a massa do almoço do dia seguinte para levar à fábrica.

Fica lá, de pé, sem falar, virada ao fogão.

Olho para ela com o canto do olho: logo sinto um nó na garganta.

Em pouco tempo a massa está pronta e Susan põe-na numa marmitta de metal, passa à nossa frente de cabeça baixa, triste, e silenciosa e vai deitar-se.

A nossa família não é uma família!

“Porque o pai não nos deixa viver sozinhos, eu e a Susan?”

Seria melhor para todos, e nós dois ficaríamos finalmente em paz.

Susan sabe fazer os afazeres de casa e também de comer, eu a ajudaria. Depois iria rapidamente aprender a fazer tudo eu mesmo.

Tenho a certeza que eu e ela seríamos capazes de cuidarmos de nós, e até muito bem!

Se o pai não quer estar connosco, que fique com a tia e Flavius, tanto pelo pouco que o vemos... -

*- Steven, não te zangues assim com o pai. Ele quer-vos bem e não pode deixar-vos viver sozinhos, são ainda demasiado jovens.*

*Sei que sofres pela Susan.*

*Quando puder, fique com ela e diga-lhe que lhe queres bem.*

*Dá-lhe mimo, e dá-lhe uns beijinhos.*

*E depois, reza pela mãe, como já fazes. Peça ajuda ao teu amigo Anjo também.*

*Nunca vá dormir zangado, Steven. É uma coisa que faz mal ao coraçãozinho.*

*Fala com a tua mãe, com o teu amigo Anjo, e peça a eles para ajudar-te a dormir sereno. -*

-----

- Na escola estou no limite da suficiência. Não tenho mesmo vontade de estudar!

Estou a conhecer caminhos novos, e assim descobri que a minha cidade é linda, tem grandes parques, com muitas árvores e prados, e isso faz-me feliz.

Gosto de ver também os monumentos, os cinemas, os bares, as lojas: fico bem no meio das pessoas!

Três vezes por semana tenho aula até à uma hora e regresso à casa às duas horas.

Assim a tarde passa mais depressa. Ainda não tenho permissão para ir brincar ou dar uma voltinha...

Não entendo mesmo a tia Adele!

Para ela sou suficientemente crescido para ir à escola sozinho, mas não sou tão crescido para ir brincar no pátio ou dar uma voltinha nos arredores...

É mesmo má comigo!

Estou ansioso para o sábado chegar, para levarem-me à casa da avó.

Logo eu que chegue, jogo futebol com os meus amigos.

Com eles passam até os nervos.

O pai dá-me quase sempre um dinheirinho e, quando não o faz, a avó faz.

Agora, aos domingos à tarde, vou dar voltas com os meus amigos.

Subimos na bicicleta e vamos aos bares das aldeias vizinhas a brincar matraquilhos e a ouvir as músicas dos Jukebox.

O pai sabe o que faço e deixa-me.

Então porque não diz à tia para deixar-me sair quando estou na cidade também?

Não entendo ele mesmo!

E até, ele não falar comigo, nunca o entenderei! -



-----

- Também Susan vai na avó a cada sábado. De vez em quando, no inverno, entra no carro comigo e o pai.

Quando ela está connosco, o pai fica ainda mais sério e não falamos nem uma palavra.

Susan apenas cumprimenta o pai e nunca olha para ele.

Eu sinto raiva, porque o pai continua a agir como se nada fosse.

Ele sabe muito bem que eu e a Susan, juntamente com a tia Adele, estamos cada vez piores.

Gostaria de lhe dizer muitas coisas, mas o pai dá-me medo, assim fico calado, e às vezes ainda lhe dou um sorriso -

-----

- Hoje na escola o meu colega convidou todos à sua festa de aniversário.

Eu fiquei vermelho, não sabia o que dizer... não quero dizer-lhe que tia Adele não me deixa sair.

Ele nos contou que a sua mãe irá fazer muito doces saborosos, e que haverá também surpresas.

Ele já sabe que lhe dão de presente um comboio elétrico.

Não conseguia continuar lá, escutando aquelas coisas... e fugi para a casa de banho a chorar...

Ninguém lembra de mim quando faço os anos! No dia do meu aniversário!

Nunca me fizeram uma festa.

Nunca recebi um presente.

Ninguém ao menos dá-me parabéns! -

- “Mãe, porque ninguém lembra que também eu faço os anos?  
Nem o pai! Todos esquecem-se de mim!” -

-----

- Há alguns meses que Susan não vem connosco no carro quando vamos na casa da avó.

Se estiver frio, apanha o autocarro, se o tempo estiver bom, vem de bicicleta.

Cá, na casa da avó, fica um pouco melhor e ainda a vejo sorrir muitas vezes.

Também vai ao cinema com a tia da minha amiga Wilma.

Ontem à tarde, enquanto eu estava no bar a jogar matraquilhos, a vi passar juntamente com um rapaz, e de mãos dadas.

Acredito que seja o seu namorado, apesar que ela não me ter dito nada.

Mas ela está diferente, mais tranquila e melhor.

Estou muito feliz por isso, e também estou contente que arranjou um namorado.

- Espero que lhe queira bem!

-----

- A semana passada a avó pediu-me para ir com ela, numa cidade perto, porque deve ir ao médico para fazer uma consulta ao coração.

Fiquei muito surpreendido quando me disse que iria conosco também a tia Adele...

A avó está preocupada porque Susan está novamente doente, e agora quer falar disso com a tia Adele.

Então penso que acontecerá amanhã, quando formos embora juntos.

Fomos para a consulta médica de táxi, que nos deixou em frente do ambulatório.

Antes de entrar, fomos a um jardim lá perto.

A avó pediu-me para ir dar uma voltinha.

Entendi logo que queria falar com a tia sozinha! Disse-lhe que sim, mas não me afastei muito, assim consegui escutar aquilo que estavam a falar.

A avó Celestine disse à tia, acerca Susan e eu, e pediu-lhe para compreender-nos, de querer-nos bem, de ter paciência porque somos novos.

Falava devagar, docemente, como quando fala comigo e com Susan, e estava muito tranquila.

Estava à espera que tia Adele se zangasse e levantasse a voz. Pelo contrário, ficou tranquila e escutou a avó de cabeça baixa. Depois, a avó foi à consulta. Quando voltou, começou a falar com a tia até o táxi chegar.

Acompanhamos até a casa a tia Adele, que nos cumprimentou com um sorriso.

Milagre...!

Depois voltamos à casa da avó.

Logo que o táxi arrancou, ela me abraçou forte e deu-me um beijo.

De certeza estava contente por ter falado com a tia e de como ela reagiu.

Ah! Esperamos que sim!

Não acredito que a tia Adele se torne boazinha! -

-----

- O ano letivo acabou, fui chumbado em apenas uma disciplina: matemática.

O pai disse-me de procurar uma professora, perto da morada da avó, para me preparar bem para o exame de recurso de setembro. Finalmente pensa um pouco em mim!

A avó Celestine me deu o endereço da professora e eu logo fui lá.

Penso que o pai me deu o dinheiro para as explicações devido a todos os discursos que a avó fez à tia Adele...

Eu e Susan temos sorte em ter uma avó que nos quer tão bem!

A professora que me dá explicações é uma rapariga nova.

Ela vive com a mãe e com o pai, numa casa no meio de campos de trigo, cheio de papoilas, não muito longe da casa da avó.

Gosto muito de estar com ela, porque ela é muito boa e paciente.

Explica-me tudo muito bem e repete até eu não entender.

Sinto que me quer bem e que quer ajudar-me, porque a explicação tem 2 horas, mas ela fica comigo e me ajuda, até eu terminar os exercícios que ela me passa, também se as duas horas se esgotarem.

Tornei-me bom, e agora até divirto-me em fazer os exercícios.

A professora diz-me sempre que sou bom e inteligente.

Estou contente de poder ir as explicações! -

-----

- O verão está quentíssimo e estou a divertir-me muito.

Com os amigos estamos a fazer jogos de futebol, no campo a frente da igreja.

Este ano fizemos um novo jogo, chama-se pólvora.  
É um jogo proibido, pois é um pouco perigoso, mas o estamos fazendo no campo aberto, onde não há pessoas.  
Dois dos meus amigos trazem a pólvora, um pó cinzento que estoura.  
Eu e os outros trazemos latas, e frascos de latas ou ferro.  
Cavamos buracos grandes para as latas, e buracos pequenos para os frascos.  
Colocamos nos buracos o pó cinzento, acrescentamos um pouco de água e colocamos-lhe lume.  
A pólvora, estourando, faz voar as latas e os frascos: parecem foguetes!  
Fazemos competições a quem conseguir mandá-los mais alto, mas também gostamos de ouvir o estrondo fortíssimo.  
Às vezes, chega o camponês, gritando.  
Depressa, todos pulamos em cima das bicicletas, e fugimos, mas nunca esquecemos de buscar a nossa bolsinha de pólvora...  
Depois, vamos brincar em um outro campo e deixamos passar dias antes de voltar lá. -

-----

- Vejo sempre Susan juntamente com aquele rapaz.  
Domingo passado foi à festa do Santo Padroeiro da aldeia vizinha e os encontrei. Susan parou-me e me disse:  
“Steven, este é um amigo meu, chama-se George. Que achas se formos juntos ao jogo de dodgem?”  
Disse-lhe logo sim: gosto muitíssimo!

Ela entrou na carrinha com George, e eu numa outra, com um amigo meu.

Divertimo-nos muito.

Terminadas as moedas, saímos rindo.

Os agradeci e cumprimentei, e continuei a dar voltas na festa com os meus amigos. -

-----

- Como a cada ano, também este verão passou demasiado rápido...

Já está na hora de fazer o exame de recurso! Sinto-me preparadíssimo e estou tranquilo.

Voltei à cidade dois dias antes do exame.

O dia da prova escrita, fui à escola sozinho, como sempre!

Quando cheguei no pátio, vi que havia toda a malta que foi para o recurso e muitíssimos pais.

Senti um nó na garganta...

Como sempre, eu fico sozinho: sem mãe, sem pai, sem ninguém!-

- “Mãe, sinto tanto a tua falta.

Sofro sempre muito porque tu não estás, mas sinto ainda pior quando vejo os meus amigos e os colegas de escola com os seus pais.

Tenho uma grande vontade de chorar...

Também fico nervoso com o pai: nunca fica por perto!

Mãe, porque me deixas sempre sozinho? O que lhe fiz?

Faz-me sentir mais sozinho que um órfão!” -

- Senti um pouco as pernas a tremer de medo, mas aos poucos, passou e entrei.

Na sala sentei-me numa carteira nas primeiras filas.

Resolvi o exercício facilmente, que bom! Fui o primeiro da turma a terminá-lo.

Um colega, sentado na carteira atrás de mim, pediu-me para o deixar copiar. Devagar, movi a folha para deixá-lo ver melhor.

Incrível, nunca alguém tinha copiado de mim!

Estava seguro que o exercício estava correto, pois aqueles exercícios os tinha feitos muitas vezes nas explicações, com a minha professora.

Quando o meu colega acabou de copiar, entreguei a prova e sai da aula a rir-me: fui o primeiro a entregá-lo!

Estava felicíssimo e orgulhoso de mim.

Logo na saída, vi o carro do pai: não estava à espera!

Corri ao encontro dele feliz, mas vi que no carro estava também a tia Adele.

Seria melhor que ela não estivesse...

O pai perguntou-me:

“Steven, o que aconteceu? Porque saíste tão cedo?”

Todo contente e orgulhoso, contei-lhe como correram as coisas, e ele sorriu para mim satisfeito.

Enquanto entrava no carro, olhou para a tia Adele a sorrir e disse-lhe que estive muito bem! Ela não lhe respondeu, ficou calada, muito séria, olhando fixamente para frente.

Sei que ela está mal porque o Flavius chumbou para o segundo ano consecutivamente, mas ao não dizer nada, foi verdadeiramente má.

Ela estraga sempre tudo! Poderia ter ficado em casa!

E como sempre o pai fica calado. -

- Steven, não percas a felicidade deste dia ao reparar no comportamento da tia.

*Pense que o pai veio buscar-te e não estava à espera: foi uma surpresa bonita.*

*Seja feliz por isso e orgulhoso de ti.*

*Quando acontecem as coisas boas, devemos gozar delas, e não perder a felicidade por outras razões.*

*Lembre-se que a felicidade, as emoções e os sentimentos bonitos, devem ser protegidos, e não se deve permitir a nada e ninguém de estragá-los. -*

-----

- Passei, e todos me disseram que fui bom.

Naturalmente a tia Adele não o disse, e nem Flavius...

Quando regresssei à avó, fui agradecer a professora para ter-me ensinado bem.

Ela estava tão convencida que eu iria conseguir, que me esperava com um bolo. Fizemos festa juntamente com o seu pai e a sua mãe.

Enquanto estava sentado na mesa com eles, fiquei emocionado: não sabia mais o que dizer, senti que estava para começar a chorar...

Com dificuldade consegui reter as lágrimas, e, por um momento, ficou tudo em silêncio...

A mãe e o pai da professora deram-me as felicitações, e quiseram saber acerca do exame. Fiquei contente e orgulhoso de contar todo!



Depois, agradei-os por me terem feito a festa: foi a primeira vez! Enquanto os cumprimentava, a professora e a sua mãe me deram um beijo na bochecha e o seu pai me deu carinhos.

Subi na bicicleta e senti-me leve como uma pluma. Nunca tinha provado aquela sensação!

Não tinha vontade de voltar à casa, assim fui em baixo de uma alta árvore, perto do poço.

Deitei-me e olhei para o céu.

Ao imprevisto comecei a chorar em silêncio.

Tentei parar as lágrimas, mas desta vez não consegui, aliás aumentaram.

Comecei também a tremer, e assustei-me um pouco... -

- “Mãe, mãe, sinto muitíssimo a tua falta!

Agora entendo porque, em casa da professora, senti vontade de chorar...!

Pensava quão seria bonito fazer festa contigo, o pai e Susan...

Parecia-me ver-te a cortar o bolo e a dizer-me:

“Boa, Steven, estamos orgulhosos de ti, te queremos bem”

E depois todos juntos batíamos palmas e abraçávamo-nos felizes.

Mãe, mãe, venha para perto de mim! Deixe-me sentir-te, imploro-te mãe, sinto-me tão sozinho...!” -

- O choro durou um pouco. Depois, aos poucos, acalmei-me. Fechei os olhos e lembrei-me das tuas palavras, Dave:

“A tua mãe está sempre perto de ti, mesmo se não a vês.”

Parecia-me que estava verdadeiramente à minha beira, em baixo da árvore!

Voltei a abrir os olhos: não vi ninguém, mas não me sentia sozinho mais.

Depois, senti-me novamente leve, como quando subi na bicicleta.

Não entendo como podia sentir-me bem depois de ter chorado tanto... mas estava calmo, e regressei à casa tranquilo.

A avó, quando me viu a chegar, sorriu para mim e beijou-me. Que bom! -

*- Fico feliz Steven, que tu sentiste a tua mãe perto de ti.*

*Estava verdadeiramente lá. Foi o seu amor que acalmou o teu coração.*

*Estava à tua beira também quanto tu estavas a festejar a tua promoção com a família da professora.*

*Mas lá não a sentiste porque estavas rendido de tantas emoções, e de tudo aquilo que se falava.*

*É mais fácil sentir a tua mãe por perto quando há silêncio porque o teu coração pode sentir melhor o seu. Eis porque tu gostas muito do silêncio, desde pequenino, e tu gostas tanto da natureza.*

*Não reparavas, mas, naqueles momentos, sentias a tua mãe perto. Sentias o teu amigo Anjo, e todas as criaturas que vivem na floresta, no mato, entre as árvores e as flores.*

*Também há uma outra razão pela qual sentiste tão bem a tua mãe perto de ti: estavas a chorar...*

*As lágrimas esvaziaram o coração de tudo aquilo que te torna triste: dores, sofrimento, raiva, e outras coisas.*

*Quando o coração se esvazia de tudo isso, torna-se leve e, em lugar daquelas coisas, entram amor e alegria.*

*E então, fica mais fácil sentir a presença do Anjo e daquele que está perto de nós e quer-nos bem, mesmo se não conseguimos vê-los.*

*Quando o coração está assim, é mais fácil amar mais a todos. Os outros sentem isso e aproximam-se de nós, assim como aconteceu com a avó.*

*Não controla nunca as lágrimas!*

*Quando se sofre, chorar faz bem ao coração. -*

-----

- A escola recomeçou.

Chegaram novos colegas e entre eles está James.

É filho de um futebolista muito bom que este ano veio jogar na equipa da minha cidade.

O seu pai, cada manhã, acompanha-o à escola.

Quando os vejo chegar, fico a olhá-los... tenho um pouco de inveja do James, pois o seu pai fica sempre por perto dele e o abraça.

Sorri também para todos nós, e é muito atencioso. Há quem o pede autografo. Também eu tenho.

James é muito orgulhoso de ter um pai tão carinhoso e bom a jogar futebol.

James é um pouco diferente de nós, e não se tornou amigo de todos.

É o melhor da turma, e gosta de estar apenas com aqueles meninos bons como ele.

Eu não sou bom na escola, assim nunca poderei tornar-me amigo dele, e sinto muito com isso.

Ele e os rapazes mais bons, vão jogar juntos futebol todas as tardes.

Eu não poderia ir, nem que fosse seu amigo, pois a tia Adele ainda não me deixa sair.

James é verdadeiramente sortudo!

O seu pai ensinou-lhe a jogar futebol tão bem, que agora é o melhor de todos, também nisso.

Soube que o seu pai vai muitas vezes falar com os professores, também quando não há reuniões com os professores.

De vez em quando faço a comparação entre James e eu: como tudo é diferente para mim!

Não consigo mesmo entender porque o meu pai não é carinhoso comigo!

Entendo que, trabalhando longe, não pode acompanhar-me na escola como o pai de James, mas não acredito, que por esta razão não possa ir às reuniões com os professores.

Se nos dias fixados, se encontra fora da cidade, poderia ir em outros momentos, como faz o pai do James.

“Pelo menos uma vez por ano poderia fazê-lo, não é?!”

Sempre foi assim, desde as Primárias.

Devo mesmo aceitar que nunca irá a escola, nem que se interessará em saber como vão os estudos!

Quando penso nisso, aumenta a vontade de ter ele por perto, que me abrace, que seja um pouco carinho comigo.

No coração sinto tantas coisas, tristeza, vontade de chorar, nervos. Mas a coisa maior, é o medo. Tenho tanto medo dele, tanto medo do seu silêncio e do olhar sério dele!

Depois sobem-me os nervos, porque nunca me fala da mãe.

E quando sinto todas estas coisas, tenho ainda mais saudades da mãe... -

- “Mãe, mãe, ajuda-me, estou mal, sinto-me agitado, estou nervoso.

Gostaria de dizer ao pai que tenho tanto medo dele e que tenho sempre mais.

Estou zangado com ele: deixa-me sempre sozinho... nunca me fala de ti!

Os meus amigos contam-me tudo o que fazem e dizem aos seus pais.

Por que é que eu não posso fazê-lo? Porque nunca está comigo?

Porque nunca me fala?

Porque nunca é carinhoso comigo?

Mas que pai é esse?

E estou cansado de tudo aquilo que a tia Adele me faz. Tenho vontade de dizer-lhe muitas coisas...!

Mãe, não gosto de sentir-me assim!

Não tenho coragem de dizer estas coisas nem a Dave: dá-me demasiada vergonha...

Mãe, ajuda-me!” –

-----

- As notas do primeiro trimestre estão cheias de insuficiências, um desastre!

Enquanto a mostrava a pai, tremia de medo: a assinou sem falar, mais sério que nunca!

Os professores pediram uma reunião com os pais.

A tia Adele foi lá!

Mas eu não sou o filho dela! Devia ir o pai, não ela!

E também tive que acompanhá-la!

Fizemos o caminho em silêncio, eu à frente e ela de atrás.  
Uma vez chegados na escola, ela entrou e eu a esperei fora.  
Quando saiu, disse-me que ando muito mal e que irá dizer tudo ao pai.  
Qual novidade! O que serviu de ela ter ido? Apenas para fazer-me sentir pior.  
Está difícil fazer qualquer coisa com ela: é fria como um sincelo...  
Vê-la sempre de cara feia, faz-me sentir mal, e me faz prender a respiração.  
Naturalmente regressamos à casa em silêncio, eu à frente e ela atrás.  
Estava à espera que o pai me desse um sermão, mas mais uma vez não falou.  
Assim agora estou ainda pior e tenho ainda mais medo!  
Mas o que posso fazer eu se na escola sinto-me sempre agitado pelo medo de ficar mal visto, e porque me sinto tão sozinho?  
Em casa ninguém me ajuda!  
Mas ele deu-se conta que quando a professora me ajudou, tornei-me bom!  
É ele que não quer ajudar-me e não se interessa por mim!  
“O que eu faço sozinho?” -

*- Não zangues com o pai, Steven, e não fiques com tanto medo dele, nunca machucar-te-á porque quer-te bem, mesmo que não consiga dizer-te.*

*Sei que está difícil acreditar, mas é assim! Seja paciente!*

*É normal que sozinho não consigues.*

*Não é tua culpa se na escola não consegues ficar atento e está tão difícil estudar.*

*Quando alguém está mal, da mesma forma que tu estás mal, é normal ter dificuldade e não conseguir estudar.*

*Tu és um rapaz bom e inteligente.*

*Entendo-te, e sei o quanto te faz estar mal isso todo.*

*Conheço todas as coisas que tens no coraçãozinho, também aquelas que não me contas.*

*Quero-te tanto, tanto bem. Força, Steven, peça à tua mãe para ajudar-te.*

*Não esqueças que ela está perto de ti e sempre te ajudará. -*

-----

- A semana passada, George, o amigo de Susan, veio em nossa casa e falou com o pai.

Disse ao pai que gosta muito da Susan e que queria ser seu noivo.

O Pai estava à espera dele, porque Susan o tinha avisado.

Respondeu-lhe que estava contente do noivado e que poderia vir ter com ela quando quisesse.

George ficava pouco tempo na nossa casa, apenas o tempo para Susan arranjar-se.

De vez em quando ficavam um pouco comigo.

Eu esperava que, agora que tinha um namorado que a amava, Susan estivesse contente e não adoecesse mais.

Ao contrário, há pouco tempo, desmaiou de repente, e frequentemente, tem que voltar à casa do trabalho.

A tia Adele nem fala com George, diz apenas bom dia e boa noite. Logo, continua a dar voltas em casa, simulando de estar a fazer as tarefas domésticas.

Assim, enquanto George espera que Susan fique pronta, fala comigo na cozinha.

Também ele gosta muito de futebol e, quando pode, joga na equipa da sua aldeia que fica próxima à da avó Celestine.

Disse-me que trabalha longe e por essa razão vem visitar Susan apenas no fim de semana, mas já pediu ao seu empregador de transferi-lo para a nossa cidade.

Quando está pronta, Susan vem ter connosco na cozinha. Então a tia Adele desaparece no seu quarto e não aparece, até Susan e George saírem.

Ficam pouco comigo, porque eles também não se sentem bem em casa olhando a tia Adele sempre com a cara feia. Assim preferem sair.

Agora, é o George que acompanha Susan em casa da avó, cada sábado à tarde.

Lá, permanece muito mais tempo comigo.

Ficamos amigos e falamos de muitas coisas.

Estou tão feliz que Susan arranjou um namorado tão bom e simpático. -

-----

- George deu de presente à Susan um lindíssimo casal de “Mandarins”: são pássaros muito pequenos, completamente brancos, com o bico alaranjado.

Susan, toda contente, levou-os ao seu quarto, numa linda gaiola azul.

Logo que George saiu, chamou-me para me mostrar: estava felicíssima!

Disse-me:

“Agora sim tenho companhia todas as noites, até George voltar.”



Na noite seguinte, tia Adele disse-lhe:

“Estes pássaros fazem muito barulho em casa, têm mau cheiro: ou tu os levas, ou eu trato disso...!”

Susan começou a gritar.

Nunca a vi tão zangada! Também a tia começou a gritar, e bateram as portas tão forte, que pensei que iam cair abaixo.

Fiquei apavorado: fiquei inerte na cadeira da cozinha, sustendo o folego...

Fiquei mal e fiquei mais ainda quando vi Susan chorar desesperada, gritar sozinha, e fechar-se à chave no seu quarto.

Já fazia tempo que não brigavam assim, pois ambas sempre tentam evitar-se.

Fui para cama com um nó na garganta: fiquei acordado a noite toda...

Os pássaros foram para baixo, no armazém, na escuridão, e não cantam mais.

Susan disse-me que, quando George voltar, deverá devolvê-lo a ele.

Cada noite, sinto Susan regressar com a sua bicicleta que deixa no armazém.

Agora, sobe em casa tarde: fica a fazer companhia aos seus pássaros! –

- “Mãe, porque a tia Adele fica desta forma connosco?”

Não fizemos nada a ela...

Susan nunca a incomoda, faz tudo sozinha...

Repara que não está bem, porque é tão cruel com ela?

Mãe, socorro, o que fazemos cá, nós dois sozinhos?

Faça algo mãe, imploro-te.

Não podemos mais viver nesta casa: a tia é má, o pai nunca nos defende!

Mãe, mãe, ajuda Susan de qualquer forma. Fico tão mal em vê-la chorar sempre e brigar com a tia.

Nem George consegue ajudá-la! Ajuda-a tu, mãe, imploro-te!” -

-----

- Hoje na escola voltou a professora de italiano, que ficou ausente por duas semanas.

Estava muito triste, tinha os olhos inchados de tanto chorar.

Cumprimentou-nos com um fio de voz.

Nós, a cumprimentamos, e depois, ficamos todos calados: doía vê-la assim e não sabíamos o que fazer.

Depois de um tempinho, disse-nos que ficou em casa por muito tempo porque o seu pai suicidou-se.

Ficamos abalados! Ninguém falava.

Chorando, contou-nos que viu o pai morto, e nos comentou como ele ficou.

Não consigo repetir as coisas que ela os disse... são demasiado feias!

Nem queria ouvi-las!

Quando ouço falar de morte, de pessoas a sofrer, sinto o coração que me pulsa forte e começo a sentir-me mal.

Acontece o mesmo quando vejo pessoas a brigar ou a baterem-se.

Quando na rua, vejo um acidente, fujo.

Mas hoje, na sala, não podia fugir!

Então, tentei não ouvir o que a professora contava, mas não consegui.

Estava muito mal, sentia-me agitado: não queria que os meus colegas reparassem.

Não sabia mais o que fazer, até pensei em fugir para a casa de banho, mas, no entanto, a professora acabou de falar.

Olhava para os meus colegas para reparar se também eles estavam mal, mas não parecia, ou, talvez, alguém tem receio de mostrá-lo, como eu.

Dave, porque a professora contou-nos aquelas coisas tão feias e tristes?

Poderia ter dito apenas que o seu pai morreu!

Não pensou que podíamos ficar mal? -

*- Caro Steven, quando uma pessoa sofre assim tanto, como está a sofrer agora a tua professora, ou fica abalada devido a um acontecimento, pode comportar-se de forma diferente de como se comportaria normalmente, e pode até dizer coisas, sem se dar conta.*

*Isso quer dizer: reagir à dor, ou ao medo.*

*Pode-se reagir de diversas maneiras: não falar no assunto, ou tocar nisso de forma continuada, chorar muito ou não conseguir fazê-lo, zangar-se com todos ou ficar com medo.*

*Um consegue falar apenas com quem ama, outro apenas com pessoas desconhecida.*

*A tua professora quer-vos bem, e sentindo o vosso amor, abriu o coraçãozinho, porque o amor faz abrir os coraçãozinhos. Estava tão mal que não pensou na vossa idade.*

*Ela sentiu que falando nisso ficaria melhor.*

*De facto, se se conseguir chorar, falar, gritar também, liberta-se o coração e depois sente-se melhor.*

*Assim, aos poucos, melhora-se da dor porque a dor ou os sustos criam ferimentos no coração que devem ser curados com amor e compreensão.*

*Hoje tu e os teus colegas curaram um pouco o ferimento que tem no coração da professora, por tê-la escutado em silêncio, por ter mostrado que vocês a querem bem e que vos doía vê-la a chorar.*

*Pensa que coisa grande vocês fizeram!*

*Steven, meu rapaz, nunca fiques envergonhado por sentir mal quando alguém sofre ou vê coisas que provocam dor.*

*És muito sensível e bom, e sei que desejas ver todos serenos, felizes e que se querem bem.*

*Também és muito jovem, já sofreste muito e ainda estás a sofrer. Por essa razão, agora não queres mais ouvir falar de dor ou ver outras pessoas a sofrer.*

*Sentes que o teu coração está já cheio de dor, e isso põe-te a sentir ainda mais o sofrimento dos outros.*

*Mas um dia esta tua grande sensibilidade, este sentir tanto as dores das pessoas, tornar-se-á num grande tesouro do qual ficarás contente e orgulhoso.*

*Com este tesouro saberás compreender muito mais o que se passa nos corações que encontrares. Assim saberás ajudá-los de modo especial, nem que for através de ouvi-los com amor.*

*E estas pessoas, ao sentir que podes entendê-las muito bem, irão abrir o seu próprio coração.*

*Tornar-te-ás para elas um amigo muito importante, e serás muito feliz para isto.*

*Agora, conta tudo a mim e à tua mãe que ela a partir do Céu ouve-te, ama-te e protege-te. -*

-----

- Susan está a sentir-se mal, não consegue ir ao trabalho, porque está sempre muito cansada.

Agora vive na casa da avó, não volta mais para casa durante a semana.

O médico que a visitou, disse que deve descansar por causa de esgotamento...

Assim decidi ficar na casa da avó até melhorar.

Penso nela continuamente, e mal espero o sábado chegar para poder vê-la.

Fica na cama quase todo o dia, toma muitos remédios, e dão-lhe duas injeções ao dia.

A avó e os tios ficam muito preocupados, e tentam não a incomodar.

Vê-la quase sempre de cama, dá-me vontade de chorar.

Não sei o que posso fazer para ela... dou-lhe beijinhos, faço-lhe carinhos no rosto, mas não sei o que dizer.

Quando estou lá, não tenho vontade de voltar para casa.

Tenho muito medo que Susan morra!

Não disse a ninguém que tenho este medo.

No domingo à noite, quando o pai foi buscar-me, ele entrou em casa. Entrou todo sério, murmurou um “olá”, sem olhar na cara de ninguém.

Não sei porque não fala e não é cortês com a avó e os tios...

A avó cumprimenta-o e depois volta aos seus afazeres.

Também os tios, se estão em casa, fazem como ela.

É um momento muito feio para mim, porque quero bem a todos.

Faz-me mal ver que se cumprimentam assim, sem se olharem, e sinto logo cortes na barriga.

O pai vai direto ao quarto da Susan, e pergunta-lhe:

“Olá Susan, como te sentes?”

Ela, sem olhar para ele, responde sempre da mesma maneira:

“Um pouco melhor”

Depois de alguns minutos de silêncio, o pai despede-se e sai. Eu sigo-o, e regressamos à casa, em silêncio! -

-----

- Depois de chumbar pela segunda vez, Flavius não frequentou mais a escola.

Agora vejo-o menos, porque vai trabalhar numa oficina de electricista de automóveis, aqui perto.

Quando volto da escola ele já foi trabalhar, e, muitas vezes, apenas volta para dormir, porque janta em casa da tia dele.

Como sempre, a tia Adele passa todas as tardes em casa da sua irmã.

O pai viaja sempre longe com o camião e fica fora de casa até por quinze dias.

Assim, passo todas as tardes com a tia, sem dizer uma palavra.

Felizmente liga sempre a televisão...! -

-----

- Não tenho mais vontade de estudar, não aguento mais!

À tarde, logo depois da tia sair, fecho os livros porque sinto-me mal.

As tarefas de casa nem os olhos!

Como sempre, passo a tarde toda a jogar futebol sozinho, com a minha bolinha feita com o lenço.

Assim, passa-me a tristeza e os nervos. -

-----

- Na escola estou a sair-me mal na participação nas aulas e nas provas escritas.

Os professores dizem que sou preguiçoso.

O professor de francês, quando erro, goza comigo, e os meus colegas riem-se de mim.

Eu fico muito mal, mas faço como se nada fosse.

Eu e os rapazes que como mim, não são bons, sentamo-nos nas carteiras ao fundo da sala.

Rimos e brincamos muito.

Os professores chamam-nos atenção, e, uma vez, colocaram-nos para fora da sala. -

-----

- Ontem aconteceu uma coisa tão feia que ninguém queria acreditar.

Morreu Gerard, um nosso colega de turma.

Os professores disseram-nos que estava doente há muito tempo, mas nenhum de nós sabia.

Ficava sempre um pouco pálido, mas ria e brincava com todos, e não era excluído da disciplina de educação física.

Os professores diziam- nos que estava ausente devido à gripe, mas não era a verdade: tinha uma grave doença de sangue. Na turma há um grande silêncio. Ficamos todos tristes e um pouco abalados. -

*- Steven, não te apavores. Pensa que agora Gerard está no Céu, e não sofre mais. Lá está feliz e continua a querer-vos bem. Pensa nele desta forma e fique sereno. -*

-----

- Susan decidiu viver em casa da avó: nunca mais voltará para casa comigo.

Disse-me hoje, logo que cheguei.

Chorei desesperado entre os seus braços, ela chorou também, apertando-me forte.

Chegou a avó e abraçou-nos forte.

Com doçura, disse-nos:

“Meus pequenos, não chorem assim. Eu e os tios queremos-vos muito bem. Verão que tudo vai logo ficar bem, e depois ficaremos felizes juntos.”

Susan, enquanto chorava, acrescentou:

“Steven, dói-me não ficar consigo, mas, se voltar à casa, não irei melhorar nunca, pois a tia faz-me sentir muito mal.

Agora deves ser forte. Porta-te bem! Continua a ir para escola, tens que terminar o primeiro ciclo porque é muito importante.”



Entendo a minha irmãzinha, mas fico desesperado! Agora à noite não a verei mais, não poderei falar com ela, não lhe darei mais o beijinho de boa noite.

Esperava muito que voltasse logo para casa!

“O que faço sem ela? Sinto-me cada vez mais sozinho!

Mas o que faz o pai, porque permite à tia Adele de fazer-nos tão mal?

Porque não a repreende, e não a manda embora?

Porque nós os dois que nos queremos bem, temos de nos separar por sua culpa?

Ela é uma mulher má! É uma bruxa!” –

- És sempre assim pai, nunca nos defendes, não nos queres bem. Eu não estou apenas nervoso contigo, mas estou muito, muito zangado! –

- “Mãe, ajude-nos! Faça algo...

Existirá uma maneira para eu e Susan não nos separarmos!

Fale com o pai, te imploro mãe. Diz-lhe de mandar embora aquela mulher. Também eu não consigo estar lá com ela.

Socorro mãe, não me deixes assim sozinho.” -

-----

- Faltam ainda alguns meses para a escola terminar, mas já tenho certeza que serei reprovado porque tiro sempre notas baixas.

Não consigo estar atento durante as aulas, porque sinto-me confuso e penso sempre na minha mãe, na avó, e na Susan que não volta mais para casa.

A única coisa que me interessa é ir à casa da avó, e ficar com a minha irmã o verão todo. Queria muito viver lá o ano todo! –

-----

- A escola terminou, finalmente!

Os professores já me disseram que foi chumbado.

Mesmo que eu já sabia, dói-me tanto..., e envergonho-me disso.

A coisa boa é que posso ir logo à casa da avó, porque não tenho que esperar alguns dias para ver as notas nos quadros da escola.-

-----

- Tenho menos medo das outras vezes em dizê-lo ao pai. -

-----

- Hoje, disse ao pai que reprovei. Apenas me respondeu:

“Prepara-te que vamos”

Durante toda a viagem ele ficou calado!

Mas eu penso que estarei com a minha irmã, a avó e os tios: a única coisa que conta para mim.

Agora, também se o pai regressa logo, sem subir em casa da avó, não fico mais muito mal.

Estão todos felizes de ter-me lá e não me disseram nada da reprovação. –

-----

- Susan está melhor, mas ainda não melhorou completamente. Ajuda a avó nos afazeres de casa. Também ela, como eu, não pode ter amigas na cidade porque tia Adele não queria. Cá na casa da avó, ao contrário, pode convidar quem quiser. Agora Maryn está todos os dias na nossa casa. Susan fala muito com ela. Vão no quarto da avó e, enquanto fazem trabalhos de bordado, riem e brincam. Eu estou feliz, e a avó também -

-----

- Reencontrei todos os meus amigos, e continuamos a jogar a futebol no campo da igreja. Este ano decidimos ir a nadar nos maceradores. Fazemos isso sem dizer a ninguém. O ano passado dois rapazes de uma aldeia vizinha, afogaram, e assim, agora, todos os pais proibem os filhos de lá irem. Susan, a avó e os tios me avisaram: “Ai de ti se fores nadar!”

Eu disse-lhes para ficarem tranquilos: não queria desobedecer, mas a vontade que tenho é demasiado grande...

Encontramos todos no campo, e depois... fomos embora, com as bicicletas.

O macerador que escolhemos fica numa outra aldeia, longe de casa, assim, estamos certos que os pais e os meus tios não irão sabê-lo.

O macerador é grandíssimo e fica bem escondido entre as árvores de fruta e das videiras. Estou a aprender a nadar rápido.

O outro dia, pela primeira vez, consegui cruzar o macerador.

Gritei de felicidade:

“Viva, também eu consegui!”

Foi belíssimo!

Fazer as coisas que antes não sabia fazer, faz-me sentir forte e bom.

Agora estou bom, seja na natação, seja no futebol.

Quanto estou feliz de eu ser bom também!

Se o pudesse ser na escola também! -

-----

- “Mãe, estás orgulhosa de mim? Pelo menos nestas coisas fiquei bom, não é?

Ajuda-me a ser também na escola!” –

- Vamos nadar todos os dias, e depois regressamos na aldeia depressa para ir jogar futebol.

Ninguém nos descobriu! É belíssimo nadar! Quando estamos lá, sentimo-nos guerreiros indianos, gritamos como eles e sentimo-

nos tão fortes. E estamos confiantes que nada pode nos acontecer. -

-----

- George, ainda não recebeu a transferência de trabalho para minha cidade.

Chega na casa da avó na sexta à noite, e depois volta no sábado e no domingo.

Com ele, Susan voltou a sair de casa, e eu sinto-me feliz por isso. É belíssimo encontrá-los juntos nas festas do Santos Padroeiros das aldeias vizinhas!

E novamente, nos divertimos juntos nas carrinhas do dodgem. –

- Desde que cheguei, Susan abraça-me muito e mimame-me. Muitas vezes diz-me:

“Meu querido irmãozinho”

Isso faz-me feliz e faz-me sentir tantas coisas bonitas no coração. Muitas vezes, aproxima-se e abraça-me apertado.

Sinto que o seu coraçãozinho bate forte e os seus olhos se enchem de lágrimas.

E mesmo que ela tenha apenas dois anos a mais do que eu, naqueles momentos parece-me estar entre os braços da minha mãe, e sinto-me seguro e forte.

Creio que Susan também se sinta um pouco como a minha mãe, e me considere muito mais pequeno que ela. Preocupa-se muito comigo: faz tudo para ver-me contente...

Viver na casa da avó e com Susan, fez-me esquecer da reprovação e dos longos e feios meses passados em silêncio com tia Adele e o pai. –

-----

- Cada quinta, acompanho a avó ao cemitério onde está o avô e um tio meu, morto durante a guerra.

Doí-me que a minha mãe esteja enterrada no cemitério da cidade. Seria melhor que fossa cá, ao lado do avô e do seu irmão...

E depois, cá, poderei vir mais vezes visitá-la, e viria a avó também. –

*- Steven, é uma coisa muito boa ir onde as pessoas que amamos estão enterradas e trazer flores.*

*Mas não esqueças que lá há apenas o corpo.*

*A tua mãe continua a viver no Céu onde reencontrou o seu pai e o seu irmão.*

*Pensa que agora estão juntos e, desde lá, todos te querem bem.*

-

- Ao cemitério, a avó vai de pé, entretanto, eu monto a bicicleta. Enquanto fazemos o caminho, conta-me muitas coisas. Hoje falou-me dos trabalhos que fazia quando era nova.

Levantava as três horas de madrugada, e, depois de ter feito um pouco dos afazeres de casa, começava a trabalhar o campo. Depois, entrava no macerador e molhava a cânhamo por muitas horas.

Finalmente, disse-me:

“Steven, veja o quanto é importante ir à escola. Ouve, estuda. Assim não irás fazer os trabalhos pesados que eu fiz e que os teus tios estão a fazer.

Seja sempre bom como o és agora, assim como era a tua mãe.

Então, todos irão querer-te bem e viverás sereno.

A tua mãe estava sempre tranquila e feliz, porque todos lhe queriam bem.” –

- Quanto me quer bem a avó...!

Responde-lhe logo:

“Sim avó, assim será. Vou me esforçar muito para ser bom e inteligente como a minha mãe.”

Dentro do cemitério está silenciosa, e os seus olhos tornam-se um pouco avermelhados.

Limpa bem as covas e eu ajudo-a a tirar as ervas dos lados.

Depois, fica a olhar as fotografias do avô e do tio, sempre em silêncio.

Sinto que, enquanto olha as fotos, fala com o avô e com o tio com o coraçãozinho...

Coitada da avó, quem sabe quanto sofre ela também...! e consegue sempre guardar tudo no seu coração, sem chorar, aliás, fica sempre sorridente.

É tão boa e tão querida!

Depois de algum tempo diz-me:

“Steven, agora podemos ir.” -

-----

- Quase sempre, voltando para casa, paramos para visitar a família Benet.

Alguns anos atrás, moravam perto da avó, agora se transferiram nesta aldeia.

A casa deles é no meio dos campos e, indo pelo atalho, fica no caminho.

A senhora Chloe, a amiga da avó, está sempre feliz em ver-nos, e fala com muito prazer com a avó.

Ouçõ que pergunta sempre se a tia Adele me quer bem. A avó suspira e abre os braços...

Gostaria de eu lhe contar como se comporta comigo...!

Antes de nos despedirmos, entrega-nos umas bolsas cheias de vegetais e fruta. Também nos oferece uns frasquinhos de pêsegos confeccionados por ela, que gosto muitíssimo.

Feliz, coloco as bolsas no guidão da bicicleta, agradecemos muito e despedimo-nos. –

-----

- Nos primeiros dias de cada mês, acompanho a avó para ir buscar a pensão numa outra aldeia.

Fica muito contente que eu vá com ela, pois de vez em quando não se sente bem.

Diz-me:

“Steven, sabes que o meu coraçãozinho de vez em quando faz-me alguma brincadeira, se por acaso não me sentir bem, corra



para chamar alguém. Mas não te assustes, porque depois eu fico forte outra vez.

Fico feliz de ter por perto um homenzinho como tu. Fico mais tranquila, sinto-me segura contigo.”

Fico feliz de ser tão importante para a avó e de poder ajudá-la. Felizmente, fica sempre bem quando anda!

Cada vez que a acompanho, dá-me sempre alguma moeda. Gasto-a para comprar gelados ou para jogar com os matraquilhos. -

-----

- O amigo que quero mais é Lucius.

Mora perto do lugar onde eu nasci, o pai, a mãe, a irmã, o tio, a tia, a prima e o avô.

Lucius chama-me sempre em sua casa, porque lá nos divertimos mais.

A casa dele tem um celeiro grandíssimo, com um piso em cima, cheio de palha. No meio do piso há uma grande escotilha que serve para deitá-la em baixo.

Lucius e eu atiramo-nos na escotilha e caímos em cima da montanha de palha: divertimo-nos muitíssimo!

Tem muitos animais domésticos: o galo, as galinhas, os galetos, o peru, o pavão, os coelhos.

No estábulo tem vacas, cavalos, um burrico e dois porcos na pocilga.

Também há muitos gatos que rodam pela casa. Lucius disse-me que vivem livres no campo.

Cá, posso jogar com Ulysses, um lindíssimo cachorrão de guarda.

Estou feliz de ficar junto de tantos animais!

Quando for maior terei também muitos animais e os farei viver todos comigo. –

-----

- Falo muito com Lucius porque gostamos das mesmas coisas: o campo, os animais, jogar futebol e olhar as meninas.

Ele na escola frequenta uma turma mista e conhece muitas meninas.

Dias atrás ele foi convidado por uma colega de turma para uma festa de aniversário e pediu-lhe se eu poderia ser convidado também. Ela disse que sim, e assim fomos juntos.

Ficamos muitos emocionados: era a primeira vez que íamos numa festa onde havia meninas.

Encontramos uns colegas e umas colegas dele, que Lucius, apresentou-me. Assim conversei um pouco com todos.

Quando ligaram o toca-discos Lucius dançou com uma amiguinha dele, abraçando-a um pouco.

Eu estava num canto, ainda muito emocionado, o coração batia-me forte: não tinha coragem de pedir a nenhuma menina para dançar comigo.

Lucius, depois de ter dançado, veio para perto, e disse-me:

“Steven, força, dança também, é tão bom!”

Insistiu tanto, que arranjei a coragem, e pedi a uma menina, com os cabelos compridos e pretos, se queira dançar comigo.

Ela disse-me sim. Nem acreditava!

Que bom abraçá-la!  
Enquanto nos dançávamos sorrimo-nos. Era bonita mesmo!  
Estava tão emocionado, que nem conseguia dizer nada. Também ela estava calada.  
Depois de terminar a dança, ficamos a conversar.  
Gostei muito!  
Depois, fiz amizade com todos.  
De volta, estávamos ainda tão emocionados que, na bicicleta, parecia que estávamos a voar.  
Estávamos felizes de ter dançado e conversado com as nossas amiguinhas. Agora, nos sentíamos maiores! –

*- E de facto tu és, Steven. Estás a crescer, e por esta razão sentiste emoções novas com as meninas.  
Estou feliz de tu teres um amigo como Lucius e que juntos falem destas emoções que agora estão a descobrir.  
Falando nisso, as entendes melhor, e compreendes que são naturais: as experimentam todos os rapazinhos como tu.  
Digo-te por certo que também as meninas as sentem, e falam disso juntas, assim como vocês fazem. –*

-----

- No domingo à tarde, no cinema, encontramos as amigas de Lucius.  
Sentamo-nos perto delas e, olhando o filme, rimos e brincamos muito.  
Estou muito contente de ter amiguinhas também!

Quando estou perto delas, sinto no coração coisas novas, e lindíssimas. -

*- São emoções e sentimentos diferentes daqueles que até agora tens sentido com os teus amigos, com a avó e os tios.*

*São naturais e podem ser muitos fortes.*

*Se os desejares, posso ajudar-te a compreendê-los melhor, através um belo jogo junto. Queres? -*

- Sim, sim! Que bom! Obrigado Dave. -

*- Então fecha os olhos e escuta o que sentes no coração pensando na avó.*

*Já está? Muito bem.*

*Agora escuta o que sentes quando pensares a Susan..., nos teus tios..., no Lucius... -*

- Sinto de querer bem a todos, mas é um pouco diferente para cada um... -

*- Muito bem, assim mesmo.*

*Vamos continuar. Pensa ao gatinho Barth..., à todos os animais que Lucius tem..., aos outros amigos teus..., aos colegas de escola..., o teu campo.*

- Sabes, Dave, que sinto coisas boas para todos? Mas são diferentes...

Por alguém, como Susan, a avó e Lucius, parece-me de querê-los mais... e à minha mãe ainda mais. -

*- Bravo Steven, é assim mesmo.*

*É natural querer um pouco mais alguém, especialmente quem te dá mais carinho.*

*Mas poderá acontecer de sentir de repente um grande bem por uma menina que não conheces. Isso chama-se apaixonar-se. -*

- Sem que ela me querer bem? –

*- Sim, Steven, e poderá ser que tu sintas de quer-lhe um bem maior de todos. -*

- De certeza nunca maior daquilo que tenho para a minha mãe!

*- Nem sempre... Veja Steven, todas estas formas de querer bem, fazem parte do mesmo sentimento: o amor.*

*É amor que sentes pela avó, pelos tios, por Susan, por Lucius, pelo teu campo, pelos animais, pelos teus colegas de escola.*

*E conhecerás outros, mas serão todos ‘amores’.*

*E se pode sentir tantos amores ‘grandes’ todos juntos. –*

- Não, não! Mãe, fica descansada.  
Para ti sempre guardarei o bem maior, ou seja, o amor maior...  
Enfim, para ti sempre irei querer mais bem que todos!" -

-----

- Eu e Lucius falamos muito das meninas e fazemos piadas sobre aquelas que gostamos ou que não gostamos.  
O seu avô explica-lhe muitas outras coisas sobre as miúdas e sobre a diferença que há entre nós homenzinhos e elas.  
Ele tem sorte em ter um avô tão bom e que lhe quer tanto bem!  
Também eu tenho sorte em ter um amigo como ele...  
E tenho sorte em ter um amigo como tu, Dave.  
Tu explicas-me muito bem coisas tão bonitas, ainda mais que o avô do Lucius...  
E me queres tanto bem...  
Também eu te quero muito bem, Dave. -

*- Obrigado Steven, quero-te deveras muito bem, e estarei sempre pronto para explicar-te aquilo que desejares conhecer e compreender. -*

-----

- O verão passa rápido entre jogos de futebol, natação, matraquilhos e romarias.  
Quando penso que irei voltar na cidade, fico arrepiado...  
Mas fico mal apenas por pouco, porque, logo olho pelo campo tão bonito e cheio de cores e perfumes...

E novamente sinto o forte calor do sol que me aquece, e começo a correr... –

*- Bravo Steven, és verdadeiramente bravo em deixar passar os pensamentos tristes e pensar logo nas coisas lindas que tens no presente.*

*Faz sempre assim, não adianta pensar no que será, pois sempre pode acontecer algo que mudará tudo.*

*És tão bom em estar sempre contente com o que tens e com aquilo que podes fazer agora. –*

-----

- Susan fica melhor e pode voltar ao trabalho.

Maryn disse-lhe de procurar trabalho numa indústria de calças que se encontra na vila onde ela nasceu.

O dono disse-lhe que sim, e que poderá começar a trabalhar em setembro.

Susan ficou feliz.

Fico mesmo contente, agora poderá ganhar o seu dinheirinho sem ter que perguntar à avó ou ao pai. E assim ficará ainda melhor. –

-----

- As férias acabaram, tenho que voltar à escola!

Sinto-me tão triste: tenho que me despedir de Susan, da avó, dos tios, do belíssimo campo, e de todos os meus amigos e amigas... Este é o pior momento do ano! Preciso sempre de um tempo para acostumar-me novamente a viver com a tia Adele e o pai! –

-----

- Logo chega o outono e a minha cidade fica muito triste. Das árvores caem as folhas, começa o frio. Vem o nevoeiro e tudo fica cinzento.

Por vezes o nevoeiro fica até uma semana. Quando não vejo mais o sol fico triste com a minha cidade...

Na escola há uma boa novidade: fico numa classe mista.

As meninas são mais que nos rapazes, estão todas bem vestidas e são muito bonitas.

Repara-se logo que repito o ano: sou maior dos outros. Isso põe-me com vergonha, mas felizmente não sou o único: somos cinco! Como já nos conhecíamos bem, logo juntamos, e sentamos em carteiras próximas, no fundo da sala.

Perguntamo-nos porque não estava o Gilbert também. Tinha que estar connosco, pois ele também chumbou.

A má notícia foi dada pelo professor de francês: Gilbert afogou no verão, no grande rio que passa perto da cidade!

Nós repetentes ficamos de pedra. Ninguém conseguiu falar... queríamos-lhe muito bem...

Também os colegas que não o conheciam ficaram em silêncio.

Depois, pensei que durante o verão tive sorte: também eu cruzei o macerador muitas vezes, também quando não sabia nadar bem!



Lá não há a corrente do grande rio que levou o Gilbert, mas o macerador é bastante profundo.

Talvez ele também, como nós, sentia-se forte como um guerreiro indiano, e pensava que nada podia-lhe acontecer...! -

- “Mãe foste tu, não é, que me protegeste? Tenho certeza disso! Sinto como se alguém me disse isso no coração.

E depois também me disse o Dave.

Agora sinto vontade de chorar!

Não sei se pelo Gilbert, ou porque também eu fui desobediente... e tu me queres bem na mesma... ajudas-me tanto...!

É mesmo verdade que a partir de lá em cima me podes ajudar mais que as mães de cá, pois, a estas, nós desobedecemos, e elas não podem proteger-nos de longe!” -

*- Sim, Steven é verdade. A tua mãe de Lá pode proteger-te, mas é importante que tu não faças coisas perigosas.*

*A coragem é uma coisa boa e importantíssima porque indispensável em muitos momentos da vida, mas ao seu lado precisa-se de prudência.*

*Sei que é bom com a tua idade fazer as coisas que fazem os adultos e sentir-se forte como os guerreiros...*

*Mas os verdadeiros guerreiros antes de agirem refletem sobre tudo e olham os perigos que se podem evitar.*

*Eles também são humildes porque sabem que não podem tudo, mesmo sendo guerreiros.*

*Portanto, têm muita coragem, mas são também bastante prudentes. -*

- Ninguém falou mais do Gilbert, ficamos todos muitos males! Sabes, Dave, vem na minha cabeça uma coisa que me disseste: “Não se tem certeza que se vai fazer aquilo que pensamos ser feito”

Talvez. O Gilbert também pensava que voltaria para a escola... porém... -

*- Sei o que queres dizer, Steven... mas não é apenas a morte que altera o futuro. Existem muitas coisas que mudam a vida. Contudo é indispensável fazer programas necessários para viver com responsabilidade.*

*Mas também, é bom viver com serenidade cada dia, e ficar contente com aquilo que se tem e se pode fazer no momento.*

*Agora, estás abalado porque é o segundo colega de escola que perdeste.*

*Mas pensa que Gilbert não morreu, apenas mudou de Casa...*

*Está lá, no Céu...*

*E se ele te vem à cabeça, manda-lhe uma saudação e um dos teus lindíssimos sorrisos, e ele ficará contente.*

*Também ele agora, de lá, continua a querer-vos bem. -*

-----

- Custa-me cada vez mais viver com a tia Adele!

Quando volto de escola, nem dissemos olá. Assim, fica ainda mais silencioso...

Como sempre, como sozinho. A massa está fria e mole: a tia a fez duas horas antes, quando Flavius almoçou...

Como sem protestar: não tenho a coragem de o fazer, e mais, se não terminar a pasta, não posso comer o prato principal.

A tia sempre me diz:

“Quem não come, já comeu.”

Prefiro esforçar-me, para comer o prato principal.

Ela fica na cozinha e lava a loiça.

Fico muito zangado, e penso:

“Tenho que dizê-lo ao pai que aquela massa não dá para comer!”

Mas, depois, o vejo na minha frente: enorme, sério e silencioso.

“Quem tem a ousadia de dizer-lhe algo?”

E assim fico muito triste.

Retomo a comer rapidamente, e depois corro para a casa de banho, para chorar de raiva... -

-----

- Susan trabalha e está contente.

Quando volta do trabalho, ajuda a avó nos afazeres de casa. Faz como fazia a minha mãe!

George e a sua amiga Maryn, querem-lhe muito bem.

Assim, agora, a avó e os tios ficam bastante mais tranquilos.

Também eu fico mais sereno e tanto contente por ela. Quero-lhe tanto bem... -

-----

- Na escola há uma menina que gosto mais que as outras, chama-se Deborah.

É das melhores da turma.

Tem um lindo rosto redondo, com um pouco de sardas, os cabelos loiros, sempre bem arrumados e penteados como está na moda.

Aparenta ter mais idade. Troca de vestido todos os dias.

Os primeiros dias de escola, quando ainda não estava frio, ela vestia umas meias calças fininhas, como as jovens mulheres. Ela era a única a fazê-lo....

Dei-me conta que não sou o único a gostar dela... todos gostam! Ninguém dá a perceber, mas todos procuramos ser simpáticos para ela.

Ela nunca olha para mim, apenas cumprimenta-me.

Ela gosta de ficar com poucos colegas, apenas os melhores da turma.

Sabe que é muito bonita e que todos gostam dela. Assim sente-se importante e deixa-nos entender isso.

Este ano esperava ser bom na escola, de facto muitas coisas estudei no ano passado, mas não está sendo assim, e isso dói-me muito.

Quando estou na sala, fico irrequieto sem querer.

Falo, mexo, rio e brinco.

Não consigo estar atento naquilo que os professores explicam.

Eles me chamam atenção e dão-me notas baixas.

Assim, Deborah fica afastada de mim. Se eu lhe perguntar algo, nem me responde. –

-----

- Passo as tardes a olhar pela janela da cozinha e a brincar com a minha bolinha.

Olho no pátio, onde ficam as garagens e o jardim do dono da casa, o senhor Tennyson. Ele está sempre lá, a cultivar as suas hortaliças.

É um senhor velho como a minha avó. Anda muito devagar, mas ainda faz todos os trabalhos.

De vez em quando vê-me na janela, faz-me um sorriso, e cumprimenta-me levantando a mão. Também eu o cumprimento levantando a mão.

No fim do jardim há duas casas, uma perto da outra, separadas por uma rede de metal, e têm um jardim grande.

Numa mora Francis, um rapaz da minha idade, que fica sempre no jardim a brincar, sozinho ou com outros rapazes.

Sei como se chama, porque a sua mãe grita-o por horas, até ele entrar em casa para fazer os trabalhos de escola.

A tia Adele poderia pelo menos deixar-me descer no jardim!

Também se no meu prédio não há rapazes para brincar, poderia estar um pouco na horta do senhor Tennyson, o passear no jardim.

Estou cada vez mais zangado com o pai, porque sei que seria suficiente que ele falasse com a tia Adele para me deixar sair, e estaria um pouco melhor.

Mas não o faz, não sei porquê. Dá-me vontade de chorar...

“Como podem fechar-me sempre em casa?”

Olha a rua da janela, e invento tanto jogos novos. Um deles, é adivinhar quantos carros ou bicicletas passam em cinco minutos. Não se trata de um jogo divertido, mas, o tempo passa mais rapidamente, e sinto-me um pouco melhor.

Fico tão mal fechado cá dentro, que nem consigo estudar, e então fecho os livros. Tenho só vontade de mexer e ir em casa da avó!

Dave, sabes porque o pai não diz a tia Adele para deixar-me sair?

*- Steven, não é fácil para o teu pai fazer isso porque tem medo que possa acontecer algo de mal. Ele sabe que a tia Adele não está atenta contigo e que ela deixar-te-ia sair sem algum controlo.*

*És novo, Steven, e no mundo há muitas atrações que podem tornar-se perigosas e fazer-te sofrer.*

*Um adolescente deve ser acompanhado com atenção e amor.*

*É importante que receba as sugestões, conselhos e a experiência das pessoas que o amam.*

*O pai não o pode fazer porque está sempre longe e então escolheu de não te deixar sair. Para ele é a coisa melhor.*

*Mas sabe que sofres, e por esta razão está sempre pronto a levar-te em casa da avó. -*

- Mas sabe também que a tia Adele não me deixa nem ir no jardim? Que me fecha em casa todas as tardes?

No jardim nada aconteceria! -

*- Sim, Steven, ele sabe. Ele não pode impedir a tia Adele de ir encontrar a sua irmã, nem pode obrigá-la a levar-te junto com ela.*

*Talvez, um dia, saberás porque a tia não quis que Flavius crescesse juntamente contigo e Susan.*

*É uma coisa que apenas eles poderão dizer-te, se decidirem de o fazer. Agora o pai escolhe de comportar-se assim porque não vê outras soluções.*

*Tenta compreendê-lo. Tens que aguentar firme Steven. Daqui a pouco estarás mais adulto, e verás que muitas coisas irão mudar. –*

- Mas pelo menos poderia não ser sempre mal-humorado e silencioso. De vez em quando poderia dizer que me quer bem, não é?

Poderia também explicar-me o porquê de eu não pode fazer algumas coisas!

Não, não quero compreendê-lo, é muito mau comigo.

Estou zangado com ele! –

-----

- Chegou mais uma notícia má, esperava de não sentir mais esta palavra.

Mas aconteceu de novo.

Morreu o professor de educação física. Tinha trinta e seis anos.

Disseram-nos que tinha uma doença incurável.

Ficamos todos abalados, mudos e tristes! -

-----

- Agora vou para escola duas tardes por semana.

Fico felicíssimo, porque assim saio de casa... finalmente! -

-----

- Chegou o primeiro boletim escolar, está cheia de insuficiências.

Estava à espera, e fico muito abatido.

Só de pensar que deveria mostrá-lo ao pai para ser assinada, assustava-me. Mas não aconteceu nada.

Desta vez o pai foi ainda mais despachado: uma olhada e já está... sem nem olhar para mim, e sempre em silêncio! -

-----

- Os meus colegas de escola reúnem-se para fazer os trabalhos de casa juntos, um dia em casa de um, outro dia em casa de outro.

Vincent, o meu colega de carteira, é repetente também. Hoje me pediu se quero ir na casa dele para fazer os trabalhos de casa: disse-lhe que não. Tenho vergonha de lhe dizer que a tia Adele não me deixa sair de casa!

Ele sempre convida todos na sua casa, e depois de estudar, toca a bateria.

Os seus pais compraram-no a bateria, mesmo que na escola não ande bem, assim como eu.

Vincent está sempre bem vestido. Este ano comprou o chapéu dos Beatles, as botas com bico fino, e veste o suéter de gola alta em baixo da camisa, como está na moda.

Ele, porém, não é presunçoso, é bom rapaz e brinca sempre.

Tenho um pouco de inveja dele. Eu tenho vergonha da minha roupa...



A tia Adele colocou algumas regras: posso trocar-me só sexta-feira à noite, após ter tomado banho. Ela escolhe a roupa: põe-na em cima da cadeira atrás da cama...

A camisa tenho que usá-la durante uma semana, assim como as cuecas e a camiseta interior. Os suéteres e as calças, tenho que utilizá-los durante quinze dias.

Assim sinto-me um pouco sujo, e tenho muitíssima vergonha de ir assim para escola.

Um dia, enquanto estávamos no caminho para a casa da avó, pedi ao pai de dizer a tia Adele que me trocasse roupa com mais frequência.

Respondeu-me:

“Steven, tens que ter paciência!”

E, depois, mudou de converso.

Não quis insistir, porque quando se comporta assim, tenho medo que se zangue. Deu-me vontade de chorar: não me ajuda em nada mesmo! –

-----

- Quando à tarde saio de escola, vou brincar no colégio ali perto, com o meu amigo Robert. Não avisei o pai: estendi uma hora o horário de regresso à casa.

É a primeira mentira que lhe digo... mas não posso mais de ficar em casa!

Às vezes, regresso até mais tarde, mas a tia Adele nunca me diz algo. –

-----

- É primavera e parece-me que a minha cidade acorde de um longo sono.

Nas ruas há mais automóveis, e no centro da cidade há tantas pessoas a passear.

Com a primavera tenho ainda menos vontade de ir à escola...

Hoje não fui à escola pela primeira vez. Fiz junto com meu colega Louis.

Fomos ao parque maior, onde encontramos muitos outros rapazes que faltaram como nós.

Vinham de todas as escolas da cidade.

Havia rapazes com guitarras que tocavam e cantavam as músicas dos Beatles e de outras bandas.

Outros tinham toca-discos portáteis e dançavam com as raparigas.

Ficamos juntos com eles, e cantamos e escutamos as músicas.

Mas, mesmo conhecendo malta nova e fazendo coisa que gosto, não me diverti.

Não fico contente em faltar as aulas, e sinto que não é bom fazê-lo.

E agora tenho que falsificar a assinatura do pai, para justificar a falta.

Não gosto de fazê-lo. Sinto-me tão triste...

Não o farei mais, também se a escola não correr bem. -

-----

- Vincent, ontem à tarde, veio procurar-me em casa. A tia ainda não tinha saído e abriu a porta.

Ele perguntou por mim, e ela, despachou-o, respondendo-lhe que eu não podia sair.

Cumprimentou-o e fechou a porta.

Para mim disse:

“Era um amigo teu”,

e depois foi-se embora...

Mas ela não tem um mínimo de coração! E também foi mal-educada com o meu amigo!

É uma bruxa, não é uma mulher!

Não consigo entender porque que o Vincent veio procurar-me sem avisar, e o que iria perguntar-me no dia seguinte, na escola.

Mas, hoje, disse-me tranquilamente que foi procurar-me e que uma senhora lhe respondeu que não podia sair.

Eu sorri para ele, não sabia o que dizer, e fiquei com a respiração suspensa.

Mas ele não gozou comigo, ao contrário, convidou-me novamente para a casa dele.

Senti-me melhor! Logo, retomamos as brincadeiras e a rir.

Vincent é um bom amigo mesmo! -

*- Sim, Steven, Vincent é realmente um bom rapaz. Veio procurar-te sem avisar-te porque compreendeu o que estás a viver e quer ajudar-te.*

*Demonstrou-o fazendo que nada aconteceu porque não quis pôr-te em dificuldade. -*

-----

- Susan está mais tranquila. Hoje disse-me:

“Steven, tenho uma coisa bonita para te dizer: logo George receberá a transferência de trabalho para a nossa cidade, iremos casar. Doí-me deixar-te, mas não fiques preocupado, iremos visitar-te sempre.”

Tinha os olhos cheios de lágrimas... abracei-a apertado e dei-lhe um beijo grande. Apenas consegui dizer-lhe:

“Fico contente por ti”

Susan é tão boa e merece ser feliz, mas não queria perder também ela.

Tento não pensar no momento no qual irão casar. Quando penso, sinto um nó na garganta... Não irei vê-la mais aos sábados e domingos, não estarei mais com eles... –

- “Mãe, gostaria de estar apenas feliz por Susan...

Não quero ser egoísta... mas sofro tanto em pensar que nem eu irei ter por perto, e irei perder também a companhia do George. Sinto-me cada vez mais sozinho...

Mãe, porque tenho sempre que perder todos?” -

*- Steven, entendo-te miúdo, mas lembra que nunca se sabe sobre o que pode acontecer no futuro. Por isso não sofras agora por algo que ainda não aconteceu.*

*Não sabes quando Susan vai-se casar, nem sabes como tu serás. Talvez terás novas amizades que não te deixarão sentir tão sozinho.*

*Ou talvez poderás igualmente ver Susan e George, e gozar sempre da companhia deles.*

*Fizeste bem em expressar o teu medo, mas pensa que agora eles estão perto e goza do afeto deles.*

*Steven, estou muito orgulhoso de ti: és muito bravo em querer ser feliz pela Susan, sem pensar em ti.*

*És um rapaz muito bom, e não és nada egoísta. -*

-----

- Aos domingos continuo a sair com Lucius.

Também vamos ao cinema ver os filmes ‘western’ que gostamos muitíssimo.

Agora a Susan também me dá um dinheirinho, e eu fico feliz por isso -

-----

- Este ano na escola aconteceram tantas novidades e continuam a acontecer ainda outras.

Pelas janelas da nossa sala conseguimos ver o interior do liceu científico.

Os jovens estão fazendo greve e reúnem-se em assembleias de contestação.

Quando saí da escola, os vi todos juntos na rua. Eram muitos, quase todos tinham cabelos compridos, camisas de flores, tinham violas, pulavam e gritavam palavra de protesto contra a escola e os professores.

Parecia que tinham algo contra todos...-

- Gostei muitíssimo de ver isso tudo, emocionei-me muito. Gostaria de ter ido para o meio deles e gritar juntos, mas não tive a coragem de fazê-lo.

Estava de regresso para casa, quando vi Deborah juntamente com eles: falava com alguns rapazes muito mais adultos que ela e eu.

Olhei para ela de longe, ela montou na mota de um rapaz e partiram.

Disse para mim mesmo:

“Steven, se convive com aqueles rapazes, nunca olhará para ti... Adeus Deborah!”

Suspirei, e triste comecei a andar para casa -

-----

- O calor voltou, e é hora de deixar as roupas de inverno.

Já há alguma semana, pensando neste momento, ficava mal, assim tentava não pensar nisso.

Mas infelizmente aconteceu o que eu receava, e agora fico malíssimo.

Também o ano passado fiquei mal: tia Adele me obrigava a vestir os calções e eu ficava muito envergonhado.

Esperava não ter de vesti-los nunca mais!

Quando os vi em cima da cadeira no meu quarto, juntamente com o suéter leve, veio-me um nó na garganta. Não disse nada de momento, mas, depois que a tia saiu, desatei-me a chorar.

Não pode fazer-me isso também!

Ela vê que estou mais crescido! Ninguém na cidade, no sétimo ano, veste calções.

Ainda mais agora, que todos estão em protesto...

“O que dirão os meus colegas, Deborah, e as outras meninas ao ver-me tão crescido, com os calções?”

Estou desesperado! Não sei o que faria à tia... Gostaria de não a vê-lo mais!

Penso no pai: sobe a raiva que tenho para ele... Não tenho ninguém para pedir ajuda...

Pai, tia, não podem tratar-me sempre assim!

São ambos muito maus comigo. Não quero ver-vos mais!

- “Mãe, ajuda-me, te imploro. Faça algo: nem consigo parar de chorar!

Sinto coisas ruins para com o pai e a tia.

Estou muito confuso, desesperado...

Não sei o que fazer para acalmar os nervos.

Queria fugir desta casa, do pai!

Tenho vergonha de ir para escola com esta roupa.

Nem Susan está cá comigo.

Sinto-me tão sozinho, Mãe...

Não quero mais chorar. Ajuda-me...” -

- *Calma Steven, estou cá, perto de ti.*

*Quero-te muito bem e também a mãe te quer.*

*Sei que te sentes sozinho, mas nós estamos sempre ao teu lado e vemos o quanto ficas mal, o quanto sofres.*

*Coragem, meu rapaz, fica firme.*

*Estás tão confuso porque não gostarias de sentir os sentimentos que estás a sentir para com o pai e a tia Adele.*

*És um rapaz muito bom e sensível, e não queres sentir estes sentimentos.*

*Sentes tanta raiva, porque não sabes como mudar esta situação, esta maneira de viver, que não aguentas mais.*

*Força Steven!*

*Agora que choraste e tiveste este desabafo, seca as lágrimas dos olhos, lava o rosto, e respira fundo.*

*Assim ficarás calmo, e poderás ir para escola também.*

*De momento nada podes, mas verás que tudo vai mudar.*

*Acredita! Quero-te bem. -*

-----

- Na sala chego em cima da hora, cumprimento depressa os colegas, não dou a perceber, mas a vergonha que sinto é muito grande.

Aguardo, sustendo a respiração, que um colega me diga algo...

Quando ouço:

“Mas ainda vestes os calções?”,

Para-se a respiração: sinto muito frio e começo a suar...

Não consigo responder, faço como se nada fosse.

Depois, sinto as gargalhadas, as piadas de alguns colegas: fico mesmo mal!

Na sala há mais um rapaz com os calções, mas ele tem dois anos e meio a menos do que eu. Apenas Vincent não me diz nada, e continua a sorrir-me tranquilo.

Quando isso acontece, e vê que não quero falar, desvia os olhos nos cadernos dele: não quer pôr-me numa situação embaraçosa.



Dou uma olhada rápida às minhas colegas que falam entre elas, em pequenos grupos.

Não parece que gozam de mim, mas não tenho a certeza: de costume o fazem falando baixinho, e soltando risinhos.

E agora é isso mesmo que estão a fazer...

Não tenho coragem de olhar Deborah!

O professor inicia a aula, mas a minha cabeça está confusa.

Tenho um único desejo: que chegue rapidamente o fim das aulas! -

-----

- Faz já tempo, que ninguém goza comigo dos calções, mas eu não fiquei mais tranquilo, fico com medo que possam fazê-lo a qualquer hora. -

-----

- Falta pouco para a escola terminar: nunca como este ano quero que a escola termine! -

-----

- Mais uma vez, ao lado do meu nome está escrito ‘reprovado’! Como sempre, doí-me muitíssimo e sinto vergonha, mas nem quero mais chorar. Assim, penso na Susan, na avó, nos meus tios, e no meu campo...

Lá, todos estão à minha espera, felizes por abraçar-me novamente.

Ninguém estará a olhar os meus calções, e gozará comigo.

Quando chego na casa da avó, todos me recebem com sorriso e beijos, me dizem que estão contentes de eu estar lá com eles. –

-----

- Na casa da avó ninguém me perguntou se passei o ano letivo. Passados alguns dias, de cabeça baixo, eu disse-lhes:

“Este ano também, fui reprovado.”

Ninguém me redarguiu, e, depois alguns minutos, mudaram a conversa. Sentem que eu estou muito mal e sabem que tenho vergonha do que se passou. Eles são verdadeiramente compreensivos comigo! –

-----

- Susan está muito zangada com o pai. Desabafa sempre com a avó, George e Meryn.

Agora, conto para ela tudo o que se passa em casa.

Disse-lhe da roupa meio li que tenho que vestir por duas semanas, dos calções, e de todas as outras coisas que me põem mal.

Disse-lhe também que, quando tiver coragem de dizer ao pai que a tia não me deixa trocar de roupa antes de 15 dias, nem se eu ficar sujo, ela respondeu-me que eu devia ficar paciente.

Susan suspirou:

“Steven, o pai deixou de querer-nos bem, eu já me dei conta disso há bastante tempo. A avó diz-nos que não é bem assim... eu, pelo contrário, fico convencida disso, de outra forma ele deveria proteger-nos daquela mulher tão má. Mas não fiques preocupado com a roupa, encontrarei forma de ajudar-te.” -

-----

- Susan não tem medo do pai como eu tenho.

Dei-me conta hoje, quando eu e o pai chegamos em casa da avó. O pai começou a falar com Susan e ela encarou-o fixamente nos olhos.

Ele baixou logo a cabeça e, depois de uns instantes, foi-se embora...

Fico contente: é verdade que o pai não os quer bem! -

-----

- Susan me deu um lindíssimo presente: da sua firma me trouxe duas calças e duas camisas de riscas, de cores, assim como eu gosto.

Dei-lhe um monte de beijos, abracei-a bem apertado, e disse-lhe:

“Susan, fizeste-me o presente mais importante neste momento. Tu me queres verdadeiramente bem e sempre tens compreensão comigo!” -

Cá, visto-me a vontade com os calções, pois na zona, durante o verão, todos os vestem.

Mas, quando for nas festas do Santo Padroeiro e no cinema com as raparigas, poderei vestir as calças e estas lindas camisas.

Viva... -

-----

- O tio Victor também se casou, e foi morar na cidade.

Casaram-se na igreja da vila da minha nova tia.

Não fomos todos: eu, Susan, George, a avó, os tios, e alguns amigos do tio Victor.

Também os familiares dos amigos da esposa eram poucos.

Almoçaram na casa dela.

Todos estavam bem-dispostos e ficamos a rir, brincar e cantar.

Fiquei sempre perto de Susan e George. Que bom ver que todos querem-se bem...

Em algum momento emocionava-me e ficava com o nó na garganta, mas não deixei que os outros reparassem.

Antes de dormir, pensei como foi diferente o casamento do tio Victor com aquelas cerimónias de casamento que vi na igreja da minha cidade.

Lá há sempre muitas pessoas, fazem uma grande confusão com os carros, e depois vão todos a almoçar no restaurante.

Mas é mais belo fazer como nós fizemos...! –

-----

- O pai veio visitar-me e disse-me:

“Então... com a escola... o que pretendes fazer?”

Estava à espera desta pergunta e por esta razão já tinha falado com a Susan. Ela me repetiu mais vezes que seria importante que eu terminasse o segundo ciclo.

Fiquei em silencio com a cabeça baixa... fiquei envergonhado das minhas reprovações... quase chorei!

Então o pai acrescentou:

“É melhor aprenderes a trabalhar! Pensei em inscrever-te no colégio ‘Instituto S. Gregory’, onde de manhã aprende-se a trabalhar e à tarde há escola.

Se estás de acordo, inscrevo-te como externo, assim à noite podes voltar à casa.”

O Colégio...? Fiquei arrepiado!

Continuou:

“ ‘Instituto S. Gregory’ nasceu para ajudar crianças que passaram por desgraças, como no nosso caso...

Os que dormem aí são quase todos órfãos. O diretor é um padre e é apoiado de alguns devotos que são chamados de ‘irmãos’.

Os instrutores das ‘profissões’, são pessoas especializadas na área profissional que lecionam.

Para a escola vêm alguns professores da cidade.

Steven, é a coisa certa para ti!”

Nestes dias pensei em encontrar um trabalho, mas não há um trabalho que eu goste.

E também, sentia que Susan tinha razão: devia terminar o segundo ciclo!

Ainda pensei:

“Ao frequentar o ‘Instituto S. Gregory’, para além de conseguir terminar a escola, poderei passar o dia todo fora de casa...”

Assim, respondi:

“Se quiseres, está bem, eu vou.”

Mas depois, corri embora: é sempre um colégio! Tenho vontade de chorar... -

-----

- O colégio fica a cinco quilômetros de casa, no caminho que vai para a aldeia da minha avó.

Quando voltei à cidade, o pai disse a mim e a Flavio que ia dar-nos uma bicicleta de presente:

“Vão buscá-las ao meu amigo, o que tem a loja perto do bar.” -

-----

- Ficamos muito contentes com esta surpresa.

Mas, logo a seguir, voltei a ser triste:

“Pai, mas porque não vamos juntos ao teu amigo? Sempre sozinho como um órfão...!”

Pensei-o, mas não tive coragem de dizer-lhe...

E fui buscar a bicicleta com Flavio...

Agora temos duas bicicletas iguais, muda apenas a cor: a minha é azul, dele metalizada. -

-----

- Eis-me aqui pronto para o primeiro dia de escola.  
Alarme às setes, e logo partida com a bicicleta nova.  
O colégio tem uma avenida de 200 metros de comprimentos,  
com enormes ciprestes aos lados.  
Sempre gostei desta avenida. Vi-a sempre quando íamos à casa  
da avó. Ficava encantado quando a olhava, especialmente no  
inverno, quando os ciprestes estavam carregados de neve.  
Nunca imaginei que, um dia, este colégio se tornaria na minha  
escola!  
Antes de chegar ao largo da escola, se veem os campos de  
futebol: são dois, quase do tamanho das equipas da primeira  
divisão.  
Agora que estou em frente da escola, dei conta que o colégio é  
grandíssimo!  
Fora estão já muitíssimas bicicletas e muitos scooters.  
O diretor disse ao pai que, entre internos e externos, há  
aproximadamente quatrocentos rapazes.  
Sempre que vou num lugar novo, fico com dor de barriga e  
diarreia.  
Fico amedrontado, agitado.  
E, como sempre, fico sozinho: sinto-me muito triste! –

- “Mãe, Mãe, tenho medo.  
Porque o pai nem cá acompanhou-me? Como posso eu entrar  
sozinho? É tudo tão grande... Quem sabe quantas pessoas estão  
lá dentro...  
Não tenho coragem de entrar... Mãe, ajuda-me tu...” -

- Entro junto à portaria: tudo se torna ainda maior.

O corredor é longíssimo e tem muitíssimas salas.

É cheio de rapazes que fazem um grande barulho. Reconheço logo aqueles que estão lá há vários anos, porque pulam, gritam e brincam entre eles.

Os novos, ao contrário, olham à volta, estão assustados como eu, e não falam com ninguém. Estão todos a aguardar para entrar na Igreja.

Esta é a primeira coisa que me disse Ludovico, o porteiro, logo viu-me:

“Às 8:10 deves encontrar-te na igreja para a Missa”

Estou um pouco adiantado, e assim começo a passear pelo corredor.

Tento reparar se há algum colega da escola, mas não vejo ninguém.

São todos rapazes que não conheço.

Sinto-me perdido e muito sozinho...

Entretanto continuo a olhar a volta, sinto um cheiro esquisito que nunca senti em nenhum lugar: está em todo o lado.

Passeio pelo corredor, leio aquilo que está escrito nas placas afixadas junto das portas.

De um lado: casas de banho, sala de lazer, bar, cozinha, cantina, arrecadação. Do outro: biblioteca, sala de leitura, escritórios, sala reuniões docentes, gabinete do diretor e Igreja.

No meio há a portaria, com a sala de Ludovic.

No fundo do corredor, de ambos os lados, há duas escadas grandíssimas que levam aos andares superiores, onde há quartos e casas de banho para os internos.

Junto às escadas vejo escrito: ‘proibido subir aos externos’.

O sino toca: está na hora de entrar na Igreja.



Somos verdadeiramente muitos!

A portaria abre-se e muitos rapazes entram falando alto.

Na Igreja vejo os ‘Irmãos’: são homens de todas as idades.

Uns devem ter a idade de George, 27 anos, outros, a idade do meu pai.

Quase todos vestem casacos escuros e camisas brancas e azuis.

Alguém, baixo do casaco, veste um suéter de gola alta.

Todos estão de barba feita e têm os cabelos muito curtos. Parece que estão atentos a estar em ordem!

Fazem alguns sorrisos, mas têm uma atitude muito determinada, e, firmemente, nos convidam a entrar rapidamente na Igreja.

No enquanto o diretor celebra a missa, controlam que se faça silêncio.

A missa dura cerca 20 minutos.

Na saída, os ‘Irmãos’ estão com listas nas mãos. Fazem a chamada e enviam os estudantes nas salas, conforme o trabalho que se escolheu aprender.

O pai, quando no verão me propus de ir ao colégio, antes de ir-se embora, deixou-me uma lista das profissões que podem-se aprender, ao fim de eu escolher na qual eu iria escrever-me.

Os trabalhos são: tipógrafo, carpinteiro, torneiro, mecânico.

Não conheço nenhum destes...

Esperava que o pai me orientasse em algum. Mas não! Como sempre, devo arranjar-me em tudo!

Assim, pedi conselho ao George: disse-me que os torneiros poderão encontrar trabalho com mais facilidade.

Ouvi o conselho dele, e, quando o pai regressou, disse-lhe de inscrever-me na profissão de torneiro: não fez algum comentário...

Eis a voz do irmão que chama o meu nome:

“Steven, sétimo ano e primeira tornearia, desta parte!”

Sinto o coração bater forte e apertar o estômago de medo e agitação.

Quantas coisas novas!

“Gostarei deste trabalho? Irei conseguir?

Como serão os meus colegas?” -

- “Pai onde estás? Porque nem desta vez acompanhaste-me?

Sempre me deixas enfrentar tudo sozinho!

Tratas-me como se não fosse filho teu...

Me deixas sempre sozinho!

Pai, porque não me queres bem? O que te fiz?” -

- “Mãe, mãe, ajuda-me tu!

Sinto-me mal! Estou agitado, respiro fadigado, mas não quero que alguém dê conta.

Tenho um nó na garganta: sinto muito a tua falta mãe!

Com certeza tu me terias acompanhado...

Sinto vontade de chorar... não quero chorar agora! Sinto demasiado vergonha...

Mãe, vem para perto. Ajuda-me!” –

- *Coragem Steven, respira profundamente.*

*A tua mãe, e o teu amigo Anjo estão ao teu lado.*

*Tenta pensar numa coisa bonita, assim poderás ultrapassar este momento difícil, sem chorar. -*

- A única coisa bonita é que, a partir deste momento, não estarei mais em casa à tarde!

Faço grandes respirações.

E sim, esta é uma coisa importantíssima por mim. É uma coisa linda!

Fico a sorrir e o coração alivia-se.

“Obrigado Dave”,

Desta vez consegui!

“Obrigado mãe. Obrigado amigo Anjo! Mas fiquem por perto, ao meu lado: é agora que tudo vai começar!” -

-----

- Passaram os primeiros dois meses de colégio.

Como imaginava, regressar à casa apenas à noite, faz-me estar melhor.

A noite passa muito rápido.

Lavo-me, janto, olho um programa televisivo, e depois vou para cama: tudo, sempre em silêncio.

Mas isso já nem me provoca mais fastio...

Agora, quando regresso do colégio, também sem motivo, logo entro em casa, faço a cara séria como o pai...

Assim, parece-me de estar menos mal! E o rosto da tia, os silêncios do pai fazem-me menos medo!

Às vezes, quando os vejo, o estômago aperta-se...

Felizmente que o pai está sempre no trabalho, e muitas vezes nem regressa à casa! -

-----

- O colégio não é mau.

Conheci muitos rapazes. São um pouco diferentes dos meus colegas da escola da cidade.

Muitos são bons e tranquilos, mas os 'internos', os maiores dos últimos anos, fazem-me um pouco medo: fico longe deles!

Ficam sempre juntos.

Na cantina ficam em mesas próximas e, enquanto comem, lançam maçãs e o pão a todos e ficam a gozar connosco.

O 'Irmão' que controla, tem que trabalhar muito para mantê-los tranquilos.

Quando eles ficam na sala de lazer, ocupam os matraquilhos e as mesas de pingue-pongue mais bonitas.

Se alguém está a jogar, deve logo deixar o lugar para eles.

Também jogam futebol entre eles, obviamente no campo melhor.

Com eles pode jogar apenas quem é bom de bola e amigo deles. São bravíssimos em todos os jogos, mas no futebol são duros também.

Frequentemente brigam.

Nós 'os novos' nem pensamos jogar com eles!

Impressiona-me bastante a prepotência deles. Também quando brigam, e de vez em quando dão socos.

Estão cá há muitos anos e, quase para todos, este é o último ano.

O diretor procurará um lugar de trabalho a quem conseguir o diploma.

Os 'Irmãos' estão atentos com estes grupos, obviamente eles não têm medo.

Na semana passada, no laboratório de tornearia, mesmo ao meu lado, aconteceu um facto muito feio.

Um rapaz 'Interno', um dos mais agitados, veio no nosso laboratório para gozar com um colega meu.

O 'Irmão' deu conta disso, e logo interveio para afastá-lo.

Mas ele reagiu, ofendeu também ele e deu-lhe um empurrão forte.

Então aconteceu algo que nunca esperava assistir por cá.

O ‘Irmão’ ficou com a cara vermelha, e disse-lhe:

“Então, é isso que queres!”

Tirou os óculos e o casaco, arregaçou as mangas da camisa, e começou a dar-lhe socos.

O rapaz logo reagiu, mas o ‘irmão’, era muito mais forte, e, em pouco tempo, o fez cair.

O que mais impressionou-me, foi que o ‘Irmão’ não parou, e continuou a dar-lhe socos, mesmo que o rapaz estivesse deitado no chão.

O rapaz começou a gritar e chorar: tinha o rosto cheio de sangue. Acorreram todos os maestros da tornaria e da mecânica, e só nessa altura o ‘Irmão’ parou.

Fiquei confuso e surpreso da reação do ‘Irmão’.

Com certeza tinha as suas justificações, mas poderia ter parado antes, mesmo que fosse necessário bater-lhe...

Reparei que também os ‘mestres’ ficaram de acordo com ele, sobre a forma com a qual reagiu.

O rapaz foi carregado até a enfermaria.

A lição do ‘Irmão’ serviu a todos: os ‘Internos’ agora ficam muito mais tranquilos e não incomodam mais a ninguém. -

*- Steven, é necessário que te diga algo muito importante para a tua vida.*

*Não me fica fácil dizê-lo, porque não queria influenciar o teu juízo ou assombrar os ‘Irmãos’.*

*Mas eu sei que compreender-me-ás como sempre.*

*Estes rapazes são agressivos e por vezes violentos, porque, desde pequenos nunca receberam amor nas próprias famílias.*

*Uns não tiveram o pai, ou a mãe, ou ambos os pais.*

*Quem os criou, por diversas razões, não deu para eles os cuidados de amor, os carinhos, as atenções, as expressões de amor, que cada criança precisa receber.*

*Ninguém lhes disse que são bravos, que são bons.*

*Para compreender melhor o que pretendo dizer-te, agora pensa no que tu viveste e ainda estas a viver.*

*Refleta sobre toda a dor que tens no coração e que te faz tanto chorar, também quando nem querias.*

*Pensa no medo que tens do teu pai e da tia Adele, e então como não consegues querer-lhes bem como gostarias, e desejas fugir de casa.*

*Observa como no teu coração nasceram rancor e raiva por eles e todos os sentimentos que não queres sentir.*

*Pensa o quanto, ao contrário, queres bem à Susan, à avó, aos tios porque manifestaram-te o amor deles, e como procuras fazer o que sugerirem, e aquilo que os torna felizes. –*

- Sim. Tens razão Dave! Quando sinto coisas ruins, fico muito mal e fico envergonhado, no entanto, quando abraço Susan, a avó e os tios, estou bem e fico feliz. Também fico assim quando Vicente e Lucius me demostram que me querem bem. -

- Bem Steven. Agora pensa nos acontecimentos históricos que estudaste: os povos subjugados, reprimidos, mais cedo ou mais tarde, rebelaram-se, e assim nasceram as guerras.

*Lembra, a causa dos comportamentos ruins, é sempre a falta de amor e das suas expressões.*

*Da violência nasce apenas a violência, assim como o amor gera sempre amor.*

*Quem não foi amado, tem maiores dificuldades em comportar-se corretamente, e pode tornar-se agressivo, ou fazer ações que provocam danos aos outros.*

*E não está fácil ajudá-lo. Precisaria muito tempo, anos de continuadas atenções, de amor, de expressões de amor e tranquilidade. Necessitaria de receber muita ajuda para derreter a sua dor, e para encher o próprio coração de doçura e alegria.*

*É mais rápido impedir a agressividade, a violência, as ações perigosas com a força e o terror...*

*Como tu disseste, aquele 'Irmão' tinha as suas razões para o que fazer.*

*De certeza, em outras ocasiões, tentou acalmar aquele rapaz em outras formas, e não teve a possibilidade de fazer o que deveria ser feito, e que agora expliquei-te.*

*Isso, porque os rapazes são muitos, e não há pessoas que possam dar atenção para eles, um por um, por muito tempo, talvez por anos.*

*Mas continua o risco que o rapaz e os rapazes que assistiram ao acontecimento, pensem que podem conseguir o que querem, com a força e a violência. E, talvez, também eles, na vida, irão fazer assim.*

*Com certeza, no coração daquele rapaz, não pode existir amor para com o 'Irmão', gratidão pelo colégio, nem agradecimentos para quem lá o levou...*

*Steven, lembra deste ditado: 'colherás o que semeies'*

*Se doas amor, colherás amor.*

*Talvez, nem sempre o recebas da pessoa a qual o doaste, mas sempre o amor voltará para ti, e irá voltar muito, muito mais de quanto doaste.*

*Se ajudares, serás ajudado.*

*Se compreenderes, serás compreendido.*

*Se perdoares, serás perdoado.*

*Se trouzeres paz, viverás na paz.*

*Se doares o teu sorriso, viverás na alegria.*

*E assim será, para tudo o que doarás, para todas as coisas que irás fazer para doar amor. –*

- Obrigado Dave. Agora sinto-me melhor!

O que me disseste, põe-me a refletir: também eu, se não tivesse a Susan, a avó, os tios, poderia ser como aqueles rapazes...

Ajuda-me sempre, Dave.

Eu quero ser bom e dar a todos as coisas que agora disseste-me.

Eu quero que a minha mãe seja orgulhosa de mim! -

-----

- Algum tempo atrás, no meu bairro, ouvi uns pais falar entre eles do meu colégio.

Diziam que lá há rapazes órfãos, os que não conseguiam terminar os estudos nas outras escolas, e aqueles que não tinham vontade de estudar.

No fim, disseram:

“Enfim, os rapazes são difíceis.”

Desde então envergonho-me de frequentar o colégio, mas não digo a ninguém.



Agora, que estou cá já faz algum tempo, tenho de dizer que, talvez, eles têm razão, mas há também rapazes bravos, bons e tranquilos.

E eu estou bem com eles.

Mas, já entendi que não gosto da profissão que escolhi aprender. Mas agora não posso mudá-lo, assim estou empenhando-me muito para bem conseguir.

A escola corre bem, e, com certeza, este ano não irei reprovar.

As aulas começam às 8:30, às 12:30 há uma pausa para o almoço, a seguir, às 14:00 retomam as aulas e terminam às 17:30. Passo a pausa na sala de lazer a jogar matraquilhos e pingue-pongue, e divirto-me.

Agora acostumei ao cheiro que está sempre presente nos corredores: é uma mistura entre suor, cheiro de cozinha e incenso.

Eu chamo-lhe: ‘cheiro do colégio’! -

-----

- Aos sábados as aulas terminam às 12:30.

Regresso à casa rápido e almoço rapidamente, para ir na avó logo que for possível.

Quando estou no carro com o pai, espero sempre que diga algo.

Espero que, agora que sou um pouco maior, fale mais comigo...

Sábado tentei iniciar uma conversa e disse-lhe:

“Pai, é bom ser camionista?”

Respondeu-me com aquela habitual forma dura:

“Não, é um trabalho perigosíssimo: vê-se muitos acidentes, e muitos camionistas morrem nas estradas! É um trabalho muito cansativo.”

Depois acrescentou:

“Nunca iria gostar de ver-te montar um camião! E agora não quero falar mais disto!”

E ficou calado, muito sério.

Não o entendo mesmo!

Não poderia explicar as coisas de forma diferente, um pouco mais doce?

É tão duro quando fala, que logo me tira a vontade de falar.

Talvez é o que quer: que eu fique calado!

Aquele:

“Nunca iria gostar de ver-te montar um camião”,

Fez-me muito mal e, agora, sinto também muita raiva.

“Porque ele tem que decidir o que eu devo fazer da minha vida?”

E nem me perguntar o que gostaria de fazer!

Gostaria de fazer o trabalho dele, em lugar do torneiro que não me dá nenhuma vontade mesmo! -

*- Steven, não te zangues com o pai.*

*O camionista é verdadeiramente um trabalho duro e perigoso.*

*Tu apenas estás a ver os lados bons, enquanto o teu pai conhece as dificuldades que também existem. Pensa que, para fazer este trabalho, ele teve que ficar longe de vocês, e deixar-vos com a tia Adele.*

*Verás, Steven, encontrarás um trabalho do teu gosto. –*

-----

- Quando chegamos à casa da avó nem sempre soube a cumprimentar a Susan, só de vez em quando. E esta coisa me deixa muita mal.

Hoje, logo cheguei, Susan correu ao meu encontro a gritar:

“Steven, Steven... George conseguiu a transferência de trabalho... Agora já podemos decidir a data do casamento. Nem consigo acreditar! Estou felicíssima”

“A sério, Susan? Que bom!”

Apertei-a a mim, forte e depois fiz-lhe dar uma meia volta.

Nunca a vi tão feliz!

Fiquei com as lágrimas nos olhos ao vê-la assim e a apertei-a ainda mais forte.

Agora estou cá, em baixo da minha grande árvore: tento fazer passar o nó na garganta. -

- “Mãe, socorro. Não quero que a Susan me veja a chorar... Mas sinto que é agora que vou perdê-la...” -

- *Compreendo-te, Steven. Na realidade será um pouco assim. Por ela inicia uma nova vida, mas ela sempre vai querer-te bem. Também tu, um dia irás afastar-te dela para fazer a tua vida. –*

-----

- Eu e o meu amigo Lucius queremos-te bem a cada dia mais. Agora, logo que chegar em casa da avó, monto na bicicleta e vou para a casa dele. Falamos das meninas e organizamo-nos sobre o que vamos fazer no Domingo. Gostamos mesmo muito das meninas...! No Domingo à tarde encontramos-nos sempre no cinema com elas. Sentimo-nos adultos e importantes.

-----

- No Natal Susan deu-me de presente um par de calças e um suéter. Ela tem cuidado com a minha aparência, e sabe que eu também gosto.

Também me disse:

“Steven, agora que estou melhor, posso lavar-te a roupa. Traz-me todas as semanas, assim poderás trocar-te quando quiseres!”

Nem acreditava! Perguntei-lhe:

“A sério Susan? Mas tu consegues lavar também a minha roupa?”

Respondeu-me a sorrir:

“Sim, Steven, não te preocupes por mim. Quero que tu fiques sempre em ordem e bem limpo.”

Pulei de felicidade, e abracei-a forte:

“Susan, és uma maravilha. Obrigado, obrigado! E obrigado por querer-me tão bem.”

Ficamos com lágrimas nos olhos... continuamos abraçados, apertados... –

-----

- No sábado coloquei todas as coisas sujas numa bolsa para levá-las à Susan.

No carro o pai olhou para a bolsa, mas não disse nada!

Esperei até o último momento para ver se me perguntasse o que tinha dentro da bolsa...

Assim, poderia ter-lhe dito da roupa, mas também de mais quantas coisas...!

Talvez ele o percebe, e por esta razão fica calado...

Fez-me a habitual pergunta:

“Tens dinheiro”

Subindo as escadas da casa da avó, senti uma grande tristeza, e vontade de chorar, de gritar...

Mas uma voz dentro de mim dizia-me:

“O que fazes? Não chores, já estás crescendo!”

A dor era forte e tinha lágrimas nos olhos.

Continuava a pensar:

“Pai porque não falas comigo, porque nunca me ajudas? Porque não me queres bem? Porque fazes-me entender que eu sou um problema para ti?”

Ao entrar em casa, Susan olhou para mim e entendeu tudo...

Cumprimentou-me, tomou a bolsa da roupa, e abraçou-me forte: Começamos ambos a chorar! -

-----

- Quando voltei para casa, na cidade, também a tia Adele não disse nada da roupa que tinha levado.  
Já sabia! Ela está feliz de não lavar e passar a ferro a minha roupa... –

-----

- No colégio conheci Martin, mora na cidade, num bairro não muito longe da minha casa.  
Também ele reprovou na escola, e este é o primeiro ano no colégio.  
Ele tem a minha idade, e é muito simpático.  
Nos primeiros meses de escola, alguns rapazes brincavam com ele, porque é pequenino e tem as orelhas de abano.  
Chamavam-lhe ratinho.  
Ele nem ligava muito, mas quando um rapaz exagerou, fez-se respeitar: deu-lhe dois empurrões e um bofetão.  
Agora, todos entenderam que ele ficava calado porque é bom rapaz, mas não tem medo dos prepotentes.  
É pequeno, mas muito forte!  
Somos colegas de cadeira, e no laboratório trabalha no torno na minha frente.  
À noite voltamos para casa juntos, na bicicleta. É belo fazer o caminho de volta com ele: contámos piadas e brincamos muito.-

-----

- Agora, o pai janta em casa com mais frequência, cada três ou quatro dias, entre uma viagem e outra.

Uma noite, improvisamente, fez este discurso para mim e Flavius:

“Agora que estão crescidos, precisam de ter uma mesada semanal fixa, vos darei todos os sábados.

E dado que ambos gostam de filmes, porque não aproveitam para ir juntos ao cinema aos domingos?”

Fiquei boquiaberto!

Era a primeira vez que o pai se preocupava comigo! E também que me pedia de sair com Flavius!

Mas fiquei ainda mais surpreso quando acrescentou:

“Também ao sábado podem ir comer uma pizza juntos...”

Flavius logo agradeceu com um grande sorriso:

“Obrigado pai”,

e depois virou para mim, esperando a minha resposta.

Olhei o pai:

“Está bem, fico contente.”

O pai voltou a comer, e ficou novamente sério.

Dei uma olhada para a tia Adele: olhava a televisão com ar indiferente...

No quarto de dormir, Flavius perguntou-me:

“Vamos comer pizza já neste sábado?”

Respondi-lhe:

“Flavius, lamento dizer-te não, mas antes devo avisar a avó, vamos no próximo sábado.”

Agora fico confuso, vêm à cabeça todas as palavras do pai.

Fico contente de ter mesada todas as semanas.

Sair com Flavius gosto mais ou menos, porque ele nunca quis ser meu amigo.

“Como é que ele disse logo sim? Como é que a tia Adele o deixa vir comigo? O que está acontecendo?”

Eu e Flavius conseguiremos dar-mo-nos bem? Nunca saímos juntos...”

Talvez é desta que nos tornamos amigos!

Fico emocionado para a permissão de sair no sábado à noite...

Penso na Susan, na avó, nos tios e Lucius...

De um lado sinto muito de não os vê todos os domingos.

Do outro lado estou ansioso de sair sábado à noite e no domingo na cidade, pois há muitas mais coisas divertidas.

Não consigo dormir: demasiadas novidades, demasiadas emoções, demasiados pensamentos! -

-----

- Hoje, logo que cheguei, contei à Susan e à avó aquilo que o pai propôs a mim e Flavius.

Ficaram um momento em silêncio e trocaram olhares entre si.

A avó disse-me:

“Mas a ti, de verdade gostas de ficar na cidade de vez em quando?”

Respondi-lhe:



“De um lado sim, avó, lá há muitas coisas divertidas e poderia encontrar novos amigos.

Mas não gosto de não ver a ti, Susan e Lucius todas as semanas.”

A avó sorriu para mim, e continuou:

“Tens razão meu rapaz, de certeza na cidade poderás divertir-te mais. Fico contente por ti.

Sabes que podes vir sempre que quiseres, e eu ficarei sempre feliz.”

Susan, de cara pálida, acrescentou:

“Steven, não gosto de não poder ver-te todos os sábados, mas é certo que tu faças isso, e também eu fico feliz por ti.”

Mas logo afastou-se...

Enquanto falava, olhei nos olhos dela: vi que quase chorava. O que mais aconteceu?!

Espero que Susan não fique tão mal por minha causa! Talvez é devido ao comportamento do pai.

Mas agora que reflito: ninguém me disse que ficou contente que eu saia com Flavius!

Dave, não consigo entender bem...

Quero muito bem a Susan, e nunca gostaria de vê-la sofrer por minha causa. -

*- Não, Steven. Susan não ficou mal por tua causa...*

*Tens razão: Susan está a sofrer porque sentiu que o pai está preocupado contigo e com Flavius.*

*Ela sabe que é certo, e pelo facto que te quer bem, está contente por ti.*

*Mas naquele momento sentiu mais forte a dor por não ter recebido do pai as atenções que ela precisava.*

*Ela sentiu que nunca foi protegida por ele.  
Permitiu a tia de tratá-la mal, e, portanto, foi constrangida a sair de casa e a separar-se de ti. Está feliz por ti e também por Flavius, pois ela não tem nada contra ele.  
Mas sente que detrás desta nova manifestação do pai, há a mão da tia Adele.*

*Ouvir o que Flavius respondeu ao pai:*

*“Obrigado pai!”*,

*Deu-lhe a confirmação.*

*Ela lembra bem que Flavius começou a chamar ‘pai’, o vosso pai, apenas depois que ela se foi embora... -*

-----

- Lucius estava esperando por mim para contar-me da semana passada.

Escutei-o, e depois contei-lhe de como foi a minha.

No fim, disse-lhe:

“Lucius, tenho uma novidade. O pai deu-me permissão para sair com Flavius, no sábado e no domingo.

Agora não sei bem o que fazer. Gostaria de sair contigo todos os domingos, mas também gostaria de ir à cidade.

Lá há o bowling e muitos lugares onde encontram-se os rapazes e as raparigas da nossa idade.

Os meus colegas de escola já frequentam estes lugares, contam que se divertem muito e que estão a conhecer muitas raparigas”

Lucius sorriu para mim:

“Steven, é uma coisa belíssima.

Quem sabe quantas novas raparigas irás conhecer! Assim, poderás apresentá-las para mim... e quando fores fazer-me visita, vamos ter muitas coisas novas para falar, e iremos divertir-nos muito.

Sabes, Steven, sinto um pouco de inveja, também eu tenho muita vontade de sair ao sábado à noite.

Mas cá, no campo, não há lugares para a gente encontrar-se como na cidade, e as raparigas não saem à noite.”

Sorrimos um para o outro, apertamos as mãos e demos uma palmada nos ombros. Depois prometemos um ao outro que nunca iríamos não separar.

É mesmo um grande amigo, o Lucius! Um amigo verdadeiro, muito bom, que me quer muito bem!

Sei que ele também lamenta não me ver todos os fins de semana, mas não o deixou entender: pois dado que ele me quer bem, deseja que eu fique contente e que me divirta. –

-----

- Comecei a sair com Flavius.

É bom ao sábado ir comer na pizzeria e a seguir passear pelo centro.

E gosto muito também de ir ao cinema ao domingo à tarde, porque vemos as estreias dos filmes.

Mas, são poucas as coisas que ambos gostamos.

E quando falamos destas coisas, no fim do discurso, nunca estamos totalmente de acordo.

De vez em quando, ele faz misterioso, como quando éramos pequenos, e sempre faz entender que é mais esperto do que eu.

Sinto que não me quer tão bem quão me querem Lucius e Martin!

Por isso, decidi de não me abrir e contar-lhe nada sobre mim.

As últimas vezes que saímos, chamou dois amigos dele.

Também eles já trabalham: concertam carros assim como Flavius.

Os três gostam muitíssimo de falar de trabalho e carros desportivos.

Os escuto porá arranjar amizade, fingindo que estas coisas me interessam, mas em verdade, aborrecem-me bastante.

Quando falamos de raparigas, nunca consigo dizer o que penso: os três me deixam entender que eu sei menos que ele...

Talvez eles têm razão, pois sou o mais novo, mas fico mal.

Flavius, com eles, é diferente de como é comigo: ri, brinca, e os escutas sempre.

Continuamente um elogia outro sobre os trabalhos das viaturas na oficina.

Entendi que Flavius e eu nunca nos tornaremos amigos!

Assim agora, quando saio com ele, penso apenas em divertir-me.

Nem procuro mais ser seu amigo, está claro que ele não quer. -

*- Caro Steven, Flavius não tem culpa se não demonstra o seu amor e não quer tornar-se teu amigo. Ninguém lhe ensinou, e foi afastado de ti.*

*Mas não te zangues com quem podia fazer isso e não o fez.*

*Agora fica sereno e diverte-te com os amigos que te querem bem.*

*Um dia entenderás. -*

-----

- Desde que o pai nos pediu para sairmos juntos, Flavius mudou alguns hábitos. Quando o pai está em casa ele vem sempre almoçar e jantar juntamente connosco.

Quando ficamos na mesa tenta falar comigo, coisa que não faz quando o pai não está.

Não sei bem porque faz isso, talvez quer mostrar ao pai que ficamos amigos... -

-----

Agora vou voltar mais vezes a avó.

Com Lucius por perto, entendi que os divertimentos, mesmo que bonitos, sem um verdadeiro amigo de lado, não me fazem feliz.–

-----

- Esta semana o meu colega de escola, Martin, pediu para sairmos juntos, e eu aceitei.

Quando disse ao pai que no sábado à noite iria sair com Martin em lugar que com Flavius, perguntou-me se tivéssemos brigados.

Respondi-lhe:

“Não, pai, Flavius tem muitos amigos e uns já saíram connosco. Agora eu também quero sair com os meus amigos da escola”

Ele respondeu-me:

“Porta-te bem!”

e depois foi trabalhar.

Quando o disse a Flavius, apenas respondeu-me:

“Está bem.” -

-----

- Frequentando o colégio, o tempo passa rapidamente, e, num instante, chega o sábado.

Através do Martin, conheci outros rapazes que se tornaram também meus amigos: assim agora saímos todos juntos.

Estou muito contente, pois gosto muito de todos os novos amigos de Martin.

Pensamos todos da mesma forma, gostamos das mesmas coisas. De vez em quando, cruzo com Flavius e os seus amigos: cumprimentamo-nos rapidamente e cada um fica com o próprio grupo.

Na cidade abriram novas discotecas.

Os estudantes das escolas secundárias e das universidades organizam as ‘festas do estudante’. Sábado à tarde alugam as discotecas, onde podem entrar todos os estudantes, pagando pouquíssimo.

Lá, tocam os novos conjuntos, que estão tornando-se cada vez mais numerosos.

Estes rapazes começaram a tocar os instrumentos dados de presente dos pais, assim como o meu amigo Vincent.

Alguns frequentaram aulas de música, e agora tocam mesmo bem.

Para nós são ‘mitos’ e todos sonham em ser como eles.

Quando vou em casa da avó e encontro-me com Lucius, conto-lhe das festas e de todos os novos amigos.

Ele ouve-me sorridente e com muito interesse:

“Steven, é muito bonito o que estás a fazer na cidade. Estou contente por teres arranjado amigos simpáticos e que estás a divertir-te...

Cá no campo, os rapazes são sempre as mesmas, e fazemos as mesmas festas de sempre.” -

-----

- Hoje, Lucius disse-me:

“Steven, tenho que contar-te uma coisa bela. Lembras de Frances? Aquela rapariga que mora perto da minha casa e que ia na igreja connosco?

Bem... estamos saindo juntos... queremos-nos muito bem. Eu estou na lua...

Estou tão feliz que nem me parece verdade.”

Senti uma emoção tão forte, que quase chorei.

Lucius estava muito emocionado e tinha falado cheio de entusiasmo, mas também se manteve muito tranquilo.

Já vi o quanto ele é mais sereno do que eu!

É feliz de viver no seu campo, e ama a paz que há por cá.

É feliz do amor da família dele e da sua rapariga. —

- Sim, Steven. É muito bom poder divertir-se, ter uma scooter, o carro, roupa nova e de moda, tocar no conjunto, sentir-se importante.

Mas, na vida, o que conta de verdade é o amor. É poder doar amor e recebê-lo.

Quando há amor, todo o resto não é indispensável, porque o amor satisfaz o coração e torna-nos felizes.

Tu já sabes disso. -

-----

- Enquanto voltava à minha casa, da casa da avó, senti-me muito sozinho.

Pensei na minha mãe...

A emoção voltou fortíssima e comecei a chorar. -

- “Mãe, socorro! Sinto-me confuso, sozinho, triste.

Não percebo o que quero, o que devo fazer.

Gosto de divertir-me na cidade com os meus amigos, mas, depois sinto sempre um grande vazio no coração: sinto-me sozinho, com uma grande vontade de chorar.

Gostaria de poder abraçar-te, mãe, falar contigo...

Gostaria eu também ter uma namorada e querer-lhe bem, que me quisesse bem também.

Não! É a ti que gostaria ter, mãe...” –

-----



- Entre os amigos que me apresentou Martin, há dois irmãos: Ferdinand e Lawrence.

Ferdinand tem a minha idade e Lawrence é um pouco maior. A mãe deles morreu há alguns anos.

Encontramo-nos sempre na casa deles. O pai é padeiro e fica contente de ver-nos todos lá em casa.

Ambos tocam a viola e cantam muito bem.

Ferdinand é bom, mas frequentemente fica triste, muito nervoso e briga com Lawrence.

Logo percebi que Ferdinand está mal porque sente falta da mãe... Um dia vi-o mais sério do que o habitual e queria dizer-lhe que também a minha mãe morreu.

Mas lembrei o que Lawrence disse-nos:

“Nunca falem com Ferdinand sobre a mãe”

Então, aproximei-me, fiz-lhe um sorriso e coloquei o meu braço no seu ombro. Ele sorriu-me.

Espero que um dia me fale da sua mãe, assim poderei dizer-lhe da minha vida. Acredito que poderá fazer-lhe bem, e pode tornar-nos ainda mais amigos. -

*- Com certeza, Steven. Tens razão. Ele pode sentir que tu o compreendes mais do que outros, porque sentes as coisas que ele sente, e assim pode abrir-te o seu coração...*

*E tu sabes o quanto faz bem dizer a alguém as coisas que nos fazem sofrer...*

*Bravo Steven, já compreendeste que aquilo que vives pode ajudar algum amigo que tem dificuldades parecidas.*

*Lembra-te de fazer isso cada vez que aparece uma ocasião.*

*És um rapaz muito bom. Quero-te bem, Steven. -*

-----

- Susan e George vão se casar.

Já tinham dito que iam casar na primavera e chegou a hora  
Vão morar na cidade. Quando soube pulei de alegria, pois assim  
poderei ir visitá-los quando quiser! –

-----

- O casamento foi celebrado na aldeia da minha avó, pelo  
Raffael.

No ato da cerimónia havia poucas pessoas. O pai veio com dois  
amigos, sem a tia Adele.

Susan, disse-lhe que nunca mais quer vê-la.

Fomos almoçar na casa de Maryn e Wilma, que ficou vazia  
desde que elas se transferiram para uma aldeia próxima.

Susan e George alugaram-na e prepararam uma grande mesa.

Estavam felizes e sorridentes: que alegria os vês assim!

Na mesa sentei-me perto deles, e ao meu lado tinha o meu pai  
com os amigos dele.

O pai estava alegre: falava e brincava com os amigos e com as  
pessoas que nem conhecia.

A sua voz era a mais alta de todas, como quando está no bar.

Esperava que falasse com os meus tios e a avó também, mas não  
o fez, aliás, apenas deu-lhes uma olhada. Doeu-me muito!

Não consigo entender porque faz isso!

Agora tenho certeza que brigaram, mas nunca a avó contou-me  
algo. Gostaria mesmo de saber o que aconteceu...

O pai foi o primeiro a ir-se embora. Antes de ir disse-me que passaria para buscar-me à noite.

Cumprimentou Susan e George com poucas palavras, depois levantou a mão e disse:

“Adeus a todos.”

E foi-se embora.

Ele é assim: muito seco e resoluto! –

-----

- A avó e os tios Roland e Francis, mudaram de casa.

No Natal, o tio Roland disse-me:

“Quando Susan se casar, nós iremos morar na vila.”

Já na altura fiquei mal, mas, depois, nem quis pensar nisso.

Agora que se foram, a dor voltou.

Há pouco tempo mudaram. Moram numa pequena casa, no rés-do-chão, próximo a outras casas.

Quando vou visitá-los, volto sempre pela velha casa, no meio das árvores de fruta.

Sento-me nos degraus da entrada ou em baixo da árvore grande.

Fico lá por horas: olho as árvores, as ervas, a capoeira, a casa...

As andorinhas voam em cima de mim, dão piruetas e, de vez em quando, descem até quase tocar-me: parece quererem brincar...

Vou ver os ninhos do ano passado: estão intactos, cheios de ovos, e ainda descubro outros novos.

O silêncio é tão profundo, que em alguns momentos sinto-me quase apavorado.

A primeira vez não sabia o que ia fazer lá.

Agora, ao contrário, sinto que o meu coração se enche de alegria e paz. Enquanto ouço o canto dos pássaros, saem lágrimas...  
As vezes chega alguém da família Pickwich de caminho para o armazém, olham para mim, cumprimentam e sorriem. Não dizem mais nada. -

*- Steven, os lugares conservam a energia de quem lá viveu e do que lá aconteceu.*

*Então, quando se fica num lugar pode-se sentir tudo isso.*

*Eis porque em algum lugar podes sentir-te bem enquanto que em outros nem por isso.*

*Quem é-se sensível e tem-se o coração aberto como tu, sente-se muito mais este tipo de energia.*

*Neste lugar, onde há a antiga casa da avó, as pessoas viveram na simplicidade.*

*Expressaram o amor, a compreensão, a amizade, a generosidade e muitas outras coisas bonitas.*

*Tu sempre procuraste tudo isso, desde menino, e ainda estás a procurá-los.*

*Agora, estás confuso da vida da cidade, das muitas coisas que estão acontecendo rapidamente, seja dentro de ti seja à tua volta, e mais do que nunca sentes a necessidade de tudo o que conhecestes e viveste na casa da avó.*

*Por esta razão saem as lágrimas: são lágrimas que expressam o vazio que existe dentro do teu coração, o grande desejo de ser amado.*

*Deixa fluir as lágrimas Steve, ajuda-te e sempre te ajudará.*

*Este lugar será para ti o lugar onde poderás encontrar a paz, a serenidade e a força para continuar o teu caminho. -*

-----

- O primeiro ano de colégio terminou e passei.

Também se agora tenho muitos amigos na cidade, pedi ao pai de trazer-me à casa da avó, assim passarei o verão no meu campo.

Nestes últimos meses foi difícil viver com o pai e a tia Adele.

São insuportáveis!

Com a tia Adele, para além de não nos cumprimentarmos, procuramos evitarmo-nos.

Mesmo crescido, no almoço e no jantar, sempre tenho que comer aquilo que foi preparado, sem reclamar, goste ou não.

O pai vê tudo, sabe tudo, mas, como sempre, fica calado!

Há algum tempo que percebi que ele sabe tudo, e procuro não pensar: dói-me!

Gostaria que me perguntasse:

“Porque não cumprimentas a tia Adele?”

Porque não pedes o que gostarias comer? Porque logo que puder vais dormir?”

Ele está lá, na cabeça da mesa: parece um gigante, com a cara séria, curvo no prato, e come, come...

Com movimentos da cabeça o ao apontar com o dedo indicador pede à tia Adele de servir os pratos que deseja.

De vez em quando, sentem-se ruídos: são palavras ditas pela metade entre eles, quando há algo que não gosta na comida.

Ainda fico surpreendido quando o vejo quebrar nozes com as suas grandes mãos como se fossem bolachas.

Espero que vire para mim, que faça um sorriso, um mimo.

Sinto uma voz que quebra o silêncio, é a minha mente que me diz:

“Não disturbances, não cries problemas, fica quieto.”

Sinto-me preso, numa cadeia, estou mal!

Sento-me numa cadeira: procuro distrair-me vendo a televisão.

Tenho medo! Do quê? Não sei! De tudo, e nada...

Digo para mim:

“Resiste. Onde podes ir? Quem vai-te empregar? O que podes fazer? Não terminaste a escola, nem sabes trabalhar.”

Depois, de repente paro de pensar: está na hora de deitar.

Pai, tia Adele não posso mais convosco!

Amanhã vou à casa da avó: mais um verão à minha espera! -

- Entre os meus amigos, na cidade, há o John.

Em termos de idade é maior, já tem carta de condução, e conduz o carro do seu pai.

A semana passada, prometeu que iria buscar-me à casa da avó para irmos dar um passeio na lagoa com Martin, Ferdinand, Lawrence, e manteve a palavra dada.

Esta manhã chegaram em casa da avó bem cedo, e logo arrancamos.

Disse à avó que ficaria na cidade, em casa de um amigo meu, o dia todo.

É uma mentira, mas não quero que ela fique preocupada.

Não pedi permissão ao pai: ele nunca me pergunta onde vou, com quem estou, o que faço quando saio de casa...

Apenas diz-me:

“Porta-te bem.”

Quando partimos, estávamos todos emocionados, pois nenhum de nós tinha ido à lagoa antes.

Apenas John foi lá uma vez, com a sua família.

Enquanto olhava fora da janela do carro, pensei no meu pai que é camionista: é mesmo um bom trabalho, gostaria de fazê-lo também!

É muito bom viajar, ver a planura, as achadas, as montanhas, os rios, muitas cidades, e conhecer novas pessoas...

Tenho certeza que eu seria um bom motorista.

Frequentemente, pergunto-me:

“Como poderia ser torneiro? Não gosto da profissão e nem sinto de ter jeito para sê-lo!”

Acredito que seja por esta razão que quando trabalho ao turno, fico tão distraído.

Ainda fico a rir pensando no inverso passado, quando no laboratório liguei o torno, esquecendo de apertar os grampos do fuso: a peça que estava a trabalhar voou como uma bala... felizmente não apanhou ninguém!

Os meus colegas falaram disso e riram durante uma semana.

E, cada vez que eu passava perto do torno, eles fingiam de abrigar-se com escudo e capacete.

Eu ficava a brincar e rir juntamente com eles.

O professor disse-me que, ao torno, sou um perigo público...

Quando penso que poderei fazer este trabalho e ficar fechado dentro de uma indústria, sinto arrepios para todo o corpo.

Não, esta profissão não é para mim! -

-----

- O dia na lagoa foi belíssimo.

Visitamos o castelo e passeamos pelas aldeias que existem em volta à lagoa.

Num belo prado cheio de margaridas, comemos sanduíches. John é pintor de casa com o seu pai e tem mais dinheiro de nós todos.

É muito generoso: pagou a gasolina para todos e ofereceu-nos cigarros.

Ele tem sempre um maço, e fuma em casa também.

Quando me oferece uma, eu tomo, mas felizmente não estou viciado, e posso ficar sem. Compro-as apenas no domingo, se tenho dinheiro.

Depois de ter visitado o que tínhamos programado, retomamos o caminho para casa.

No carro, com o rádio ligado, continuamos a rir, brincar e cantar. Sentimo-nos todos maiores!

À noite, levaram-me à casa da avó.

Cumprimentei-os e marcamos ao parque de jogos, na cidade.

A avó sabia que voltava tarde, tinha preparado o jantar e esperava por mim descontraída.

Depois de ter-me visto, cumprimentou-me e foi-se deitar.

Estava tão feliz!

Os meus amigos da cidade foram buscar-me cá, em casa da avó, para ficarmos juntos e divertirmo-nos!

Portanto querem-me muito bem! Querem-me bem assim como Lucius.

No meu coração há muita alegria.

Sentado na mesa, digo para mim:

“Steven não há apenas Susan, os tios, e Lucius que te querem bem, há também estes amigos! Tu também vales! Mesmo que na escola não foste bom.”

Faz tempo que fico pensando no trabalho que poderia fazer, mas não consigo ver opções.

O único seria o motorista de camião, mas o pai não me deixa.



Assim, fiquei com medo de ser um incapaz!

Na casa, com a atitudes deles, fazem-me todos entender isso, mesmo sem dizer.

Ao contrário, os meus amigos demonstraram-me que não é verdade...

Novamente sinto tanta alegria no coração, vou dormir feliz.

Antes de fechar os olhos, penso:

“Eu também tenho uma coisa que me orgulha: tenho muitos amigos que me querem bem.” –

*- Steven, fazer-se querer bem é uma das coisas mais belas e importantes da vida.*

*Verás que, com a boa vontade, encontrarás um emprego de teu gosto, e não acabarás fazendo o torneiro.*

*A tua mãe vai-te ajudar nisso também.*

*Agora esforça-te para terminar a escola. Depois verás. O futuro sempre tem surpresas.*

*Por esta razão não precisa estar triste e demasiado preocupado com o amanhã.*

*Não penses que não foste bom na escola, empenhaste-te.*

*O que conta é ser bom nas ‘coisas’ do coração. E tu és.*

*Seja orgulho disso. E também eu sou orgulho de ti.*

*Bravo, Steven! -*

- “Mãe, também tu tens orgulho de mim? Gostaria tanto!

Farei tudo para tu sejas sempre.

Ajuda-me a tornar-me num homem bom e carinhoso.

É tão bom querer bem e ter alguém que nos quer bem!

Farei o possível para ficar bom no trabalho também.

Fica sempre perto de mim. Mãe, ajuda-me a conseguir.” -

-----

Um dia, antes de casar, Susan chamou-me num lugar apartado e disse-me:

“Steven, mesmo casada, continuarei a lavar a tua roupa, não fiques preocupado.”

Fiquei mesmo comovido. Quer-me verdadeiramente bem! Agradei ao Céu: tive medo que George não concordasse. Ao contrário, ele também, mais uma vez, demonstrou, que me quer bem.

Hoje, Susan, veio visitar a avó com George, e assim me trouxe a roupa limpa.

Agradei-lhe muito: para mim é muito importante estar em ordem e limpo.

A agora cuidam disso ela e avó. Nem parece verdade! -

-----

- Mudaram muitas coisas desde o verão passado.

A avó já não mora na casa no meio das árvores.

Susan mora na cidade.

Lucius tem a namoradinha e estão sempre juntos.

E eu estou muito preocupado...!

Em breve iniciarei o último ano da escola e depois deverei ir trabalhar.

“Que trabalho vou fazer?

Como poderei viver ainda em casa, com a tia Adele?

Que vida é que está à minha espera?”

Todas estas perguntas continuam a dar voltas na minha cabeça e deixam-me triste.

A avó, quando me vê sério, diz-me:

“Steven que foi?

Fica tranquilo, verás que bem cedo encontrarás um trabalho do teu gosto. Encontrarás uma rapariga que te quer bem, casarás, irás ter a tua família, e ficarás feliz.”

Eu sorrio e penso quanto gostaria de ter uma família!

Mas não gostaria de casar e formar uma família: gostaria de ter a minha mãe e o meu pai... -

-----

- “Mãe, fazes-me muita falta!” -

## Conclusão

- Olá a ti que Leste este livro,

*agora Steven e eu despedimo-nos, mas podemos-nos encontrar novamente, em breve.*

*Steven vai crescendo e quando nos encontrarmos, continuará a contar-te a vida dele.*

*Não é Steven? -*

- Sim, sim. Eu prometo.

Mas, antes de nos despedirmos, gostaria de fazer uma coisinha.

Eu não te conheço, mas Dave disse-me que tu também és muito bom/boa e muito bravo/a.

Sinto que te quero bem também.

E então, mando-te muitos beijinhos e peço ao meu Anjo para levá-los até ti.

Ele o pode fazer, Dave disse-me.

E Dave sabe muitas coisas, e diz-me apenas a verdade.  
Agora juntos podemos fazer um jogo bonito.

Eu peço ao meu Anjo para levar-te os meus beijinhos e o bem que tenho para ti, cada vez que tu o desejes, e também tu podes fazer a mesma coisa com o teu Anjo.

Assim os nossos Anjos divertem-se a correr cá e lá, e nós teremos o coração cheio de amor. O que dizes?

Dave, pode-se fazer este jogo, não é? -

- *Claro que sim.*

*Tu já sabes que todos temos um Anjo por perto e que os Anjos são felizes em trazer a os corações o amor, a alegria e todas as coisas bonitas que desejamos enviar a quem queremos bem.*

*Que bela ideia tiveste, Steven!*

*Posso fazer também eu este jogo, juntamente contigo? -*

- Sim, sim. Que belo! Todos juntos... -

- *Adeus, até já.*

*Queremos-te tanto bem. -*

*Steven e Dave*

# *Índice*

<i>Premissa</i>	1
<i>Introdução</i>	6
<i>Nota do autor</i>	7
<i>Conclusão</i>	201

# *Livros de Sriyam*

*Estão disponíveis:*

- na versão em papel
- na versão e-book
- em Audiolivros
- em outras línguas

*As palavras de Dave foram canalizadas por Satya.  
Satya é autora de livros que contêm os  
channelings doados pelos Anjos*

*Para informações e atualizações sobre as obras  
de Satya e Sriyam visite o site:*

[www.suonidiluce.com](http://www.suonidiluce.com)